



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE MEDICINA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO NA SAÚDE  
MESTRADO PROFISSIONAL



LEILA COFFY

**AS ARTES NO CUIDADO E NA EDUCAÇÃO EM SAÚDE: UMA CARTOGRAFIA**

Porto Alegre

2023



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE MEDICINA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO NA SAÚDE  
MESTRADO PROFISSIONAL



LEILA COFFY

## **AS ARTES NO CUIDADO E NA EDUCAÇÃO EM SAÚDE: UMA CARTOGRAFIA**

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de mestre no Programa de Pós-Graduação em Ensino na Saúde – Mestrado Profissional, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof. Dr. Rafael Arenhaldt

Linha de pesquisa: Educação em Saúde e Políticas Públicas

Porto Alegre

2023

### CIP - Catalogação na Publicação

Coffy, Leila  
AS ARTES NO CUIDADO E NA EDUCAÇÃO EM SAÚDE: UMA  
CARTOGRAFIA / Leila Coffy. -- 2023.  
120 f.  
Orientador: Rafael Arenhaltd.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do  
Rio Grande do Sul, Faculdade de Medicina, Programa de  
Pós-Graduação em Ensino na Saúde, Porto Alegre, BR-RS,  
2023.

1. Artes. 2. Intersectorialidade. 3. Educação. 4.  
Educação em Saúde. I. Arenhaltd, Rafael, orient. II.  
Titulo.

## AGRADECIMENTOS

À minha mãe Zulma Rodrigues Coffy, que me fortalece com seu exemplo de coragem, e à minha família, unida em seu amor incondicional.

Aos meus amigos, que sempre apoiaram minhas ideias e perdoaram as ausências.

Aos meus colegas da Diretoria de Atenção Primária à Saúde, pelo companheirismo, pela troca de ideias e pelo apreço compartilhado ao Sistema Único de Saúde.

Ao meu orientador, Rafael Arenhaldt, por toda sua condução do processo desta pesquisa.

Aos membros da banca examinadora, pela disponibilidade e interesse em contribuir com este trabalho.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Ensino na Saúde, que constroem com dedicação um programa plural e acolhedor.

Aos meus colegas de Pós-Graduação e especialmente aos novos amigos das “teorias imperiais”<sup>1</sup>, pela parceria.

Aos entrevistados para esta pesquisa, pela generosidade ao me receberem em seu local de trabalho e apresentarem serviços construídos com arte e dedicação.

Aos residentes da Residência Multiprofissional em Atenção Primária, que participaram desta pesquisa e reafirmaram a relevância do tema em sua formação.

E aos alunos, oficinairos, usuários, estudantes e trabalhadores dos serviços percorridos, para os quais é dedicado todo esforço em busca de um cuidado humanizado e que respeite os diferentes modos de vida das pessoas.

---

<sup>1</sup> Grupo que se formou na última disciplina cursada no PPGENSAU e que discutia suas teorias no Bar Imperial.

*São as coisas que vocês não conhecem que transformam suas vidas.*  
(Wolf Vostell)

Figura 1 – Energia nº 8, de Wolf Vostell



Fonte: Marcos Santilli, Fundação Bienal de São Paulo. Disponível em: <http://fbbsp.org.br/post/517>.

## RESUMO

Esta pesquisa pretendeu subsidiar a estruturação de conexões entre as artes, o cuidado e educação em saúde, partindo do pressuposto de que há uma relação benéfica entre estes campos para os indivíduos. A questão para investigação é formulada no sentido de como incluir as artes no cuidado e na educação em saúde, e seu objetivo relacionado é cartografar ações que transversalizam arte, saúde e educação, existentes no âmbito das Secretarias Municipais de Saúde, Educação, Cultura e Economia Criativa e de Transparência e Controladoria, da Prefeitura Municipal de Porto Alegre, e identificar ações potenciais. Do ponto de vista metodológico, esta investigação encontrou suporte no método cartográfico, como processo aberto que admite a implicação do pesquisador e permite que a pesquisa e até mesmo os produtos advindos dela se delineiem ao longo do percurso, na perspectiva da compreensão sobre os elementos presentes na interseção entre saúde, educação e cultura com as artes, nestas estruturas municipais. Além da coleta de informações em sites institucionais e bibliotecas virtuais de publicação científica, foram realizadas sete entrevistas com trabalhadores destas secretarias, um diário de campo e uma ação de formação sobre arte no cuidado e na educação em saúde com os residentes do primeiro ano da Residência Multiprofissional em Atenção Primária da Secretaria Municipal de Saúde. Como produtos, além da ação formativa, foram elaborados um livro digital e um site com as ações mapeadas georreferenciadas, com o material organizado a partir da investigação. Emergiram da discussão das informações obtidas no percurso cinco dimensões que podem fornecer pistas para esta inclusão das artes no cuidado e na educação em saúde: intersetorialidade; o papel da educação ao longo da vida e da educação popular; a importância da presença das artes na formação dos profissionais de saúde; as artes para melhoria no ambiente e nos processos de trabalho; e políticas para inclusão das artes no cuidado e na educação em saúde. Foi possível depreender que atualmente as ações de interesse para a pesquisa ocorrem em maior parte pelo engajamento dos profissionais, sendo necessário sedimentá-las nas instituições através de políticas públicas, além de fomentar a presença das artes na formação dos profissionais de saúde.

**Palavras-chave:** Artes. Intersetorialidade. Educação. Educação em Saúde.

## ABSTRACT

This research intended to support the structuring of connections between the arts, healthcare and health education, based on the assumption that there is a beneficial relationship between these fields for individuals. The question for investigation is formulated in the sense of how to include the arts in healthcare and education, and its related aim is to cartograph actions that intersect art, health and education, within the scope of the Municipal Health, Education, Culture and Creative Economy and Transparency and Controllershship, from the Municipality of Porto Alegre, and identify potential actions. From a methodological point of view, this investigation found support in the cartographic method, as an open-ended process that grants the involvement of the researcher and allows the research and even the products arising from it to be outlined along the route, from the perspective of understanding the elements present at the intersection between health, education and culture with the arts, in these municipal structures. In addition to collecting information on institutional websites and virtual libraries of scientific publications, seven interviews were carried out with workers from these departments. A field diary and a training session on art in healthcare and education were also carried out for Primary Care residents of the Municipal Health Department. As products, besides the training activity, a digital book and a website were created with georeferenced mapped actions, with the material organized from the investigation. Five dimensions emerged from the discussion of the information gathered during the course that can provide indications for this inclusion of the arts in healthcare and education: intersectoriality; the role of lifelong education and popular education; the importance of the presence of the arts in the training of health professionals; the arts to improve the environment and work processes and policies to include the arts in healthcare and education. It was possible to infer that, currently, the actions of interest to the research occur mostly through the engagement of professionals, being required to consolidate them in the institutions through public policies, in addition to promoting the presence of the arts in the training of health professionals.

**Keywords:** Arts. Intersectoriality. Education. Health Education.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Diário de Campo .....	22
Figura 2 – Obras vestíveis de Solange Gonçalves Luciano .....	27
Figura 3 – Pintura no quintal do CAPS.....	38
Figura 4 – Uma Cartografia para Inclusão das Artes na Saúde .....	39
Figura 5 – Café Mentaleiro .....	44
Figura 6 – Claudio Gomis, Claudinho, o cara dos bichinhos .....	45
Figura 7 – Manifesto em pintura e bordado.....	51
Figura 8 – Fonte a caminho da horta comunitária no CMET.....	56
Figura 9 – Encontro com os residentes na Sala de Desenho .....	63
Figura 10 – Obras de Uýra expostas na Bienal de São Paulo .....	64
Figura 11 – Paulo Bruscky, em 1978, em ação nas ruas de Recife .....	65
Figura 12 – Pixação SP na Bienal de São Paulo .....	66
Figura 13 – Arthur Bispo do Rosário vestindo o Manto da Apresentação .....	67
Figura 14 – Diagrama com as ideias emergentes e sua possível categorização .....	70
Figura 15 – Mapeamento dos Pontos de Cultura .....	76

## LISTA DE ABREVIATURAS

CAPS	Centro de Atenção Psicossocial
CE	Cidade Educadora
CMET	Centro Municipal de Educação dos Trabalhadores Paulo Freire
EJA	Educação de Jovens e Adultos
LGBTQIAPN+	Sigla que abrange pessoas que são Lésbicas, Gays, Bi, Trans, Queer/Questionando, Intersexo, Assexuais/Arromânticas/ Agênero, Pan/Poli, Não binárias e mais.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>11</b>
<b>2</b>	<b>DIÁLOGO COM O REFERENCIAL TEÓRICO .....</b>	<b>14</b>
<b>3</b>	<b>OBJETIVOS .....</b>	<b>19</b>
3.1	OBJETIVO GERAL .....	19
3.2	OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	19
<b>4</b>	<b>PERCURSO E DISPOSIÇÕES METODOLÓGICAS DA PESQUISA .....</b>	<b>20</b>
4.1	TIPO DE ESTUDO.....	20
4.2	CONSIDERAÇÕES ÉTICAS.....	20
4.3	MOVIMENTOS DA PESQUISA .....	21
4.4	CARTOGRAFIA: PROCESSOS DE PRODUÇÃO E ANÁLISE DE DADOS.....	22
4.5	CONSIDERAÇÕES SOBRE OS RESULTADOS APRESENTADOS .....	25
<b>5</b>	<b>RESULTADOS E DISCUSSÕES DA PESQUISA.....</b>	<b>28</b>
5.1	MOVIMENTO CIDADE EDUCADORA: AÇÃO DA SECRETARIA MUNICIPAL DE TRANSPARÊNCIA E CONTROLADORIA.....	28
5.2	CENTRO DE ATENÇÃO PSICOSSOCIAL: AÇÃO DA SECRETARIA MUNICIPAL DA SAÚDE .....	37
5.3	GERAÇÃO POA: AÇÃO DA SECRETARIA MUNICIPAL DA SAÚDE.....	43
5.4	CENTRO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE TRABALHADORES PAULO FREIRE: AÇÃO DA SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO .....	51
5.5	ATELIER LIVRE XICO STOCKINGER: AÇÃO DA SECRETARIA MUNICIPAL DA CULTURA E ECONOMIA CRIATIVA.....	56
5.6	AÇÃO DE FORMAÇÃO COM RESIDENTES DA ATENÇÃO PRIMÁRIA À SAÚDE .....	62
<b>6</b>	<b>CATEGORIAS EMERGENTES DA DISCUSSÃO.....</b>	<b>69</b>
6.1	INTERSETORIALIDADE .....	69
6.2	EDUCAÇÃO AO LONGO DA VIDA E EDUCAÇÃO POPULAR.....	71
6.3	A PRESENÇA DAS ARTES NA FORMAÇÃO DOS PROFISSIONAIS DE SAÚDE .....	72
6.4	AS ARTES PARA MELHORIA NO AMBIENTE E NOS PROCESSOS DE TRABALHO .....	73
6.5	POLÍTICAS PARA INCLUSÃO DAS ARTES NO CUIDADO E NA EDUCAÇÃO EM SAÚDE .....	74
<b>7</b>	<b>IMPACTOS ACADÊMICOS E SOCIAIS DO PROJETO .....</b>	<b>78</b>
7.1	PRODUTO EDITORIAL .....	78
7.2	PRODUTO DE COMUNICAÇÃO.....	79
7.3	PRODUTO DE FORMAÇÃO PROFISSIONAL.....	80

<b>8</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>81</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>84</b>
	<b>APÊNDICE A – TERMO DE ANUÊNCIA INSTITUCIONAL.....</b>	<b>89</b>
	<b>APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – ENTREVISTA PRESENCIAL.....</b>	<b>90</b>
	<b>APÊNDICE C – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – AÇÃO DE FORMAÇÃO .....</b>	<b>92</b>
	<b>APÊNDICE D – ROTEIRO DE ENTREVISTA .....</b>	<b>94</b>
	<b>APÊNDICE E – AÇÃO DE FORMAÇÃO SOBRE ARTE NO CUIDADO E NA EDUCAÇÃO EM SAÚDE.....</b>	<b>95</b>
	<b>APÊNDICE F – E-BOOK “UMA CARTOGRAFIA PARA A INCLUSÃO DAS ARTES NO CUIDADO E NA EDUCAÇÃO EM SAÚDE” .....</b>	<b>108</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A complexidade do cuidado em saúde evoca um movimento contínuo, que ocasiona o surgimento de novas tecnologias e mesmo a expansão de seu conceito, e nos coloca em contato com os mais diversos campos de pensamento. A Organização Mundial da Saúde define saúde como “um estado de completo bem-estar físico, mental e social e não apenas a ausência de doença ou enfermidade”, ligando a saúde à sociedade e à cultura, enfatizando a importância da prevenção de doenças e, conseqüentemente, dos determinantes da saúde. Essa definição ampliada também foca em bem-estar, do ponto de vista individual e social, que pode incluir múltiplos aspectos da relação do indivíduo com a sociedade (Fancourt; Finn, 2019).

Por conseguinte, caberia, no que se entende por cuidado em saúde, diversas novas formas de promovê-lo, inclusive em colaboração com os indivíduos para os quais nos voltamos para esse cuidado, preservando sua autonomia. O primeiro contato que tive com a ideia de autonomia dos usuários em seu cuidado, e da corresponsabilidade dos profissionais de saúde nessa construção, foi ao estudar a Política Nacional de Humanização (Neves *et al.*, 2010) quando participei de um grupo de trabalho no Hospital Materno Infantil Presidente Vargas, em que discutíamos os preceitos dessa política e pensávamos em estratégias para promovê-los naquele ambiente.

Na época, atuava como enfermeira assistencial no hospital e cursava uma segunda graduação em Artes Visuais, e propunha algumas experiências com o uso de linguagens artísticas nos grupos em que estava inserida. Em uma dessas ocasiões, no Grupo de Trabalho em Humanização, orientados por duas atrizes, utilizamos a técnica do Teatro-fórum, em que “o espectador experimenta as possibilidades de atuação, de reivindicação da resolução de opressões vividas ou testemunhadas no contexto social” (Canda, 2012), para debatermos os conceitos de humanização com os trabalhadores do hospital em um seminário que organizávamos anualmente. Também constituímos um grupo multiprofissional na Casa da Gestante chamado “Olha só!”, em que fazíamos sessões de fotografias com as gestantes internadas e que não poderiam registrar sua gravidez em função da internação inesperada ou prolongada, em seus relatos sentíamos uma melhora em sua autoestima após essa interação, além da perceptível qualificação do vínculo com a equipe de saúde.

Atualmente atuo na Equipe de Educação e Programas de Residência na

Atenção Primária à Saúde do município de Porto Alegre, coordenando um programa de residência multiprofissional, lugar que trouxe ainda mais a percepção das possibilidades de atuação dos profissionais de saúde além do usual e de seus procedimentos de rotina, através da versatilidade e capilaridade que caracterizam a Atenção Primária à Saúde.

Essa atuação na gestão também possibilitou perceber um movimento intersetorial, entre secretarias e órgãos do município, para buscar soluções a partir de novas articulações entre entes de diversas esferas, públicas ou mesmo privadas, como na proposta do governo municipal chamada Pacto Alegre, que em um de seus projetos retomou a atuação do município na Rede de Cidades Educadoras, plano que entende a cidade como um “agente educativo permanente, capaz de potencializar os fatores educativos e de transformação social” (Associação Internacional de Cidades Educadoras, 2020) e onde colaboro em um de seus grupos de trabalho como representante da Atenção Primária à Saúde.

O contato com as artes, principalmente durante o bacharelado em Artes Visuais, cursado concomitantemente à atuação como enfermeira em um hospital e imbricando-se nela, trouxe a sensação de que a maneira com que experimento a vida, mesmo cotidiana, se modificou após essa experiência, e que saúde e bem-estar são conceitos amplos, com múltiplas possibilidades de abordagem. Essa percepção me fez procurar estudos que estabelecessem essa ligação, e partir do pressuposto de que a aproximação com as artes é essencial para uma experiência mais satisfatória na vida do indivíduo.

Contextualizo brevemente aqui, com algumas observações sobre minha trajetória, como surgiu o desejo de ingressar no Programa de Pós-Graduação em Ensino na Saúde, um programa de essência interdisciplinar, com uma de suas linhas de pesquisa voltada à reflexão sobre o processo de formulação de políticas de saúde, e pesquisar sobre esta conexão entre as artes e os diversos aspectos da vida, principalmente a saúde.

Realizei esta pesquisa considerando todo potencial que o contato entre as artes e a saúde pode ter, não compreendendo a arte somente como algo para entreter, o que não exclui essa faceta, mas em todas as possibilidades que o fruir ou até mesmo criar têm no desenvolvimento da dimensão subjetiva dos indivíduos. Nas primeiras buscas por produções sobre o assunto, já surgiram evidências desta relação benéfica, e então formulei minha pergunta de pesquisa no sentido de como incluir as artes no

cuidado e na educação em saúde no âmbito das Secretarias Municipais de Saúde, Educação, Cultura e Economia Criativa e de Transparência e Controladoria, essa última selecionada por ter retomado a adesão do município à Rede Internacional das Cidades Educadoras.

## 2 DIÁLOGO COM O REFERENCIAL TEÓRICO

A formulação da proposta de pesquisa apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino na Saúde, que culmina nesta dissertação, parte do contato com evidências que apontam a relação benéfica das artes com o cuidado e na educação em saúde. Aqui me refiro às “artes”, no plural, para explorar o maior número de linguagens artísticas e possibilidades, e mesmo considerando o hibridismo entre elas.

A arte tem significados diversos, em tempos e lugares diferentes (Gombrich, 2012, p.15). Em “Arte como experiência”, Dewey (2010, p.551) a define como:

A arte é uma qualidade que permeia a experiência; não é, a não ser em sentido figurado, a experiência em si. A experiência estética é sempre mais do que estética. Nela, um corpo de materiais e significados que em si não são estéticos torna-se estético, ao entrar em um movimento ordeiro e ritmado para a consumação.

Sendo que nossa conexão com estas experiências pode se dar por quaisquer questões que nos movam e nos afetem, como nossas memórias, e mesmo a cultura na qual estamos imersos:

O material da experiência estética, por ser humano, é social. A experiência estética é uma manifestação, um registro e uma celebração da vida de uma civilização, um meio para promover seu desenvolvimento, e também o juízo supremo sobre a qualidade dessa civilização. Isso porque, embora ela seja produzida e desfrutada por indivíduos, esses indivíduos são como são, no conteúdo de sua experiência, por causa das culturas de que participam (Dewey, 2010, p. 551).

Direcionando a discussão para um dos enfoques que busquei nesta pesquisa, relato uma experiência aprazível que tive e que ecoou em alguns pensamentos sobre meu viver, na exposição chamada “Arte como terapia”, em que os curadores Alain de Botton e John Armstrong intencionaram mostrar como a arte pode ser um meio terapêutico, capaz de auxiliar no enfrentamento dos dilemas da vida. Na mostra, seus textos com abordagem filosófica sobre essas questões estavam em cartazes amarelos que lembravam *post-its*, ao lado de obras do acervo do Rijksmuseum, procurando provocar o visitante a repensar algumas suposições cruciais sobre o que é uma visita ao museu e responder de outra forma qual é o propósito da arte, sugerindo que a arte poderia ser apreciada por seu poderoso efeito terapêutico (Botton; Armstrong, 2014a).

Em uma crítica a “maneira como o *establishment* artístico ensina, vende e

expõe arte”, levantam a possibilidade de a arte ter uma finalidade e ser um instrumento com “o poder de ampliar nossas capacidades para além dos limites originalmente impostos pela natureza”, propondo que a arte, incluindo obras de design, arquitetura e artesanato, “é um meio terapêutico que pode ajudar a guiar, incentivar e consolar o espectador, permitindo-lhe evoluir” (Botton; Armstrong, 2014b).

Considero importante elucidar que a inclusão das artes pensada nesta pesquisa não ocorreria somente através de Práticas Integrativas e Complementares em Saúde como a arteterapia, pensada no âmbito dessa política do Sistema Único de Saúde como “prática expressiva artística, visual, que atua como elemento terapêutico na análise do consciente e do inconsciente, favorecendo a saúde física e mental do indivíduo” (Ministério da Saúde, 2018), o que poderia excluir os achados relacionados à formação dos profissionais de saúde e à melhoria no ambiente e nos processos de trabalho, ao valor cultural e ao senso de pertencimento que pode advir da atividade artística, e à própria satisfação do indivíduo em desenvolver e expressar sua subjetividade.

Pela objetividade necessária para esta pesquisa, o engajamento com as artes proposto por Davies (*et al.*, 2012 *apud* Fancourt; Finn, 2019), a partir de estudo transversal que orienta sobre quais formas e atividades artísticas devem ser incluídas em pesquisas populacionais, pode ser assumido pela sua amplitude, e compreende cinco grandes categorias: (i) artes cênicas: música, dança, teatro, canto e cinema; (ii) artes visuais, design e artesanato: artesanato, design, pintura, fotografia, escultura e têxteis; (iii) literatura: escrever, ler e participar de festivais literários; (iv) cultura: ir a museus, galerias, exposições de arte, concertos, teatro, eventos comunitários, festivais e feiras culturais; e (v) artes *online*, digitais e eletrônicas: animações, cinema e computação gráfica.

Promovendo a ampliação de espaços de investigação e discussão sobre as possibilidades da relação das artes com a saúde, e sua inclusão na promoção e no cuidado no Brasil, a revista *Interface* é um espaço para publicação de estudos com foco interdisciplinar, a qual tem as artes como parte de seu projeto editorial. Um dossiê, publicado na revista em 2015, trata especialmente da conexão entre arte e saúde, trazendo experiências brasileiras e destacando a relação já antiga entre a produção cultural e as práticas em saúde no Brasil. Esse dossiê também aponta a existência de uma significativa produção latino-americana a ser difundida (Lima, 2015).

O dossiê da revista *Interface* apresenta experiências como uma intervenção urbana que tem como referências a reforma psiquiátrica e o atual contexto de medicalização da vida (Zanchet; Palombini; Yasui, 2015), e um projeto de humanização no acolhimento de uma Unidade Básica que envolveu equipe e usuários em melhorias da ambiência na sala de espera através da pintura (Sato; Ayres, 2015), que ocorreram como atividades ou intervenções de caráter transitório.

Em outro formato, o *site* Portfólio de Práticas Inspiradoras em Atenção Psicossocial da Escola Politécnica Joaquim Venâncio da Fiocruz, resultado da pesquisa “Desafios para a saúde mental na atenção básica: construindo estratégias colaborativas, redes de cuidado e abordagens psicossociais na Estratégia de Saúde da Família”, possui uma área dedicada a atividades artístico-culturais (Portfólio de Práticas Inspiradoras em Atenção Psicossocial, 2023).

No levantamento realizado, a primeira sistematização de experiências sobre o assunto encontrada é a do All-Party Parliamentary Group on Arts, Health and Wellbeing (2017), grupo multipartidário de parlamentares britânicos com interesses comuns no campo das artes, saúde e bem-estar. O relatório intitulado “Saúde criativa: as artes para a saúde e o bem-estar” assume conceitos expandidos de saúde e bem-estar, estratégicos para a Organização Mundial da Saúde, e também no campo da arte, onde inclui as artes visuais e cênicas, artesanato, dança, cinema, literatura, música, canto, jardinagem e as artes culinárias, reunindo evidências sobre o assunto e denotando um movimento para tornar a relação entre arte e saúde uma política pública.

Além de sua contribuição para o bem-estar, o documento aponta que as artes poderiam fortalecer estratégias de prevenção, auxiliar pessoas idosas a se manterem saudáveis e independentes, permitir que indivíduos tenham papel mais ativo em sua saúde e cuidados, mitigar o isolamento social com o fortalecimento dos serviços locais e promoção de comunidades mais coesas, aumentar o bem-estar entre os profissionais de saúde e assistência social, incentivar o trabalho voluntário, criar uma existência mais humana e positiva para a população carcerária, além de garantir uma distribuição mais equitativa dos recursos artísticos e acesso às artes para pessoas em desvantagem social ou econômica (All-Party Parliamentary Group on Arts, Health and Wellbeing, 2017).

Em outra publicação utilizada como referência, a Rede de Evidências em Saúde do Escritório Regional para a Europa da Organização Mundial da Saúde, reuniu

evidências na revisão de escopo intitulada “Quais são as evidências sobre o papel das artes na melhoria da saúde e do bem-estar?”, que mapeia evidências sobre o papel das artes na melhoria da saúde e do bem-estar, e afirma que os resultados dos estudos descritos identificaram um papel importante para as artes na prevenção de doenças, promoção da saúde e gerenciamento e tratamento de doenças ao longo da vida (Fancourt; Finn, 2019).

Nessa revisão de Fancourt e Finn (2019), os resultados agruparam-se em dois grandes temas: (i) prevenção e promoção e (ii) gestão e tratamento. Na prevenção e promoção os resultados mostraram como as artes podem afetar os determinantes sociais da saúde, auxiliar o desenvolvimento infantil, encorajar comportamentos de promoção da saúde, ajudar a prevenir doenças e apoiar cuidadores. Na gestão e tratamento, os resultados mostraram como as artes podem ajudar pessoas com doenças mentais, auxiliar no cuidado de pessoas com condições agudas, ajudar a apoiar as pessoas com transtornos de desenvolvimento e distúrbios neurológicos, auxiliar no manejo de doenças não transmissíveis e apoiar cuidados paliativos.

Segundo Fancourt e Finn (2019), para a Organização Mundial da Saúde o crescente interesse dos setores artísticos na saúde é particularmente oportuno e se encaixa com uma série de ações nas políticas de saúde mundiais, que trazem a importância da intersectorialidade e um maior foco no bem-estar e aumento do capital humano ao longo da vida. Os objetivos de promoção de saúde e bem-estar, a oferta de educação de qualidade, construção de cidades e comunidades sustentáveis, incentivo ao trabalho digno e crescimento econômico, e o trabalho em parceria, presentes na Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável (Nações Unidas, 2015), têm como parte integrante o envolvimento com as artes, “aumentando o capital cultural dentro das sociedades e potencialmente ajudando a promover a resiliência, equidade, saúde e bem-estar ao longo da vida”, e por operarem simultaneamente nos níveis individual e social, bem como físico e mental, intervenções de saúde baseadas em artes estariam em uma posição única para abordar toda a complexidade dos desafios de promoção à saúde (Fancourt; Finn, 2019).

Por isso entendo importante observar o que ocorre no município de Porto Alegre, investigação que acredito que possa fornecer pistas para esta inclusão das artes no cuidado e na educação em saúde, sem a pretensão de acrescentar ao assunto algo propriamente inovador, mas demonstrando que existem ferramentas possíveis e algumas já utilizadas em âmbito local, para promover a discussão e a

inclusão de algo que julgo promotor de uma vida mais satisfatória e plena para as pessoas.

O principal movimento para produção de dados desta pesquisa foi a realização das entrevistas e da ação formativa para os residentes, somada à oportunidade de conhecer os locais onde trabalham os entrevistados, e efetivamente ocorre este encontro entre arte, saúde e educação, que contribuiu para a materialização de alguns conceitos que surgiram para a discussão. Nesta etapa, o percorrer os locais compreendeu todas suas dimensões:

Com o termo “percurso” indicam-se, ao mesmo tempo, o ato da travessia (o percurso como ação do caminhar), a linha que atravessa o espaço (o percurso como objeto arquitetônico) e o relato do espaço atravessado (o percurso como estrutura narrativa) (Careri, 2015).

### 3 OBJETIVOS

#### 3.1 OBJETIVO GERAL

Cartografar ações que transversalizam arte, saúde e educação, existentes no âmbito das Secretarias Municipais de Saúde, Educação, Cultura e de Transparência e Controladoria de Porto Alegre, e identificar ações potenciais.

#### 3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Investigar o conhecimento de profissionais que atuam nestas secretarias do município sobre a relação entre arte, saúde e educação;
- Mapear as ações transversais e intersetoriais existentes, e se os profissionais envolvidos veem novas possibilidades de ações que estabeleçam esta relação;
- Desenvolver produtos técnicos a partir da investigação, como um livro digital, um *site* com locais georreferenciados e ações de formação sobre arte no cuidado e na educação em saúde para os residentes dos programas Multiprofissional em Atenção Primária à Saúde e Medicina de Família e Comunidade, para sensibilizar os profissionais sobre a relação entre arte, saúde e educação, e possibilitar a conexão entre os interessados em ações transversais.

## 4 PERCURSO E DISPOSIÇÕES METODOLÓGICAS DA PESQUISA

### 4.1 TIPO DE ESTUDO

Estudo qualitativo caracterizado como pesquisa-intervenção com o método cartográfico, que buscou investigar as ações presentes, emergentes e potenciais que transversalizam arte, saúde e educação e o conhecimento dos profissionais a respeito do tema, no âmbito das Secretarias Municipais de Saúde, Educação, Cultura e Economia Criativa e de Transparência e Controladoria.

### 4.2 CONSIDERAÇÕES ÉTICAS

A submissão do projeto aos Comitês de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e da Prefeitura Municipal de Porto Alegre, ocorreu após a emissão dos Termos de Anuência Institucional (Apêndice A) pelas Secretarias Municipais de Saúde, Educação, Cultura e Economia Criativa, e de Transparência e Controladoria, que foram contatadas através de *e-mail* institucional, no qual foi encaminhado o projeto de pesquisa e fornecida toda informação necessária para que esses órgãos permitissem a realização da pesquisa.

Após a aprovação na Comissão de Pesquisa da Faculdade de Medicina (COMPESQ-MED) e dos Comitês de Ética em Pesquisa, com pareceres favoráveis do CEP-UFRGS, sob o nº 66509023.6.0000.5347, e do CEP-SMSPA, sob o nº 66509023.6.3001.5338, a produção de dados pôde ser realizada.

As primeiras entrevistas ocorreram com os profissionais indicados pelas Secretarias Municipais de Saúde, Educação, Cultura e Economia Criativa e de Transparência e Controladoria, não se limitando a um único representante de cada secretaria, quando os entrevistados indicaram outros profissionais. A exclusão se deu somente pela limitação de tempo destinada para essa fase da pesquisa.

Para a ação de formação sobre arte no cuidado e na educação em saúde, os residentes dos programas Multiprofissional em Atenção Primária à Saúde e Medicina de Família e Comunidade da Atenção Primária à Saúde foram convidados para um encontro presencial de um turno, com participação voluntária e após ser firmado Termo de Consentimento Livre e Esclarecido específico (Apêndice B).

### 4.3 MOVIMENTOS DA PESQUISA

A primeira estratégia para aproximação dos locais da pesquisa ocorreu através da busca de informação em documentos institucionais públicos sobre as estruturas organizacionais das secretarias que realizam ou podem potencialmente realizar a relação entre arte, cuidado e educação em saúde. Foram consideradas as informações públicas disponibilizadas no *site* oficial da prefeitura municipal de Porto Alegre ou outros *sites*, com limitações relacionadas à existência de *sites* paralelos da prefeitura, em que a indicação do *site* antigo se encontra nas páginas do atual, pouca informação disponível e sem informação sobre data de atualização.

A definição da população do estudo, composta por trabalhadores das secretarias eleitas, foi planejada para que os entrevistados fossem designados pelas secretarias, preferencialmente no primeiro contato, realizado para solicitação dos Termos de Anuência Institucional, através de *e-mail* institucional. Entretanto, a demora na resposta a esses *e-mails* fez com que fossem necessários contatos informais, mediados por pessoas conhecidas ou indicações dessas, o que direcionou as entrevistas a interessados no assunto.

A seguir foram realizadas entrevistas com roteiro semiestruturado (Apêndice D), que ocorreu após o consentimento dos trabalhadores em participar da pesquisa, através de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice B). Sempre que possível, o roteiro foi apresentado no início da conversa, que foi gravada após esse consentimento específico. O roteiro não foi seguido em diversos momentos, porém não de forma deliberada, mas sim para que a conversa fluísse conforme os interesses e contexto do entrevistado. Após a realização das entrevistas, gravadas em áudio, foi utilizada a ferramenta Pinpoint Google para conversão dos arquivos de áudio em texto, o que auxiliou na transcrição dessas conversas e no resgate de falas importantes para este estudo, utilizadas como citações, além de anotações e alguns registros fotográficos no diário de campo.

Um diário de campo foi produzido, no decorrer da pesquisa, em diferentes suportes, como documentos no Google Drive ou anotações realizadas muitas vezes em cópias dos roteiros de entrevista, acompanhadas de desenhos e algumas fotografias dos locais visitados, auxiliando no resgate de detalhes desses locais e na interpretação de informações para sua discussão.



qualitativos e sua análise indutiva (O’Leary, 2017).

O método escolhido para a execução da pesquisa foi o cartográfico, por admitir a implicação do pesquisador e por permitir que a pesquisa, e até mesmo os produtos advindos dela, se delineasse ao longo do percurso. Trata-se de um “método processual, criado em sintonia com o domínio igualmente processual que ele abarca” (Kastrup; Barros, 2009), portanto sem um modelo de investigação preestabelecido, mas através de pistas, estratégias e procedimentos concretos.

A cartografia propõe uma reversão no sentido tradicional do método, “não mais um caminhar para alcançar metas prefixadas, mas o primado do caminhar que traça, no percurso, suas metas” (Passos; Barros, 2009) e coloca como indissociável o conhecer e o fazer, o pesquisar e o intervir, como afirmam Passos e Barros (2009): “[...] toda pesquisa é intervenção”. Posso sugerir o modo como operei o método cartográfico nesta pesquisa, com as palavras de Kastrup (2015, p. 30), em que a cartografia visa:

[...] acompanhar um processo, e não representar um objeto. Em linhas gerais, trata-se sempre de investigar um processo de produção. De saída, a ideia de desenvolver o método cartográfico para utilização em pesquisas de campo no estudo da subjetividade se afasta do objetivo de definir um conjunto de regras abstratas para serem aplicadas. Não se busca estabelecer um caminho linear para atingir um fim.

Portanto, para possibilitar a aplicação do método, utilizei um conjunto de procedimentos que permitiu esta investigação, do conhecimento sobre o assunto e o consequente mapeamento das ações já existentes e potenciais, composto por: (i) informações disponíveis em publicações e sítios oficiais; (ii) entrevistas sobre o conhecimento dos profissionais acerca da relação entre arte, saúde e educação e da existência de equipamentos que possam estabelecer esta relação nos órgãos em que trabalham e se veem outras possibilidades de uso e novas ligações entre as áreas pesquisadas; (iii) produção de um diário de campo como auxílio na construção do texto; (iv) e pela experiência da realização de ação de formação sobre arte no cuidado e na educação em saúde para os residentes dos programas da Atenção Primária da Secretaria Municipal de Saúde.

Pelos movimentos da pesquisa que foram possíveis, não há a pretensão de prescrições e replicabilidade em outros contextos ou ambiências. Vislumbrou-se especificidades que constituem a singularidade deste momento nos locais percorridos nesta investigação. Em uma conversa com um grupo de pesquisa, Virginia Kastrup

elucida dúvida sobre o volume de dados coletados e sobre a crítica de que este tipo de pesquisa não seria científica, por apenas inferir e não produzir algo novo:

Em primeiro lugar, não existe um conceito unificado de ciência. A meu ver, a pesquisa tem que produzir uma problematização nova, que faça avançar o seu domínio de investigação, o que é possível com a pesquisa-intervenção e com a cartografia. Geralmente fazer ciência tem sido entendido como aplicar protocolos, mas fazer ciência é, sobretudo, inventar novos problemas. Isso pode se dar com pequenos passos e não por grandes revoluções (Kastrup *et al.*, 2019).

Invoca-se a perspectiva rizomática de Deleuze como imagem, que faz ver e compreender que uma pesquisa não tem centro, começo ou pré-organização, ou seja, o “rizoma não tem centro” (Passos; Kastrup; Escóssia, 2015, p. 10). Outrossim, o que importa no processo da pesquisa é a compreensão dos contextos da produção, das formas como os atores e interlocutores da pesquisa agem e dizem como agem em seus espaços de atuação. No método cartográfico a implicação do pesquisador é reconhecida, “sujeito e objeto da pesquisa se relacionam e se codeterminam” (Alvarez; Passos, 2009), permitindo fazer parte deste território, engajar-se nele, e aprender com os eventos acompanhados.

Na introdução deste trabalho exponho que minha implicação não se dá apenas pelo interesse no assunto, e me situo no universo pesquisado como trabalhadora em uma das secretarias, e interessada em que esta interlocução entre elas ocorra efetivamente. Portanto sigo “ao lado da experiência” (Alvarez; Passos, 2009) durante esta produção:

O “saber com”, diferentemente, aprende com os eventos à medida que os acompanha e reconhece neles suas singularidades. Compreende de modo encarnado que, mais importante que o evento em geral, é a singularidade deste ou daquele evento. Ao invés de controlá-los, os aprendizes-cartógrafos agenciam-se a eles, incluindo-se em sua paisagem, acompanhando os seus ritmos (Alvarez; Passos, 2009, p. 143).

Busquei um processo de investigação, de metodologias e procedimentos que possibilitassem uma leitura e interpretação do acontecido, das manifestações e olhares dos (e com os) participantes desta, no âmbito de uma pesquisa de caráter qualitativo, e encontrei na cartografia um processo de pesquisa e metodologia amparados em disposições abertas e criativas (Passos; Kastrup; Escóssia, 2015, p. 8). Diante disso, desenvolveu-se uma pesquisa qualitativa em Saúde Coletiva que

intentou captar as sinergias e a dimensão transversal presente e emergente no âmbito das ações destas estruturas municipais, na perspectiva de identificar suas possibilidades, potencialidades e aberturas.

#### 4.5 CONSIDERAÇÕES SOBRE OS RESULTADOS APRESENTADOS

Após a tramitação nos Comitês de Ética em pesquisa, em função do tempo restante para realização das entrevistas, algumas escolhas foram necessárias, para que o grupo de pessoas entrevistadas tivesse a presença de todas as secretarias previstas no projeto, além dos locais que julguei essenciais para a realização de uma cartografia de ações que transversalizem arte, saúde e educação, existentes e potenciais no município.

Foram realizadas sete entrevistas, sendo duas na Secretaria Municipal de Saúde, uma na Educação, duas na Cultura e Economia Criativa e duas na de Transparência e Controladoria, não se limitando a um único representante de cada secretaria quando os entrevistados indicaram outros profissionais que também tinham afinidade com o assunto, no que se conformou em uma estratégia de amostragem não aleatória, possível na pesquisa qualitativa (O'Leary, 2017).

Considerando as entrevistas, destaco a característica de ter interlocutores engajados e conhecedores dos serviços que acessei. Também aponto que em muitos momentos o roteiro de entrevista previsto não foi seguido, o que trouxe novas ideias para a investigação, porém tornou a categorização complexa. Esta fuga do roteiro pode estar relacionada a minha inexperiência como entrevistadora, e à característica destes entrevistados, o que tornou a conversa fluida e instigante, sendo contraproducente interrompê-la. Quanto ao processo de trabalho destes locais, todos pareceram abertos à possibilidade de relacionar saúde e educação com arte, ou mesmo já executando projetos nesse sentido.

Acredito que o objetivo de investigar o conhecimento de profissionais que atuam nestas secretarias do município sobre a relação entre arte, saúde e educação tenha sido eclipsado, em virtude da característica percebida nos entrevistados, de afinidade e mesmo atuação em áreas e setores que têm esta presença das artes, trazendo outros desdobramentos à discussão.

O método e os procedimentos de pesquisa utilizados permitem este reposicionamento diante do roteiro de entrevista e mesmo a incorporação destas

outras informações advindas da presença no local da pesquisa, como definem Alvarez e Passos (2009, p. 143-144):

O pesquisador se coloca numa posição de atenção ao acontecimento. Ao invés de ir a campo atento ao que se propôs procurar, guiado por toda uma estrutura de perguntas e questões prévias, o aprendiz-cartógrafo se lança no campo numa atenção de espreita. Conhecer, nessa perspectiva, pressupõe o “endereçamento” ou a relação de mutualidade que entrelaça sujeito e objeto da pesquisa.

Sobre o tamanho do grupo de pessoas entrevistadas, creio que quanto maior a diversificação dos órgãos e serviços, mais abrangência sobre o tema seria alcançada, e provavelmente surgiriam mais perspectivas para discussão. Acrescentaria às entrevistas, em uma oportunidade de seguir a pesquisa, a presença de mais profissionais: (i) na Secretaria de Saúde, de uma unidade de saúde e de um hospital; (ii) na Secretaria de Educação, de uma escola de ensino fundamental; (iii) e na Secretaria de Cultura e Economia Criativa, de uma das outras coordenações de Dança, Artes Cênicas e Literatura do Centro Municipal de Cultura, Arte e Lazer Lupicínio Rodrigues.

Registro aqui ainda a Rede Educativa de Museus e Instituições Culturais de Porto Alegre e a Oficina de Criatividade do Hospital Psiquiátrico São Pedro como possibilidades de qualificar a pesquisa, mas que demandariam novas análises de outros Comitês de Ética em Pesquisa e inviabilizariam a sua finalização no tempo determinado pelo programa.

Especialmente sobre a Oficina de Criatividade, projeto permanente do Hospital Psiquiátrico São Pedro, iniciado há mais de 30 anos, tive contato com alguns textos produzidos, que mesmo não sendo utilizados nesta pesquisa, inspiraram algumas reflexões sobre o tema. Seguindo as premissas de Nise da Silveira, o grupo que conduz a oficina constituiu um grande acervo com os trabalhos realizados e no momento em que finalizo a pesquisa promove a exposição “Esta coisa que pulsa”, em que destaco da proposta curatorial exposta no local a intenção de motivar “a pensar sobre arte, liberdade, loucura e sobre a ativação de saídas possíveis para a construção de outros referenciais sociais no resgate de vidas singulares”.

Figura 2 – Obras vestíveis de Solange Gonçalves Luciano



Fonte: Acervo pessoal da autora.

## 5 RESULTADOS E DISCUSSÕES DA PESQUISA

A seguir relato os encontros e desenvolvimento dos temas emergentes em um exercício cartográfico, no percurso realizado nos serviços das Secretarias de Transparência e Controladoria, Saúde, Educação e Cultura e Economia Criativa do município, e na ação formativa realizada com os residentes do programa de Residência Multiprofissional em Atenção Primária da Secretaria Municipal de Saúde.

### 5.1 MOVIMENTO CIDADE EDUCADORA: AÇÃO DA SECRETARIA MUNICIPAL DE TRANSPARÊNCIA E CONTROLADORIA

A Secretaria Municipal de Transparência e Controladoria (SMTC) foi criada em 2017, e a partir desta reorganização da administração pública municipal, ficou responsável pelo planejamento, coordenação, articulação e controle de políticas voltadas para auditoria preventiva, fiscalização e acompanhamento da gestão de sistemas administrativos e operacionais do município, sendo uma de suas metas a potencialização do diálogo entre a sociedade e a administração pública (Prefeitura Municipal de Porto Alegre, 2023).

Seus documentos institucionais anunciam uma nova lógica na relação da administração pública com a sociedade, através da transparência como elemento de controle, com a intenção organizar a participação, proteção e defesa dos direitos dos usuários dos serviços públicos, e garantir a participação da sociedade e a avaliação periódica da qualidade da prestação de serviços (Prefeitura Municipal de Porto Alegre, 2023).

Um dos projetos conduzidos pela SMTC, que de modo especial interessa a esta pesquisa, é o Cidade Educadora (CE), compromisso assumido pela prefeitura municipal ainda em 2001 com a Associação Internacional das Cidades Educadoras, sediada na cidade de Barcelona (Gadotti, 2006). Essa associação sem fins lucrativos é constituída como uma estrutura permanente de colaboração entre governos locais de todo o mundo, comprometidos com a educação como ferramenta de transformação social, que promove o intercâmbio de ideias, reflexões e boas práticas. Através dos princípios presentes na Carta das Cidades Educadoras se coloca a possibilidade de construir cidades que educam ao longo da vida, e onde a educação transcende os muros da escola e permeia toda a cidade (Associação Internacional de Cidades

Educadoras, 2023).

Atualmente, a SMTC ocupa algumas salas do décimo andar do Centro Administrativo Municipal de Porto Alegre, ao lado do Mercado Público, e a *skyline* que surge nas janelas é uma perspectiva interessante do Centro Histórico da cidade. Nesta secretaria pude entrevistar o titular da SMTC, e coordenador político do CE, e o coordenador técnico do CE.

O coordenador técnico do projeto CE inicia sua fala reposicionando sua ideia sobre este, afirmando que prefere não o chamar mais de projeto, e sim de movimento, pois o considera “conectado com tudo”. Ele utiliza como exemplo um pensamento que lhe ocorreu observando os projetos premiados pela Federação das Associações de Municípios do Rio Grande do Sul em um Prêmio Boas Práticas na Gestão Pública Municipal e afirma que todos teriam uma “dimensão educadora”, acrescentando que os projetos da prefeitura poderiam ter esta dimensão: “podemos falar de qualquer serviço urbano na cidade com potencial educador”, e mesmo os planos municipais poderiam se relacionar com o CE pois ele teria “relação com a estrutura da cidade”. Sobre este assunto conclui que esta inclusão nos planos municipais se daria em um “processo longo”, e que tem como um obstáculo, no momento, a equipe reduzida do CE.

Pergunto sobre a relação com outras secretarias e órgãos municipais, e ele cita as Secretarias de Educação, Cultura e Economia Criativa, Meio Ambiente, Urbanismo e Sustentabilidade, de Esporte, Lazer e Juventude, da Saúde, além da Empresa Pública de Transporte e Circulação (EPTC) e do Departamento Municipal de Limpeza Urbana. Relata uma conversa com gestores das secretarias em que colocou como um dos tópicos o CE, e que todos teriam projetos para desenvolver, surgindo novamente em sua fala a questão da falta de “força de trabalho” para operacionalizar este trabalho em conjunto.

A relação com outros setores da prefeitura e com outras instituições, e parcerias entre poder público, organizações da sociedade civil, universidades e empresas privadas são essenciais no CE, declaração que consta no preâmbulo de sua carta:

A educação transcende as paredes da escola para impregnar toda a cidade. Uma educação para a cidadania, na qual todas as administrações assumem a sua responsabilidade na educação e na transformação da cidade num espaço de respeito pela vida e pela diversidade (Associação Internacional de Cidades Educadoras, 2020).

No final de semana anterior ao encontro da entrevista, o coordenador relata ter participado de um evento em uma praça do município, que reuniu ações culturais e de saúde. Sobre a relação do cidadão com o poder público, considera que eventos como estes podem auxiliar a conquistar a confiança das pessoas, quanto a representar a gestão nestes espaços, e o desconhecimento deste público da questão da falta de pessoal pontua: “mas a gente tem que comunicar”, “a gente é quem recebe os impostos, tem uma questão de um serviço que a gente tem que fazer, que é a razão de existir do serviço público”.

A ideia de Praças Educadoras busca revitalizar estes espaços, que o entrevistado acredita terem um grande potencial de educação e de saúde, com o auxílio dos prefeitos das praças, voluntários da comunidade que administram o local, desencadeando um “processo de retorno à vida comunitária”, representando a entrada da política pública e o gerenciamento da comunidade.

Questiono então sobre quais seriam os obstáculos para viabilização do CE, ao que responde que seriam o financiamento, o envolvimento de outros setores e do cidadão:

Eu costumo dizer que a prefeitura é um quarto dessa relação, um quarto é a prefeitura, um quarto empresas, um quarto instituições de ensino e um quarto é a sociedade civil organizada.

Neste sentido vê o CE como um ambiente promotor destas conexões:

No momento que a gente tiver uma estrutura, um processo bem delineado, a gente se propõe a ser isso, um “hub” de cidade educadora, esse local que as pessoas vão lá e vão propor e a gente vai conseguir auxiliar, vai conseguir ver as fontes de recursos e poder produzir a solução.

No campo da saúde são utilizadas estratégias intersectoriais que incluem a participação da sociedade civil na execução de ações direcionadas à redução das iniquidades sociais, para o enfrentamento de problemas complexos e produção de efeitos mais significativos na saúde da população, sendo uma ação deliberada, que requer respeito à diversidade e às particularidades setoriais, mas pressupõe um processo de trabalho sustentado em um objetivo comum, articulando diferentes níveis de complexidade e de recursos, e mobilizando distintos atores sociais (Prado *et al.*, 2022).

Entendo que a participação de outros setores além do poder público, como organizações da sociedade civil, universidades e empresas privadas em projetos

intersetoriais é desejável, pois estes também têm seu papel na construção do bem-estar social, ampliando o alcance destes, resguardado o funcionamento adequado do serviço público, para que esta participação não tenha a função de somente preencher lacunas e perca seu potencial como estratégia de gestão e responsabilidade compartilhada.

Em dezembro de 2021 o município promulgou uma lei que dispõe sobre a autorização para a adesão à Carta das Cidades Educadoras e sobre o reingresso na Associação Internacional das Cidades Educadoras (Diário Oficial de Porto Alegre, 2023). O entrevistado relata que no momento, um grupo de trabalho está elaborando um decreto para regulamentá-la, prevendo um comitê interinstitucional com representações da prefeitura municipal, empresas, instituições de ensino e sociedade civil, para a criação de projetos para captação de recursos externos, e que buscará também formação nesta área de criação e gestão.

Falamos sobre o acesso da população a estes projetos, e o entrevistado refere um movimento de descentralização, um planejamento para o deslocamento para a periferia da cidade, com eventos mensais em comunidades diferentes. Pergunto então sobre o acesso às instituições, como os museus e outras instituições culturais da cidade:

Tem um processo também que deve ser feito nas comunidades, que elas entendam também que tudo pertence a elas também, senão elas vivem à parte, não vou nem dizer da cidade, à parte do centro ou das áreas novas.

O entrevistado cita o trabalho da Rede Educativa de Museus e Instituições Culturais de Porto Alegre (REMIC-POA), projeto que faz parte das ações do CE e que promove e divulga as atividades de diversos espaços culturais da cidade, desenvolvendo ações como o circuito cultural que levou pessoas em situação de rua para visita em alguns destes espaços, ou atividades em museus para o público infantil.

A seguir narra que o CE se envolveu na criação do primeiro Congresso Popular de Educação para Cidadania, e o considera um movimento inverso, em que “as pessoas do centro” foram para comunidades periféricas como as vilas Planetário, Bom Jesus e Morro da Cruz: “para elas ouvirem a comunidade falar das suas potencialidades ou o seu conceito de educação”, em um momento onde todos se educaram:

Porque as soluções têm que vir das pessoas, a solução que a gente empurra, que o centro empurra para periferia é uma solução que não pega, que não foi construída com as pessoas lá.

Acrescenta que eventos como este promovem a ideia do CE nas comunidades, para as pessoas destes locais se sintam pertencentes, também educadoras, e capazes de mobilizar a prefeitura e as instituições para a criação de projetos. O entrevistado fala do conceito de “educação ampla”, que vai além da educação formal, que ocorre na escola. Acredita que “estabelecer essa filosofia nas comunidades, vai repercutir na escola”, que esta “educação informal” pode transformar a escola e até mesmo a “educação formal”.

Para Gadotti (2006), “a vivência na cidade se constitui num espaço cultural de aprendizagem permanente por si só” mas a cidade também pode ser intencionalmente educadora quando forma para e pela cidadania, e permite que todos os seus habitantes usufruam das mesmas oportunidades de formação, desenvolvimento pessoal e de entretenimento que ela oferece. Ao tratar do conceito de Cidade Educadora relaciona-o com outro, o de Escola Cidadã, somando a estes um novo componente:

[...] a comunidade educadora reconquista a escola no novo espaço cultural da cidade, integrando-a a esse espaço, considerando suas ruas e praças, árvores, bibliotecas, seus pássaros, cinemas, bens e serviços, bares e restaurantes, teatros, suas igrejas, empresas e lojas... enfim, toda a vida que pulsa na cidade. A escola deixa de ser um lugar abstrato para inserir-se definitivamente na vida da cidade e ganhar, com isso, nova vida. Ela se transforma num novo território de construção da cidadania (Gadotti, 2006).

Pergunto sobre a relação do CE com as artes, ao que responde que “a arte sem dúvida nenhuma é um braço da saúde, é um braço da cultura, é um braço da cidade educadora, não tem como não ser” e destaca também a importância econômica dos empreendimentos culturais, que geraram tributos para a cidade. Ilustrando estas conexões, fala de um dos projetos das Olimpíadas da Inovação do Pacto Alegre, vinculado ao CE por um de seus grupos de trabalho, chamado Educação Fora da Caixa, onde o coletivo Garotas de Vermelho, da Escola Municipal de Ensino Fundamental Saint Hilaire, na Lomba do Pinheiro, produz e vende *kits* educativos de saúde menstrual com absorventes de tecido. Com o valor arrecadado, as estudantes garantem o pagamento dos custos e a doação de outro *kits* para meninas em situação de vulnerabilidade. E conclui que este projeto “nasce na escola, mas também pensa fora da escola”.

A configuração atual de nossa sociedade amplia o papel social da escola, que deve estar presente na cidade e que criar novos conhecimentos “sem abrir mão do conhecimento historicamente produzido pela humanidade, uma escola científica e transformadora” (Gadotti, 2006), portanto seu grande desafio nesta cidade que deseja ser educadora é traduzir esses princípios em experiências práticas inovadoras, em projetos para a capacitação cidadã da população, para que ela possa tomar em suas mãos os destinos da sua cidade:

Diante dos novos espaços de formação criados pela sociedade da informação, ela os integra e articula. Ela deixa de ser “lecionadora” para ser cada vez mais “gestora” da informação generalizada, construtora e reconstrutora de saberes e conhecimentos socialmente significativos. Portanto, seu papel é mais de articuladora da cultura, de dirigente e agregadora de pessoas, movimentos, organizações e instituições (Gadotti, 2006).

Após a conversa com o coordenador técnico do CE, entrevistei o titular da SMTC, e coordenador político do CE. Como já tinha realizado algumas entrevistas, comentei o fato de que algumas pessoas com quem havia conversado desconhecem parcialmente ou mesmo totalmente o CE. O entrevistado conduz o assunto para o resgate dos aspectos históricos do projeto nesta secretaria e define o CE como “transformar a cidade como uma plataforma permanente de educação integral, para a vida inteira, integral para todos”.

O entrevistado explica que a SMTC se relaciona com o cidadão através da Ouvidoria, do Portal de Transparência, e da Central de Atendimento ao Cidadão (156+POA). Além disso, ela agregou a questão interna da corregedoria e algumas ações como *compliance*, Lei Geral de Proteção de Dados e por fim o CE. Recorda que acompanhando o funcionamento do 156+POA, ao perceber encaminhamentos equivocados de servidores em diversos processos, relacionou a possíveis lacunas em informação, comunicação e capacitação, e sentiu a necessidade de humanizar o setor: “não adianta a gente investir em tecnologia se a gente não investir na formação das pessoas, no letramento digital”.

No início da atual gestão municipal e de seu secretariado, em conversa com um consultor, perceberam que isso poderia se relacionar com o CE. O município já tinha se filiado a Associação Internacional das Cidades Educadoras, porém no governo anterior teria se desconectado quase que completamente, tendo mantido somente o projeto de Educação para o Trânsito da EPTC. Então solicitou ao prefeito

que nos próximos dias estaria em viagem a Barcelona, que reassumisse o compromisso com a associação.

Enquanto conversamos, penso em como seria executar um projeto desta amplitude e questiono então como financiá-lo. O entrevistado aponta que, na configuração atual, não é possível acessar o orçamento da educação ou até mesmo outros orçamentos, como o da saúde, setor em que observa uma série de ações preventivas que poderiam estar em um dos projetos do CE. Para viabilizar muitas destas ações, afirma que conseguiram “trazer a quádrupla hélice para esse processo, ou seja, poder público, organizações da sociedade civil, universidades e empresas”.

A seguir, o entrevistado relata que na secretaria, além de haver pouco recurso financeiro, não foi possível direcionar servidores exclusivamente para a condução do CE. Mesmo com estas dificuldades iniciais ele destaca o grande potencial da ideia e utiliza as Praças Educadoras, administradas pelos prefeitos voluntários, como exemplo de projeto de baixo custo, porém de alto impacto “para que a cidade viva a cidade”.

Acredito que para o adequado financiamento de projetos como o CE é preciso que esta vontade política esteja presente nos planejamentos municipais e consequentemente em seus orçamentos, o que viabiliza a organização de organogramas com a previsão de servidores responsáveis pela pauta e a destinação de recursos para execução de ações do projeto, sedimentando-o nas estruturas municipais.

Pergunto como estabelecer comunicação com outros órgãos ou secretarias, e ele relata que ao chegar na SMTTC ouvia muito que a prefeitura estava “atrasada”, mas, após iniciar a organização dos processos, percebeu que o problema era a desconexão destas estruturas, e desde então tem trabalhado com o conceito de interoperabilidade.

A interoperabilidade pode ser definida como:

A capacidade de diversos sistemas e organizações trabalharem em conjunto, de modo a garantir que pessoas, organizações e sistemas computacionais interajam para trocar informações de maneira eficaz e eficiente (Escola Nacional de Administração Pública, 2015).

E esta troca de informações característica da interoperabilidade pode ser uma ferramenta para promoção da intersetorialidade, permitindo que suas diferenças possam ser utilizadas produtivamente na abordagem de problemas sociais (Prado et

al., 2022).

Neste momento da entrevista, faço referência a projetos que tenho conhecimento no âmbito da Secretaria Municipal de Saúde que considero alinhados com o CE, e ele afirma que seriam qualificados se estabelecessem esta conexão, e acrescenta que, pensando em uma próxima gestão, proporia uma secretaria extraordinária “para pensar uma cidade educadora”. A seguir, complementa com outras possibilidades de espaços promotores de conexões, como o Pacto Alegre, e o Coletivo Porto Alegre Inquieta, que envolvem outros entes da cidade. Além destes, considera que poderiam existir outros espaços de convivência, e especialmente quando tratamos das estruturas da prefeitura, fala que gostaria de percorrer as secretarias em “caravana”, porém não prevê uma oportunidade em função do tempo que seria necessário para tal atividade.

O entrevistado relata que uma experiência positiva de dialogar com outras secretarias ocorreu com o aumento de 5% para 36% da utilização do aplicativo 156+POA, que acredita estar relacionado ao letramento em tecnologia. Comenta também que a elaboração e divulgação da Carta de Serviços para o cidadão não seria um trabalho necessariamente de tecnologia, mas um trabalho de educação ou mesmo cultura para cidadania, em consonância com o CE. Utiliza como exemplo a gestão da agenda das quadras esportivas na Orla do Guaíba, em que os usuários estão gerindo o espaço, bastando que a prefeitura tenha fornecido esta ferramenta:

É um processo de acreditar nas pessoas, as pessoas sabem se autorregular, a prefeitura precisa ter alguns mecanismos para ajudar, isso é fazer uma cidade educadora, é tu conseguir dar espaço para que as pessoas consigam construir a cidade.

Uma cidade que educa também tem a função de educar para a cidadania, promovendo e desenvolvendo o protagonismo de seus cidadãos:

Podemos falar em cidade que educa quando ela busca instaurar, com todas as suas energias, a cidadania plena, ativa; quando ela estabelece canais permanentes de participação, incentiva a organização das comunidades para que elas tomem em suas mãos, de forma organizada, o controle social da cidade (Gadotti, 2006).

Na entrevista também conversamos sobre ferramentas digitais, pergunto se pensa ser interessante o mapeamento que inicialmente coloquei em meu projeto. Ele acredita que uma estratégia seria a formação de um grupo de trabalho para esta discussão, para inicialmente trocar experiências, mapear o que se conhece no

momento, o que a princípio poderia apontar problemas e não soluções, porém ainda sim válido como início do processo, e sugere que eu proponha o desenho de uma ferramenta digital para este mapeamento.

Após nossa conversa, identifiquei algumas iniciativas de mapeamento colaborativo já existentes, como o *software* livre Mapas Culturais, desenvolvido em 2014 pelo Instituto TIM em parceria com a Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo, e que permite a inserção de informações sobre os equipamentos culturais, programações, eventos e editais oficiais pelo poder público e pela população, sendo que esta pode se cadastrar como agente cultural, individual ou coletivo, e divulgar seus próprios dados e programações, se inscrever em editais ou se articular em rede com outros agentes (Instituto Tim, 2023).

O Mapa da Cultura é construído a partir do *software* livre Mapas Culturais, e foi adotado em várias regiões do país. Se caracteriza como um espaço para integrar e dar visibilidade a projetos, artistas, espaços, eventos culturais e seus produtores, e é a principal base de informações e indicadores do Ministério da Cultura, reunindo informações do antigo Registro Aberto da Cultura, da Rede Cultura Viva, do Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas e do Cadastro Nacional de Museus (Mapa da Cultura, 2023).

A Plataforma da Rede Cultura Viva é a plataforma do Cadastro Nacional de Pontos e Pontões de Cultura, instituído pela Lei Cultura Viva, para incentivar e disseminar iniciativas culturais. Permite a autodeclaração por parte das entidades e coletivos culturais, e o reconhecimento por parte do Estado, estabelecendo uma relação direta entre os Pontos de Cultura, o Ministério da Cidadania, e entes federados parceiros (Cultura Viva, 2023).

Outro exemplo de mapeamento colaborativo é o CulturaEduca, desenvolvido pelo projeto de pesquisa colaborativo InterSCity, Instituto de Matemática e Estatística da Universidade de São Paulo e Universidade Federal de São Paulo, e abrange equipamentos educativos e culturais, com a possibilidade de sobrepor camadas de informação, como dados de órgãos oficiais coletados por meio de pesquisas, como os Censos Demográfico e Escolar, a dados levantados por cidadãos a partir de suas observações e vivências cotidianas (Cultura Educa, 2023).

Também cito aqui um *site* que já utilizei como referência, o Arte Fora do Museu, que apresenta um georreferenciamento de obras de arte em espaços públicos nas categorias *street art*, escultura, mural e arquitetura. Criado por André Deak e Felipe

Lavignatti a partir de um projeto para um prêmio da Funarte, insere obras em seu mapeamento após análise curatorial de informações enviadas pelo público, além de disponibilizar informações sobre as obras e artistas (Arte Fora do Museu, 2023).

Vejo a cidade como uma estrutura dinâmica, assim como o conceito do que é arte deve ser amplo para este objetivo, não devendo ser mediado por um único setor, e sim colaborativo. Acrescento que, além do fornecimento de uma ferramenta de conexão, se faz necessário um espaço para discussão onde estas conexões podem então surgir.

O mapeamento de estruturas de artes, saúde e educação do município visitadas, e das ações transversais que já ocorrem, apresentada como um dos produtos desta pesquisa, pode subsidiar a análise destas, com a possibilidade de incrementar a integração dos agentes e setores. Contudo, disponibilizar plataformas como as citadas ou mesmo a elaborada, é apenas parte de um movimento maior, que deve compreender a intersetorialidade como estratégia de gestão pública, para a articulação entre os setores e complementaridade das ações (Wanderley; Martinelli; Paz, 2020).

## 5.2 CENTRO DE ATENÇÃO PSICOSSOCIAL: AÇÃO DA SECRETARIA MUNICIPAL DA SAÚDE

Os Centros de Atenção Psicossocial (CAPS) são serviços de saúde de caráter aberto e comunitário voltados aos atendimentos de pessoas com sofrimento psíquico ou transtorno mental, incluindo aquelas com necessidades decorrentes do uso de álcool, crack e outras substâncias, e que se encontram em situações de crise ou em processos de reabilitação psicossocial. Nestes estabelecimentos atuam equipes multiprofissionais que utilizam diferentes intervenções e estratégias de acolhimento, como psicoterapia, seguimento clínico em psiquiatria, terapia ocupacional, reabilitação neuropsicológica, oficinas terapêuticas, medicação assistida, e atendimentos familiares e domiciliares (Ministério da Saúde, 2023).

O CAPS visitado para entrevista está localizado em uma rua arborizada e tranquila, em uma casa espaçosa com quintal, e em todos os ambientes onde circulei pude ver a produção de quem frequenta a casa, como pinturas nas paredes, mosaicos, mandalas e mesmo plantas, produtos da jardinagem do quintal, que se espalham para os outros cômodos.

Figura 3 – Pintura no quintal do CAPS



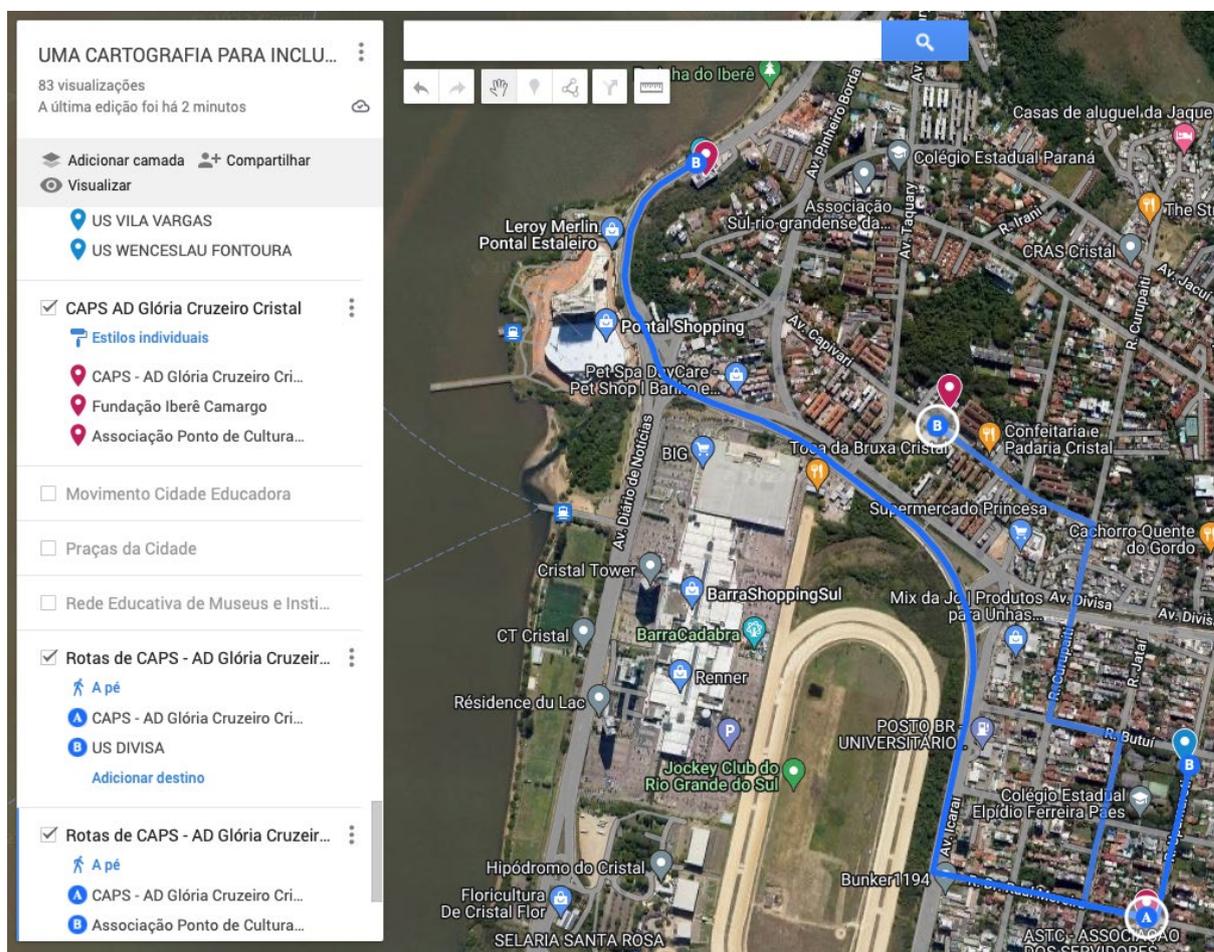
Fonte: Acervo pessoal da autora.

Sou recebida pelo coordenador do serviço e começamos nossa conversa caminhando pela casa, pelas salas de atendimento, locais onde ocorrem as oficinas, e até o quintal, onde me mostra especialmente o jardim, com muitos projetos em andamento.

Seguimos falando sobre as estruturas de saúde e assistência social com as quais o CAPS se relaciona, como a Fundação de Atendimento Sócio Educativo, especialmente as equipes de Ação Rua, os Núcleos de Abrigos Residenciais e Institucionais, os Centros de Referência Especializado de Assistência Social, e as Unidades de Saúde. Quanto às Unidades de Saúde, o entrevistado refere que os contatos são para atendimentos específicos, geralmente relacionados a encaminhamentos. Pergunto sobre a possibilidade de algo como um matriciamento sobre esta abordagem com artes, ao que responde apontando a falta de tempo da sua equipe para outras atividades, relacionada a uma grande demanda pelos serviços

oferecidos, e a elevada rotatividade dos profissionais das equipes da Atenção Primária como obstáculos para esta iniciativa.

Figura 4 – Uma Cartografia para Inclusão das Artes na Saúde



Fonte: Elaborado pela autora.

Sobre projetos com artes no CAPS, conversamos sobre todo potencial do lugar, e o entrevistado relata que a equipe explora todos os ambientes e suas possibilidades, como pinturas nas paredes, jardinagem e mosaicos. Nos detemos um pouco no caso da Sala Sensorial de Meditação, que se tornou “na prática um local mais de descanso” ou, como convencionaram, a “sala do silêncio”, pois muitos usuários chegam ao serviço após muitas horas sem conseguir descansar ou mesmo dormir, e encontram ali um local tranquilo e seguro. Quando pergunto o nome de outro projeto, uma experiência de rádio sobre a qual comentamos, não se recorda naquele momento, mas destaca que “a gente também procura criar os nomes com as pessoas, porque a gente imagina uma coisa, mas precisamos escutar deles”.

Neste ambiente em que todos criam juntos, sem hierarquização dos saberes, percebe-se a relação da arte com as práticas de educação popular:

Pela arte, o diálogo e o processo de ensino-aprendizagem nas práticas de Educação Popular em Saúde não se dão tão somente em torno de conteúdos preestabelecidos, mas de uma metodologia própria a partir da qual os temas são gerados e determinados pelos educandos. Para tanto, é importante que as questões que são essenciais para os educandos sejam expressas por eles de acordo com o modo como elas afetam o seu pensar, seu sentir e seu agir. A arte é uma das melhores formas de convidar as pessoas a expressar esse sentir, pensar e agir, justamente porque consegue mobilizá-las de um modo acolhedor, convidativo e criativo para que elas expressem os sentimentos que estão construindo e que estão fazendo ressonância nos caminhos de seu viver (Dantas; Paro; Cruz; 2020).

A equipe do CAPS busca se relacionar com equipamentos culturais próximos, como o Ponto de Cultura do Quilombo do Sopapo, que tem estruturas como biblioteca, sala de informática, rádio e uma horta medicinal; questiono então sobre a Fundação Iberê Camargo e o entrevistado relata uma visita para acompanhamento terapêutico:

Eu fui com dois pacientes lá fazer uma visita no meio do acompanhamento terapêutico, e um especialmente é um menino jovem de periferia, e que tinha uma circulação muito restrita, envolvido com tráfico, o impacto para ele foi muito, ele ficou viajando assim nas telas e ao mesmo tempo achando, que barbada também posso fazer, mas ele foi conhecer outro mundo ali.

Porém quando insisto na possibilidade de se relacionar com a fundação, considera “uma estrutura muito formal de arte, tem coisas que não pode tocar”, e complementa:

Sinceramente eu talvez pensaria em coisas mais comunitárias como o quilombo, como o clube de mães que também é um lugar que é perto, que tem uma biblioteca e algumas coisas de convivência.

A frequência de locais próximos, como aponta o entrevistado, também pode fortalecê-los, pois é a presença das pessoas que dá sentido aos lugares de memória e cultura. Os Pontos de Cultura são grupos, coletivos e entidades de natureza ou finalidade cultural que desenvolvem e articulam atividades culturais em suas comunidades, reconhecidos, certificados ou fomentados pelo Ministério da Cidadania por meio dos instrumentos da Política Nacional de Cultura Viva (Cultura Viva, 2023). Estas organizações ganham força e reconhecimento institucional ao estabelecer uma parceria com o Estado, e por não serem um equipamento cultural ou serviço governamental, seu foco não está na carência ou na ausência de bens e serviços, e sim na potência e na capacidade de agir de pessoas e grupos, estimulando a

autonomia e o protagonismo social (Turino, 2012).

Esta política contempla iniciativas ligadas à cultura de base comunitária, Indígenas, Quilombolas, de Matriz Africana, economia solidária, produção cultural urbana e periférica, cultura digital, cultura popular, com ampla incidência no segmento da juventude, abrangendo todos os tipos de linguagem artística e cultural como música, artes cênicas, cinema, circo e literatura, com o objetivo de promover a articulação destas iniciativas em rede, contribuindo para a inclusão social, o combate ao preconceito e a todas as formas de discriminação e intolerância, o reconhecimento e a valorização da diversidade cultural brasileira e o pleno exercício dos direitos culturais (Cultura Viva, 2023).

Ainda sobre a relação com outras instituições, o entrevistado fala de um usuário que está pensando em grafitar a entrada da casa, e da possibilidade de chamar pessoas que conhece para auxiliar em algumas oficinas. A seguir recorda sua experiência com artes visuais na residência em saúde mental:

Quando eu fiz residência em saúde mental tinha na minha equipe artista plástico, foi na Escola de Saúde Pública, porque as residências que estão hoje aqui no CAPS não tem artista plástico, nem na Unisinos, nem na UFRGS, acho que nem na Remaps também, foram as pessoas que lembro, as pessoas que eu segui trocando depois que terminei a residência, e que tinham uma ótima relação com os usuários, então eu pensei nessas pessoas para um apoio, chamar as pessoas que eu conheço, que foram residentes e que são artistas plásticos.

Sobre a relação entre arte, cuidado e ensino na saúde, o entrevistado reflete que a inclusão da arte não é algo natural, e sim um exercício e conseqüentemente um processo, para sair da lógica da saúde como apenas ausência de doença: “tem que ser exercitado, não é natural, acho que o natural é a gente ficar numa posição, mais vertical de técnico e usuário”, com uma resistência também do usuário, da expectativa quanto a esta relação vertical ser algo “cultural”.

A renovação no ensino e na formação em saúde, seja relativamente à formação dos próprios docentes, seja em relação à pauta geral de organização da educação, faz parte de um conjunto de recomendações presentes no “Relatório 30 anos de SUS, que SUS para 2030?” (Padilla; Pinto; Nunes, 2018). Porém, a busca, sem resultados, por projetos pedagógicos de residências multiprofissionais em saúde que compreendessem o núcleo de Educação Artística corrobora a afirmação ainda atual de Ceccim *et al.* (2010) de que “são escassas as oportunidades de especialização para as profissões demandadas pela reforma psiquiátrica, reabilitação psicossocial,

políticas públicas de saúde mental e saúde mental coletiva”.

O programa de Residência Multiprofissional em Saúde Mental Coletiva apresentado por Ceccim *et al.* (2010), no capítulo “Residência Integrada Multiprofissional em Saúde Mental Coletiva: Educação Pós-graduada em Área Profissional da Saúde realizada em serviço, sob orientação docente-assistencial” presente na publicação “Residências em saúde: fazeres & saberes na formação em saúde”, e que integrava assistentes sociais, educadores artísticos, educadores físicos, enfermeiros, pedagogos, psicólogos e terapeutas ocupacionais, pode ser utilizado como exemplo, pois atualmente não possui mais os núcleos profissionais de Educação Artística e Pedagogia (Instituto de Psicologia, Serviço Social, Saúde e Comunicação Humana, 2023).

Também surge na fala do entrevistado a importância do envolvimento com as artes para a equipe, que considera fundamental e mesmo terapêutico. Todos revezam em turnos que compreendem desde as atividades artísticas até o acolhimento aos usuários, muitas vezes em estado grave, chegando em ambulâncias, então este envolvimento seria um momento de alívio, para que estejam menos tensos nas situações mais críticas.

Aponto a consonância da estratégia constituída pela equipe do CAPS, de preservar esses momentos de produção criativa igualmente para todos, com Ceccim e Merhy (2009), que, ao tratarem da Política Nacional de Humanização, destaca seu plano de:

Construção de práticas de saúde cuja contemporaneidade esteja na atualização de processos intensivos de viver a vida, e não apenas sobreviver, ou de, acima de tudo, estar vivo, apesar da ausência de prazer, de compartilhamento, de potência de si e de produção de entornos criativos e audazes. A potência de si e de produção de entornos criativos e audazes é o viver intensamente a invenção do vivo, daquilo que afirma a criação ou que põe a vida como obra de arte da existência (Ceccim; Merhy, 2009, p. 535).

Complemento com a reflexão de Sato e Ayres (2015) sobre “a potência da arte na ressignificação dos processos de trabalho em saúde e na direção de sua reconstrução como prática humanizada”, colocando a arte como “recurso capaz de envolver os sujeitos por meio de uma experiência vivida”.

Esta vivência artística não somente dos usuários, mas também da equipe pode impregnar esta realidade “com outros significados criados a partir da elaboração de memórias, sentimentos e reflexões suscitados pela arte”, e estes elementos subjetivos

podem se tornar recursos que enriqueceriam a compreensão, resultando na produção de relações mais compromissadas, entre os componentes da equipe e com os usuários do serviço (Sato; Ayres, 2015).

### 5.3 GERAÇÃO POA: AÇÃO DA SECRETARIA MUNICIPAL DA SAÚDE

A GerAção POA – Oficina Saúde e Trabalho, faz parte da Rede de Atenção Psicossocial que compõe a Secretaria Municipal de Saúde e trabalha com geração de renda e sustentabilidade, através dos princípios da Economia Popular Solidária (Portfólio de Práticas Inspiradoras em Atenção Psicossocial, 2023), de organização coletiva e autogestionada, participação democrática, cooperação, desenvolvimento humano, responsabilidade social e educação permanente, com objetivo de estimular o desenvolvimento de atividades, trocas sociais e reflexões de outras perspectivas e possibilidades de trabalho (Silva; Nascimento, 2021).

Em muitos momentos, quando precisei exemplificar o que seria um projeto ou ação que utilizasse a arte para promover saúde, falei do GerAção POA, que conheci através dos profissionais de lá com quem tive contato como voluntária do Programa de Educação pelo Trabalho para a Saúde – Pet-Saúde Interprofissionalidade, da informação disponível na internet e adquirindo seus produtos. Estar no local complementou substancialmente a experiência, onde aguardei a disponibilidade da entrevistada no Café Mentaleiro, parte da estrutura dali e administrado pelosicineiros, como são chamados os usuários frequentadores do local.

O trabalho é construído coletivamente, entre trabalhadores da equipe de saúde eicineiros, desde a tomada de decisões, aprendizagem, produção, comercialização, gerenciamento de todo o processo, e a renda obtida por meio da comercialização dos produtos é dividida entre osicineiros que trabalharam no mês, de acordo com o número de presenças nas oficinas de trabalho. Toda a produção é feita a partir da transformação de matéria-prima descartada em produtos como: cadernos, blocos de papel artesanal, sacolas ecológicas bordadas e serigrafadas, velas aromáticas, mosaicos e camisetas serigrafadas.

Figura 5 – Café Mentaleiro



Fonte: Acervo pessoal da autora.

Converso com a coordenadora do serviço no momento, psicóloga que compõe a equipe multidisciplinar do serviço, que explica o revezamento periódico nesta função, e define o local: “o nosso serviço é totalmente nessa linha, saúde mental, arte e trabalho”. O nome do serviço de saúde foi escolhido pelos usuários que faziam parte na época de sua fundação, configurando-se como um dispositivo da rede substitutiva ao modelo de atenção hospitalocêntrico de cuidado em saúde mental: “gerar ação em Porto Alegre, por isso a escolha do nome GerAção POA, carregando um propósito de exercício do direito à cidade e ao trabalho” (Silva; Nascimento, 2021).

A entrevistada relata a história do serviço, que iniciou em 1996, alguns anos após a promulgação da lei estadual da reforma psiquiátrica no Rio Grande do Sul, que foi o estado pioneiro, em 1992, e desencadeou o processo de desinstitucionalização dos internos do hospital psiquiátrico. Segue narrando como começa a se constituir a rede de saúde mental em Porto Alegre. Um dos primeiros serviços que surgem é o residencial Pensão Pública Protegida Vida Nova, e a partir deste a GerAção POA,

como oficina de saúde mental e trabalho.

Uma terapeuta ocupacional que na época trabalhava no residencial, e na semana desta entrevista estava se despedindo do serviço em função de sua aposentadoria, percebeu que estas pessoas precisavam ter seu local de moradia e tratamento, mas também tinham o desejo de trabalhar, muitas já demonstrando habilidades, e então neste momento começa a se constituir a oficina de geração de renda. Ela me mostra uma parede pintada por um dos primeiros artistas que veio para a oficina:

Foi uma das primeiras pessoas que saiu do manicômio, é aquela parede ali dos bichinhos, foi pintada pelo Claudinho que é um dos primeiros artistas que vêm para a geração, lá em 1996, ele estava há anos no manicômio, tinha vindo do interior e pintava aqueles bichinhos, e aqueles bichinhos que eram sem sentido nenhum começam a ser vistos como algo que é uma produção de arte, e começa todo um trabalho com ele, um trabalho como artista, e ele volta para a cidade natal dele como um artista que pintava muros, ele volta para a cidade e começa a ser pago pelo trabalho que ele faz.

Figura 6 – Claudio Gomis, Claudinho, o cara dos bichinhos



Fonte: Acervo pessoal da autora.

Seguimos conversando sobre como se caracteriza a produção da oficina, conforme sua definição, constituída pela arte, pelos processos criativos e de trabalho coletivos, e economia solidária, e destaca a função do trabalho: “a oficina de geração de renda é para que essas pessoas tenham esse lugar enquanto trabalhadores, então todo o produto da oficina, ele tem uma preocupação com a qualidade, com o acabamento, com a finalização”, e diferencia este do que ocorre em uma oficina terapêutica: “as pessoas estão lá para fazer o produto para trabalhar as suas questões e não tem preocupação com a finalização do produto, com a qualidade do produto”. Acredita no trabalho como direito social, que as insere na cidade e promove o reconhecimento pelo trabalho, que ao iniciarem ou retomarem atividades de artesanato e criação descobrem suas potencialidades.

O envolvimento com as artes pode incrementar novas estratégias para abordagem de questões complexas em saúde, como inclusão social e promoção de saúde. Para Kastrup e Barros (2009), seu ponto essencial é “seu movimento-função de explicitação de linhas que aciona processos de produção de subjetividade”, porém acredito que a experiência coletiva de oficinas, o potencial para geração de renda, e conseqüente promoção de inclusão e cidadania, não é menos importante, mesmo que a reprodução por meio do artesanato em alguns momentos se sobreponha a criação artística.

Como é possível perceber em todo lugar, o cotidiano de trabalho da oficina é permeado por criações artísticas, e complemento com a informação contida em capítulo do livro “Centro de convivência: arte, cultura e trabalho potencializando a vida”, produzido sobre o GerAção POA:

A partir da definição coletiva de um tema de interesse comum, passamos a pesquisar diferentes perspectivas a fim de encontrar expressões que comuniquem sobre esse processo e que instiguem a aproximação de outras pessoas com a temática que propomos. Essas pesquisas ganham materialidade nos produtos construídos artesanalmente na GerAção POA (Silva; Nascimento, 2021).

A entrevistada aponta que alguns oficineiros chegam sem conhecer as técnicas utilizadas ali, serigrafia, costura, encadernação são algumas, e como não existem professores, a técnica é transmitida pelos que estão há mais tempo. Questiono sobre a possibilidade de outros profissionais colaborarem para o aprimoramento dessas técnicas, pensando na relação com outros órgãos e secretarias, ao que responde que “a geração sempre contou muito com muitas parcerias em função de sempre ter uma

equipe muito reduzida”, porém nem sempre institucionalizadas.

Relata algumas parcerias, como a de um professor de serigrafia da Secretaria de Educação, que atualmente trabalha na Escola Municipal Porto Alegre, também com geração de renda, já tiveram bolsas nos ateliês de cerâmica, desenho e pintura do Atelier Livre Xico Stockinger, e realizaram um Gera Encontro na Biblioteca Pública Municipal Josué Guimarães. Solicitam há algum tempo um administrador, para organizar as questões burocráticas relacionadas ao empreendimento solidário que é a GerAção POA, e então avalia que não existe esta articulação institucional, concluindo que os projetos ficam ligados a pessoas específicas, e quando estas se afastam, não têm continuidade.

Enumera outras parcerias pontuais, e por fim destaca uma parceria institucional bem sucedida que ocorre com a Cinemateca Capitólio, iniciada com uma proposta de experiência de comercialização dos produtos durante seis meses e que comemora seis anos nos próximos dias. Atuam também em outros espaços de economia solidária do município, fazendo parte do Fórum Municipal de Economia Popular Solidária de Porto Alegre desde quando iniciou a oficina, através da organização de uma escala de trabalho entre osicineiros. Entende que existe a necessidade de institucionalizar as relações intersetoriais como solução para manutenção de parcerias já firmadas, porém que caracteristicamente são conduzidas por determinados indivíduos presentes nas instituições, o que condiciona os projetos a esta presença e colocando em risco sua continuidade.

Portanto, para ir além de eventuais ações conjuntas, e implantar estas relações como estratégia, é fundamental uma formação técnica para “criar uma cultura cooperativa nas relações gerenciais” (Prado *et al.*, 2022) e para a gestão intersetorial, além da renovação do modelo de gestão municipal, “tendo como eixo articulador o enfoque da descentralização, da intersetorialidade e da formação de redes” (Ferreira; Silva, 2005), para introdução de novas tecnologias de gestão.

Falamos sobre os usuários saírem do local de saúde e fruir a cidade, a entrevistada acredita que estar em outros espaços que não o Serviço de Saúde Mental seja algo “potencializador de saúde mental e de circulação pela cidade” e uma proposição na área, para combater o preconceito de que precisam ficar “escondidos em quatro paredes, no manicômio”. Esta ideia está no princípio da GerAção POA, presente mesmo no nome que propõe “gerar ação em Porto Alegre”, para que não se fechem ali, para que as pessoas possam “tomar a cidade”. O Gera Encontro é um

evento anual que realizam para levar a população da cidade a outros espaços, produzindo um evento de arte, cultura e lazer onde ocorre um movimento inverso, em que os usuários da saúde mental promovem a inclusão de outras pessoas nos espaços da cidade.

Quanto à relação da arte com saúde, afirma que “quando tu trabalha com oficinas com arte, com essas questões de expressão, é muito potencializador de saúde, daí tu não trabalha com a doença, trabalha com a saúde”, e que percebe a evolução que o trabalho coletivo e o reconhecimento por este trabalho produzem nos oficinairos, promovendo saúde. A entrevistada acredita que quanto mais se constituírem espaços de saúde como este, que trabalhem com a expressão das pessoas pela construção artística e artesanato, mais se produzirá saúde e conseqüentemente menos serviços de saúde mental serão necessários.

Conversamos ainda sobre esta relação com a arte ser bastante explorada somente como algo terapêutico, o que complementa apontando também a importância do componente de promoção de saúde e cidadania, e na inserção nas relações de trabalho como “produção de vida”. Outra questão abordada é o efeito benéfico do trabalho com estas características na saúde dos trabalhadores da GerAção POA: “Eu fico muito na serigrafia, então quando eu tô ali a gente está produzindo, isso é bom, a gente está ali numa relação horizontal, então está todo mundo, eu faço também, eu tô no processo também trabalhando junto”.

Como já tratado no relato da entrevista anterior, surge novamente a mudança na lógica da relação com os usuários do serviço, neste caso os oficinairos, como o próprio nome denota, em uma “relação horizontal”, que este trabalho de criação conjunta de projetos artísticos propiciou, e retomo a relação estabelecida por Ceccim e Merhy (2009) com conceitos da Política Nacional de Humanização: “os trabalhadores de saúde podem participar da produção da vida, ali onde cada um pode gerar um cuidar de si, não para construir um jeito protocolar de viver, mas para construir seu modo original de viver”, onde vejo a arte como um catalisador deste processo.

Sobre formas de multiplicação deste modelo de cuidado, a entrevistada pensa que teria um grande potencial a realização de oficinas na Atenção Primária, e lembra que já realizaram em vários momentos assessorias para constituição de oficinas, que inicialmente eram terapêuticas, mas gradativamente se tornaram oficinas de geração de renda. Um dos exemplos foi a GeraBonja, realizada por componentes de equipes

de Saúde Mental, da Unidade de Saúde Bom Jesus e da Fundação de Assistência Social e Cidadania, iniciada a partir da troca de informações e experiências com a equipe da GerAção POA, que no princípio acompanhou semanalmente as atividades. Falamos então sobre a possibilidade de atuação dos profissionais da Atenção Primária nesta outra lógica de atendimento, em que as metas de produtividade poderiam ser impactadas de forma negativa, e então argumenta que os atendimentos não realizados pelos profissionais durante o tempo de uma oficina são compensados pela promoção de saúde daquela atividade e a consequente não utilização do serviço “por doenças”.

Comentamos sobre a presença de residentes com formação em Artes Visuais, pois a entrevistada relata que sente a falta de profissionais das artes e do design na oficina, e lembra que alguns programas, como o da Escola de Saúde Pública e o EducaSaúde, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, tinham estas áreas. Retomo aqui a constatação apresentada no relato da entrevista anterior, sobre a ausência de projetos pedagógicos de residências multiprofissionais em saúde que compreendessem estes profissionais nos *sites* destes programas, e indícios de que no momento não existem vagas para estes núcleos nos programas citados pela entrevistada.

Recorda que durante algum tempo a equipe do GerAção POA ficou somente com duas profissionais e não conseguiu dar continuidade a algumas parcerias, considera a intersetorialidade essencial, mas destaca que esta articulação demanda tempo. Falo do CE como possível articulador, e então a entrevistada traz outro dispositivo para nossa discussão, os Centros de Convivência e Cultura, criados ainda na década de 1980 e previstos na Rede de Atenção Psicossocial, e que acredita que possibilitem o acesso a atividades artísticas e culturais, que em sua visão são promotoras de saúde. Estes centros fomentam o cooperativismo e se direcionam aos interesses da população onde estão localizados, contudo, atualmente não recebem financiamento federal, que é indutor da implementação destas estruturas.

Os Centro de Convivência e Culturas surgem no final da década de 1980 em São Paulo, como parte da rede de saúde mental, e depois em outros municípios do Brasil, como Belo Horizonte e Campinas (Alvarez; Silva, 2015). São dispositivos públicos que compõem a rede de atenção substitutiva em saúde mental e que oferecem às pessoas com transtornos mentais espaços de sociabilidade, produção cultural e intervenção na cidade, através da construção de espaços de convívio e

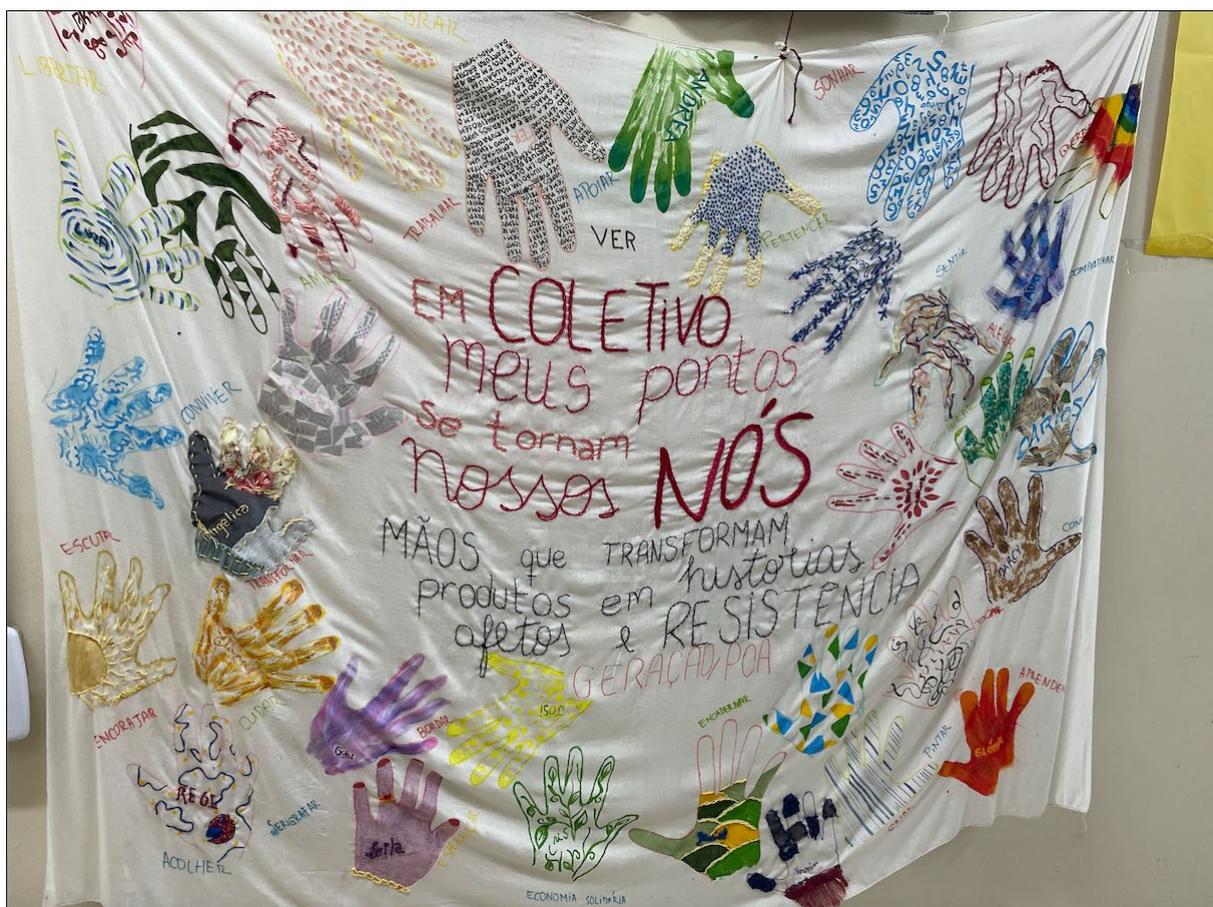
sustentação das diferenças na comunidade, facilitando a construção de laços sociais e a inclusão das pessoas com transtornos mentais (Ministério da Saúde, 2005).

O valor estratégico dos Centro de Convivência e Cultura para efetivar a inclusão social reside no fato de serem equipamentos concebidos fundamentalmente no campo da cultura, e não exclusivamente no campo da saúde, portanto não são equipamentos assistenciais, mas espaços de articulação com a vida cotidiana e a cultura, voltados para a pessoa com transtornos mentais e seu território. Seu público é composto, sobretudo, mas não exclusivamente, de pessoas com transtornos mentais severos e persistentes e as oficinas e as atividades coletivas são seu grande eixo do trabalho, assim como a articulação com outras estruturas de atenção à saúde, dispositivos da rede de assistência social, dos campos do trabalho, da cultura e da educação (Ministério da Saúde, 2005).

Estes Centros estabelecem articulação permanente com os espaços do seu território e da cidade, operacionalizando ações intersetoriais (Ferigato; Carvalho; Teixeira, 2016) e como incubadoras de experiências de geração de renda (Ministério da Saúde, 2005). Foi perceptível o pouco conhecimento sobre o projeto CE, conduzido pela SMTC, e que poderia fomentar estas parcerias intersetoriais, porém não tem se relacionado com estruturas da prefeitura como o GerAção POA.

Encerramos minha visita ao local caminhando pelos espaços do prédio, que além do café, tem um espaço para convivência e as salas das oficinas, com muitas obras nas paredes e trabalhos expostos e nas bancadas, tornando o ambiente preenchido de cores.

Figura 7 – Manifesto em pintura e bordado



Fonte: Acervo pessoal da autora.

#### 5.4 CENTRO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE TRABALHADORES PAULO FREIRE: AÇÃO DA SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO

O Centro Municipal de Educação dos Trabalhadores Paulo Freire (CMET) é a única escola que se dedica exclusivamente à Educação de Jovens e Adultos (EJA) no município. Funcionou em outros locais, como o Mercado Público, Câmara dos Vereadores, no prédio do INSS, na Faculdade de Educação da UFRGS e mesmo em salas comerciais, até o prédio de uma antiga escola ser adquirido pela prefeitura. Essa nova estrutura permitiu uma outra relação da comunidade escolar com o espaço, que percebi ao entrar no local, com muitas intervenções artísticas, jardim e horta.

O CMET funciona nos turnos manhã, tarde e noite, atende jovens a partir de 15 anos e adultos oriundos de diversos bairros de Porto Alegre e cidades vizinhas. No momento, aproximadamente 900 alunos frequentam a escola, que se caracteriza pela acessibilidade, individualizando essa construção de conhecimentos em todas as

atividades (CMET Paulo Freire, 2023).

Fui recebida por dois professores da coordenação pedagógica, que me explicaram o funcionamento da escola, que tem em sua base as totalidades iniciais e as finais da modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA), a primeira correspondente aos anos iniciais do Ensino Fundamental e a segunda aos anos finais do Ensino Fundamental. Esta inicial voltada para alfabetização, para a apropriação deste código, e a segunda com oito disciplinas: português, matemática, ciências, história, geografia, língua estrangeira, educação física e artes. Nas artes atualmente com profissionais de artes visuais, música e teatro, somente faltando um professor de dança, que neste ano não foi concedido pela Secretaria.

Os professores entrevistados explicam a forma de distribuição dessas disciplinas, que é feita de forma igualitária durante a semana, organizando-as em quatro dias e destinando a sexta-feira para atividades “mais diversificadas”, chamadas de vivências ou oficinas, realizadas por pessoas da comunidade com a supervisão de professor, por exigência curricular. Nesse momento os alunos podem escolher o que desejam estudar: leitura, escrita, biodança, costura, informática básica, produção de mídias, iniciação científica, arte ancestral e educação financeira são citadas como possibilidades. Entendem que as questões instrumentais ou estruturantes, como a leitura e a escrita e as operações matemáticas são responsabilidade de todos, podendo ser abordadas interdisciplinarmente.

Esse peso igualitário dado às artes entre as disciplinas, me remeteu ao “Projeto Outros Caminhos”, realizado pelo artista norte-americano Allan Kaprow em escolas públicas da Califórnia, com o propósito de atribuir às artes papel central nos currículos da escola pública no final da década de 1960. Ao analisar este projeto, observou que na maior parte das vezes em que a arte chega à escola, chega como algo especial, uma exceção, e que os artistas compartilham com a escola o preconceito de que a arte é marginal para a educação principal. Com sua experiência, tentou corrigir essa noção de divertimento atribuída às artes, insistindo na ideia de que elas deveriam ser seriamente encaradas como objeto central em um programa escolar normal (Kaprow, 2009).

Pergunto aos entrevistados sobre o público da escola, e então relacionam sua resposta a este desenho de currículo, destacando que são pessoas que tiveram seu direito à educação negado em um período da vida, por circunstâncias alheias a sua vontade, o que faz com que precisem “olhar para isso sujeitos com aquilo que eles

trouxeram, e o nosso trabalho tem que ser a partir das demandas que eles trouxeram”, então este currículo não poderia ser uma reprodução daquele da escola de crianças e adolescentes, da qual estes alunos já foram expulsos. Explicam que a proposta pedagógica do CMET entende a construção deste a partir da experiência prévia das pessoas, buscando “maximizar as possibilidades de acesso ao conhecimento”, pensando novas possibilidades de aprendizagem e reconhecendo os mecanismos desenvolvidos ao longo da vida, como em um exemplo citado, de uma costureira que chegou a escola sem saber escrever, mas dominando conceitos de estética e geometria em função de seu trabalho.

Esta proposta, em consonância com os preceitos da educação continuada, em que “não se restringem à compensação da educação básica não adquirida no passado, mas visam a responder às múltiplas necessidades formativas que os indivíduos têm no presente e terão no futuro”, permite que os estudantes tracem com autonomia suas biografias formativas, concebe a oferta educativa a partir da diversidade de demandas concretas dos diferentes segmentos sociais, e reconhece o potencial formativo de outras instituições e espaços sociais (Pierro; Joia; Ribeiro, 2001).

Sobre a relação com outras instituições, os entrevistados destacam um grande número de alunos que vivem em situação de acolhimento em instituições, como a Fundação de Proteção Especial ou cumprindo Medidas Socioeducativas. Também se relacionam com o Conselho Municipal do Idoso, em função do grande número de alunos com mais de 60 anos. Observam que durante a pandemia da Covid-19 as matrículas diminuíram consideravelmente, então no momento buscam reconquistar os espaços de diálogo com a comunidade através de ações como a chamada “O CMET vai à Comunidade”. Quando falo da possibilidade de georreferenciar as estruturas com as quais se relacionam para análise, apontam que seu trabalho tem reflexos em diferentes lugares da cidade, pois os alunos não são necessariamente da comunidade do entorno.

Quanto à relação com a saúde, os entrevistados acreditam que “educar e cuidar”, são indissociáveis, e que a escola é promotora de saúde. Relatam que muitos adultos e idosos são encaminhados por profissionais da saúde para a escola com a intenção de tratar de questões de saúde mental como depressão, e entendem que não resolverão esta condição, porém acreditam que o convívio no ambiente escolar pode ser benéfico. Contam sobre uma aluna que chegou retraída à escola e agora é

representante do Conselho Escolar: “o conhecimento é uma coisa que é poderosa na vida das pessoas”. Destacam, porém, que este público exige maior atenção, demandando mais tempo dos professores em aula por não ter um atendimento específico, como o auxílio de um monitor escolar.

Ainda sobre esta relação entre educação e saúde, os entrevistados falam do trabalho de educação em saúde que realizam, com temas diversos, como a dengue, sobre a qual vi expostos trabalhos no saguão, e quando questiono sobre a possível relação com a unidade de saúde mais próxima, relatam que não conseguiram se aproximar da Unidade de Saúde Modelo, que é a referência da região, conhecendo somente o Ambulatório Trans, uma das estruturas daquele local, pela numerosa comunidade LGBTQIAPN+ que frequenta a escola.

Estabeleço aqui uma relação com o que apontaram Pierro, Joia e Ribeiro (2001), sobre o consenso de que os currículos da EJA “necessitariam incorporar certos desafios éticos, políticos ou práticos da vida social contemporânea, relacionados ao exercício da moderna cidadania”, e acredito que o currículo do CMET se movimenta cada vez mais neste sentido.

Durante a entrevista falo um pouco sobre o CE como possibilidade de contato com outras estruturas e os entrevistados referem ainda não ter tido a oportunidade de se aproximar. Semelhante à fala em uma das entrevistas anteriores, revelam que conhecem pouco sobre o projeto CE e atividades que estão sendo desenvolvidas no âmbito da prefeitura. Afirmam a importância da intersetorialidade, falando da parceria com o Ministério Público para educação profissional, mas consideram que “podia ser mais orgânico da gente ficar mais junto com a saúde, com a cultura” e lembram que antigamente as escolas tinham a figura do coordenador cultural, inexistente no momento.

Surge em nossa conversa o tema da educação ao longo da vida, que “contribui muito para a sociabilidade, muito para saúde” dos alunos, neste caso um público diferente, já com formação no ensino médio ou superior e que encontra ali um espaço de relação:

O encontro com o coletivo se dá na escola, e a escola pública é esse espaço da diversidade, porque mesmo se tu for para a igreja, que é outro ponto de vista, tu vai estar com um grupo de pessoas que comungam das mesmas ideias, e na escola pública, tu vai ter uma diversidade.

Consideram então este espaço fundamental, por estreitar a relação da escola

com a sociedade, e promover a cidadania, porém destacam que não existe consenso sobre sua responsabilidade ou financiamento.

Gadotti (2015) analisa os conceitos de Educação ao Longo da Vida e Educação Permanente, apontando que “a educação sempre foi entendida como um processo que se dá ao longo de toda a vida, como a aprendizagem, e não um processo que se reduz à população jovem”, no entanto alerta quanto há algo novo na discussão, que seria a estruturação de políticas públicas de educação em torno deste conceito, condicionando os currículos, a avaliação e o próprio sentido da educação em geral, e reduzindo toda a educação a esse princípio estruturante.

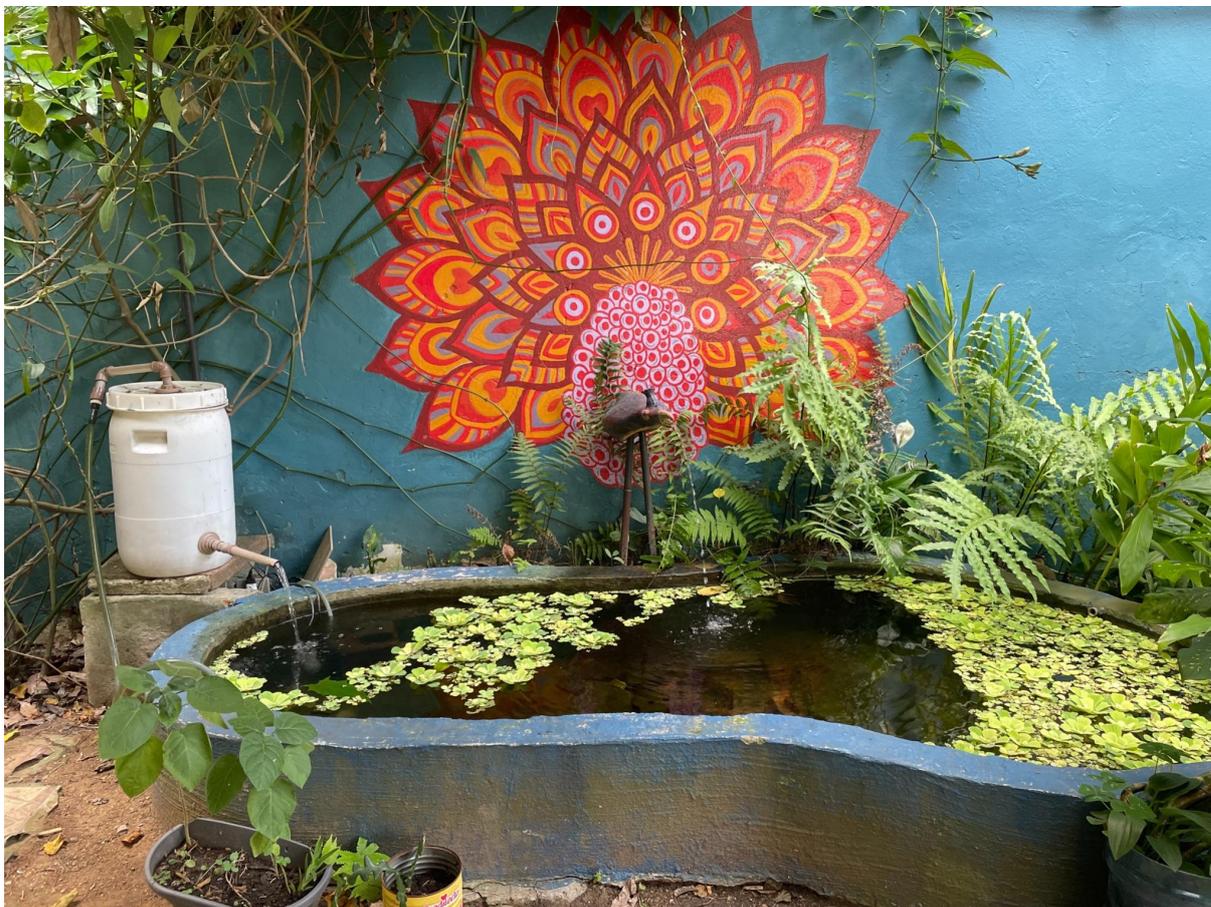
Ainda segundo Gadotti (2015), uma das potencialidades da aprendizagem ao longo da vida é que ela quebra uma visão estanque da educação, dividida por modalidades, ciclos e níveis, articulando a educação como um todo, independentemente da idade, independentemente de ser formal ou não formal, “se a educação e a aprendizagem se estendem por toda a vida, desde o nascimento até a morte, significa que a educação e a aprendizagem não se dão somente na escola e nem no ensino formal”, e sim se confundem com a própria vida, indo além dos espaços formais de aprendizagem, e não podendo ser controladas pelos sistemas formais de ensino, nos obrigando a ter uma visão mais holística da educação.

Por fim, o autor ainda alerta que, embora a Educação ao Longo da Vida tenha sua matriz na Educação Permanente, existe a compreensão de que este modelo subordina a educação à lógica mercantil, e que como avançamos mais do que os países hegemônicos na concepção emancipatória da educação, consolidada na nossa tradição da Educação Popular como educação para a justiça social, é importante o Brasil discutir o tema da Educação ao Longo da Vida a partir do referencial da Educação Popular (Gadotti, 2015).

Para encerrarmos o encontro peço que os entrevistados falem da relação da escola com as artes. Eles afirmam que ela está na essência do lugar, e que é um dos pilares da ideia de educação ao longo da vida, portanto uma das áreas mais exploradas: “o CMET não se escreve sem arte, ele é arte, ela tá na essência da gente desde alfabetização, porque é o sensível”, possibilitando a aproximação dos alunos das mais diferentes realidades. Então me acompanham, e mesmo com pouco tempo disponível, caminhamos pelo saguão, onde observo algumas das intervenções artísticas sobre as quais comentamos, e seguimos até um dos recantos que mais gostam na escola, onde começa a horta comunitária e há uma fonte colorida, cercada

de plantas.

*Figura 8 – Fonte a caminho da horta comunitária no CMET*



Fonte: Acervo pessoal da autora.

## 5.5 ATELIER LIVRE XICO STOCKINGER: AÇÃO DA SECRETARIA MUNICIPAL DA CULTURA E ECONOMIA CRIATIVA

O Atelier Livre é um espaço que faz parte do Centro Municipal de Cultura, Arte e Lazer Lupicínio Rodrigues, direcionado para o público adulto que deseja produzir e pensar artes visuais. Oferece cursos práticos e teóricos, e realiza diversos projetos durante o ano, como exposições, palestras e o Festival de Artes da Cidade de Porto Alegre (Prefeitura Municipal de Porto Alegre, 2023).

Começo a conversa com a primeira entrevistada, coordenadora do Atelier, que é psicopedagoga, um pouco fora do roteiro, pois estar em um ambiente de arte me evoca um receio que tinha ao cursar Artes Visuais, tendo uma formação anterior em Enfermagem, e a questiono sobre um possível preconceito dos artistas com relação

ao assunto. Ela percebe que sim e considera que poderia estar relacionado a “uma falta de conhecimento das pessoas do benefício que uma coisa pode gerar na outra”, e segue relatando casos de pessoas que consideram estar no Atelier “um antidepressivo”, “um momento para relaxar”, “um momento que eu tenho para pensar e entrar em contato comigo”.

A entrevistada então questiona o papel da arte: “Como a arte evoluiu? A arte tem quais papéis hoje? É só o papel das artes plásticas de galeria ou ela tem papel terapêutico?” Ela faz um relato sobre um grupo de dança que inclui pessoas com deficiência e reflete “aquele grupo é terapêutico, aquilo ali é a saúde” e questiona “por que a arte está desvinculada disso?”, afirmando a seguir que algumas pessoas “não ampliaram sua visão, pras necessidades das pessoas que estão neste mundo”. Ainda sobre a inclusão de pessoas com deficiência, fala sobre um aluno de desenho com autismo:

O encantamento da mãe quando a gente abriu a possibilidade aqui o ano passado. Ele foi para o desenho agora continua com desenho e já está num outro curso. Ele é autista, tem as suas limitações, mas a gente respeita, e isso não impede que ele esteja aqui. Como é que eu vou dizer que eu não tô trabalhando com a saúde dele, eu tô trabalhando com a saúde dele como um todo.

A seguir a entrevistada reflete que “a arte é muito reveladora de saúde”, usando o exemplo de uma pessoa que poderia “descobrir várias coisas a partir de si mesmo” ao trabalhar com cerâmica, que o material poderia evocar sentimentos e que isso seria “desenvolvimento da sua saúde”, mental, emocional e física, “porque a saúde física está diretamente conectada a esses outros dois patamares de saúde, emocional, mental”, e deseja que a classe artística perceba tal benefício.

Percebo um diálogo com a ideia de Nise da Silveira de que “as imagens do inconsciente possibilitam que se entre em contato com pessoas que desestruturaram a psique consciente e perderam, mesmo que de maneira momentânea, a capacidade de se comunicar através de proposições verbais coerentes” (Melo, 2001), portanto proporcionar ferramentas para esta expressão pode ser uma das funções do contato com as artes em um atelier.

Como afirmam Castro e Lima (2007), o legado de Nise da Silveira ressoa na contemporaneidade:

[...] as obras produzidas na interface da Arte e Promoção da Saúde relacionam-se à construção da acessibilidade à ação e criação no mundo de

populações, grupos e sujeitos que estão à margem das experiências socioculturais; e, no ato da produção artística, articulam fragmentos de histórias vividas a momentos criativos, dando origem a uma extensa produção que imprime transformações singulares às suas vidas; são experiências que promovem um círculo comunicacional, capacitam linguisticamente e inserem os sujeitos num campo de inventividade cotidiana (Castro; Lima, 2007).

Pergunto à entrevistada se vislumbra uma estratégia para lidar com este entendimento dos artistas, de que a arte não poderia ter esta função, ao que responde: “as questões muito tradicionais, elas criam uma raiz muito forte, as pessoas têm dificuldade de sair da sua zona de conforto e para outros espaços”, e exemplifica relatando que enfrentou alguma resistência para modificar a idade de ingresso no Atelier, que era de 16 anos para 14 anos, e considera que “os adolescentes mudaram, e é outra época”.

Relata que começaram a propor oficinas que não teriam somente o foco tradicional do Atelier, exemplificando com uma oficina de restauração de objetos de madeira e móveis realizada há pouco tempo e que teve grande procura:

Pensa em uma pessoa que tá em casa, a sua saúde mental indo embora, e aí surge uma oficina dessa, isso é aberto para o público. Então a gente está indo para outros lugares que não sejam só esses muitos tradicionais. Eu não posso romper com o escopo do ateliê, mas isso não me impede de trazer coisas para cá. Eu acho que esse é o principal desafio de um gestor, até para dar energia, para dar visibilidade, para dar amplitude, para incluir, para trazer educação, para trazer cultura.

Resgato aqui outros dois textos de Kaprow (2003, 2004) que, ao trabalhar com a ideia de arte diluída no cotidiano, discutiu o papel do artista, sugerindo que este poderia aliviar o peso de sua denominação, substituindo-a por recriador, tradução para *player*, como alguém que estimula o brincar, e então essa identidade alterada seria um princípio de mobilidade. Em seus textos, propôs posicionar a arte como essência de uma atitude diante do trabalho e mesmo de outros aspectos deste cotidiano, numa audaciosa ideia que partiria de sua desinstitucionalização até mesmo sua negação, para então permear a vida em todos os sentidos, numa ligação muito mais íntima entre arte e vida.

Falamos da relação com outras áreas e a entrevistada afirma que deseja ampliar a relação com a área da saúde, e que a área da educação “tem que estar conosco”. Relata que “a área da educação a gente já começou a trazer, porque a gente tem uma parceria com uma escola, as crianças estão aqui toda sexta-feira, eu fui atrás de uma escola, a gente tem que ir atrás da área da saúde para que venham

as pessoas para cá”, contando que 120 crianças passaram pelo Atelier no ano passado, “produziram coisas maravilhosas, fizemos exposição e tudo”, “então a gente traz também a pessoa envolvida e traz a família porque vamos fazer uma exposição e isso é uma conexão”.

Pergunto sobre o acesso ao Atelier, e a entrevistada acredita que “tem um movimento muito bom, mas é um pouco específico”, se referindo ao público, porém acredita que é necessário divulgar mais o Atelier e buscar mais parcerias, “buscar outros olhares, outras formações”. Fala então sobre o momento de recursos limitados, diminuição no número de professores, o local que outrora teve até 25 professores hoje conta somente com cinco, então tem buscado além das parcerias já citadas, outras formas de contratação. Aproveito para introduzir o assunto do CE, como estratégia para intersectorialidade, e revela saber pouco a respeito, então me comprometo em encaminhar materiais e *links* informativos.

Tangenciamos novamente o assunto da inclusão de pessoas com deficiência e a entrevistada pondera: “existe uma preparação dos professores”, acredita que não deve impor a eles, pois “tem que pensar também em toda a estrutura do professor, porque pode impactar na saúde dele também”, e acrescenta que em algumas situações “realmente talvez não sejamos mais adequados, aí tem escolas específicas para isso, para lidar com o público que tenha uma severidade”. Afirmo ser possível incluir, como já conversamos, autistas e pessoas cadeirantes, sendo necessário avaliar individualmente, mas considera que habitualmente quem busca o Atelier já conhece a proposta.

Para encerrarmos, peço que a entrevistada destaque o que julga importante para esta relação entre arte, saúde e educação, ao que responde falando da necessidade de “políticas públicas”, além do estabelecimento de parcerias, e da intersectorialidade, com auxílio da estratégia de apresentar o Atelier. Também julgou importante a realização de pesquisas como esta, com a divulgação de seus resultados.

A segunda entrevistada no Atelier é professora, a encontro no início de sua aula de cerâmica, em que conversa com as alunas sobre livros de artista. Sou apresentada às alunas e então explico brevemente o que pesquiso, e depois acompanho a professora até a área externa, onde ocorreu nossa conversa.

Atua desde o início da década de 1990 no local, e com sua aposentadoria programada para o próximo ano, reflete sobre a importância do trabalho em sua vida

e sobre o Atelier atualmente, em que somente cinco professores seguem atuando onde outrora mais de 20 ministravam cursos nas diversas áreas. Acredita que não ocorrerão mais concursos públicos para estas vagas, mas evoca o quão fundamental é uma escola pública de arte.

A entrevistada conta que segue em contato com antigos alunos e ainda os auxilia a solucionar problemas relacionados à execução de seus projetos, porque acredita na importância do acesso a esta informação, e complementa: “muitas frustrações nascem de não concluir um trabalho, não terminar uma ideia, não materializar uma ideia”.

Cresceu em uma casa com muitos livros e, mesmo com a possibilidade de busca de informação na internet, pensa que é necessária a “materialidade” dos livros. Fala também da infância de suas netas, que convivem em seu atelier, e que esta presença influencia positivamente a sua educação.

Retomamos a questão do papel das artes na vida das pessoas. A entrevistada acredita que:

As pessoas hoje são achatadas, elas não têm muita chance, por isso o sucesso das redes sociais, é o único espaço que é teu, que tu te manifesta, bem ou não, de forma adequada ou inadequada, e eu acho que é uma nova maneira de estar no mundo, pertencer a uma rede.

E acrescenta que “o resíduo do homem ancestral é uma manifestação artística”, e explica a sua ideia com o exemplo de uma pessoa com uma doença terminal, imobilizada, porém consciente, “o único lugar, o único espaço que tu tem completa autonomia, se tu tem uma riqueza espiritual mental, um repertório bacana, se tu sabe lidar com essa maturidade emocional, tu não enlouquece”. Pergunto se o contato com as artes seria esta possibilidade de enriquecer este universo particular, e então a entrevistada reflete que ao trabalharmos com um dos sentidos, seja ele visual, tátil ou auditivo, ele compreenderia a essência do ser humano, então a arte permitiria de alguma forma sentir o mundo que nos cerca mesmo na falta de sentidos, daí a importância de aprimorar tal percepção.

Minha pergunta seguinte é sobre como poderíamos sensibilizar os profissionais da saúde para esta possibilidade de uso das artes, e sua resposta aponta como obstáculo a rigidez dos currículos, que têm a necessidade de abarcar muitos conteúdos técnicos ou específicos, em detrimento de outros como os relacionados com artes, que dariam outra perspectiva das experiências e poderiam humanizar este

cuidado.

Conta do desejo que teve, no hospital, na ocasião em que estava realizando um exame em que ouviu seu batimento cardíaco, e então perguntou ao seu médico se poderia gravar “esse som de sangue correndo”, e segue: “a batida do coração é um som que eu não escuto mas que está em mim”. A entrevistada questiona se existe a sensibilidade nos cursos da área da saúde de “explorar este mundo não só tecnicamente, mas também sensorialmente”, e então, utilizando o exemplo do barulho perturbador das máquinas de ressonância magnética, fala da necessidade de sensibilização dos profissionais para este “lado mais humano no sentido sensorial e não só funcional”.

A inclusão da educação em artes e humanidades no treinamento de profissionais de saúde pode melhorar suas habilidades clínicas, pessoais e de comunicação (Fancourt; Finn, 2019). E para além de habilidades, para pensarmos em uma educação em saúde que possibilite a formação de profissionais conscientes da necessidade de constante análise e mudança de seu exercício profissional,

[...] cabe ampliar o escopo da formação em saúde, tradicionalmente próximo das análises econômicas, para se agregar a sociologia, a antropologia, as letras, as artes, a cultura, além do próprio campo da educação, buscando a complementaridade necessária à construção de um novo referencial condizente com os desafios do presente momento (Padilla; Pinto; Nunes, 2018).

A seguir comento algo sobre o CE como promotor do acesso à arte, e então a entrevistada conta sobre sua experiência com arte urbana, quando coordenou e produziu trabalhos de intervenção urbana na cidade e afirma que acredita ser consenso a relevância deste tipo de obra. Após relata seu trabalho realizado sobre a mudança no espaço urbano decorrente da construção da terceira perimetral.

Para concluirmos o encontro, como sei de sua formação em artes visuais e arquitetura, peço que comente sobre o que julga importante para que as pessoas possam fruir a cidade. A entrevistada retoma o que falou sobre o projeto Espaço Urbano Espaço Arte, que inseriu obras de arte contemporânea na paisagem urbana, como em parques, praças e viadutos, aproximando a população das artes visuais. Sua participação ocorreu na década de 1990, quando coordenou o projeto “Pintura nas Fachadas”, para revitalização do bairro Rubem Berta, o que acredita estimular o cuidado das pessoas pelo seu bairro, ao melhorá-lo visualmente.

Acredito que este convívio com as obras no espaço urbano vá além do estímulo

ao cuidado, inclusive porque se não fizerem sentido para quem está interagindo serão em alguma medida ressignificadas. Canclini (1997), ao analisar o fenômeno da cultura urbana como causa da intensificação da heterogeneidade cultural, reflete que, diferente do congelamento no sentido dos objetos dentro dos museus, “os monumentos abertos à dinâmica urbana facilitam que a memória interaja com a mudança” provocada pelo trânsito e mesmo pelas intervenções que sofrem, tendo seu sentido renovado ao dialogarem com as contradições presentes,

Sem vitrinas nem guardiões que os protejam, os monumentos urbanos estão felizmente expostos a que um grafite ou uma manifestação popular os insira na vida contemporânea. Mesmo que os escultores resistam a abandonar as fórmulas do realismo clássico ao representar o passado, a fazer heróis de manga curta, os monumentos se atualizam por meio das “irreverências” dos cidadãos (Canclini, 1997, p. 301).

Nos despedimos e a professora retorna à Sala de Cerâmica, onde segue dividindo suas experiências e planejando com as alunas seus próximos projetos escultóricos.

## 5.6 AÇÃO DE FORMAÇÃO COM RESIDENTES DA ATENÇÃO PRIMÁRIA À SAÚDE

Após a realização das entrevistas, convidei os residentes dos programas da Atenção Primária à Saúde da Secretaria Municipal de Saúde para a Ação de Formação, prevista no projeto como produto, mas que apresento também neste capítulo de resultados da pesquisa, por conter informações que julgo importantes para a discussão.

A presença dos residentes foi discutida com a coordenação da residência médica e com os preceptores dos programas, que optaram por estender o convite somente aos profissionais do primeiro ano. Sua participação era espontânea e nove residentes do programa multiprofissional compareceram na ação, que ocorreu em uma das salas de desenho do Atelier Livre Xico Stockinger, com grandes janelas, que enchem a sala de luz natural.

*Figura 9 – Encontro com os residentes na Sala de Desenho*



Fonte: Acervo pessoal da autora.

Ao iniciarmos, falei da minha formação nas áreas da saúde e artes visuais, explicando o surgimento do interesse no assunto da pesquisa, da visão que tenho sobre o papel das artes na vida das pessoas, e apresentei algumas evidências sobre os benefícios da relação entre saúde, arte e educação.

O encontro foi conduzido a partir de algumas ideias: a relação do conceito de arte com a nossa cultura; o papel das artes na vida das pessoas; a ampliação do conceito de arte; como a arte pode transformar a experiência de vida das pessoas; e a abordagem do assunto na formação em saúde.

Para falarmos da relação do conceito de arte com a nossa cultura, apresentei Uýra, artista que criou imagens impactantes que pude ver expostas na 34ª Bienal de São Paulo, onde discute conservação ambiental e os direitos indígenas e LGBTQIAPN+. Comentei sobre suas áreas de formação e interesses, e esta presença em sua formação artística, recomendando que sempre que tiverem acesso apreciem arte contemporânea.

Figura 10 – Obras de Uýra expostas na Bienal de São Paulo

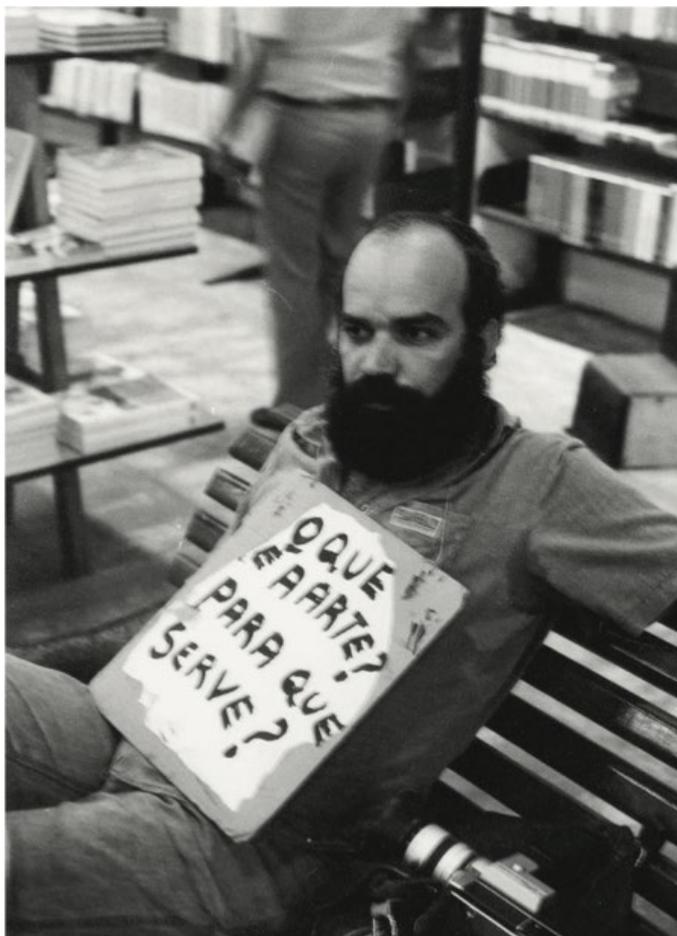


Fonte: Levi Fanan, Fundação Bienal de São Paulo. Disponível em:

<http://34.bienal.org.br/artistas/8298>.

A seguir utilizei como disparadora a imagem de Paulo Bruscky, na ação em que caminhava pelas ruas com uma placa com as perguntas: “O que é arte? Para que serve?”, para pensarmos o papel das artes na vida das pessoas (Portfólio Galeria Nara Roesler, 2023). Propus que falassem de um artista ou obra presente em suas vidas e que indicariam para os demais conhecerem, o que permitiu que falassem de seus interesses, surgindo diversos artistas e gêneros musicais, dança, teatro e artes visuais, num momento em que pude conhecê-los de outra forma. Muitas falas expressaram a importância desta presença no cotidiano, e indo além, como foram impactados pelo contato com algumas obras. Exemplifico aqui com a de uma residente, que contou do dia em que foi sem planejar a uma apresentação de teatro circense do grupo Tholl e o quanto admirou-se com as emoções despertadas pela experiência.

Figura 11 – Paulo Bruscky, em 1978, em ação nas ruas de Recife



Fonte: Portfólio Paulo Bruscky, Galeria Nara Roesler. Disponível em:

[https://nararoesler.art/usr/library/documents/main/56/paulobruscky-gnr-portfolio\\_web.pdf](https://nararoesler.art/usr/library/documents/main/56/paulobruscky-gnr-portfolio_web.pdf).

Discutimos esta presença em nossa vida e a importância de ter este acesso. A seguir apresentei uma das evidências que utilizei logo no início de minha pesquisa. Para falarmos da ampliação do conceito de arte, utilizei como exemplo a história do grafite, da pichação e pixação, com as duas grafias, e como ocorreu a participação da Pixação SP na Bienal de São Paulo. Discutimos esta presença na paisagem urbana da cidade, e a mudança de *status* desta linguagem visual ao entrar em um espaço formal de arte como a Bienal. Um dos residentes relatou o impacto positivo que a pichação com a frase “Exu te ama” teve em um dia difícil de sua vida, ao se conectar com suas crenças e confortá-lo diante da situação em que estava.

Figura 12 – Pixação SP na Bienal de São Paulo

- 1 **ANTBOYS** duda  
2007  
documentação
- 2 **CRIPTA** djan  
2008  
documentação
- 3 **RAFAEL PIXOBOMB**  
2007  
documentação
- 4 **ZICAS** stan  
2007  
documentação
- 5 **SURRA** rudá > **SEM MEDO**  
**juca** > **COMA** wil  
2007  
documentação
- 6 **Sem título**  
2008  
documentação



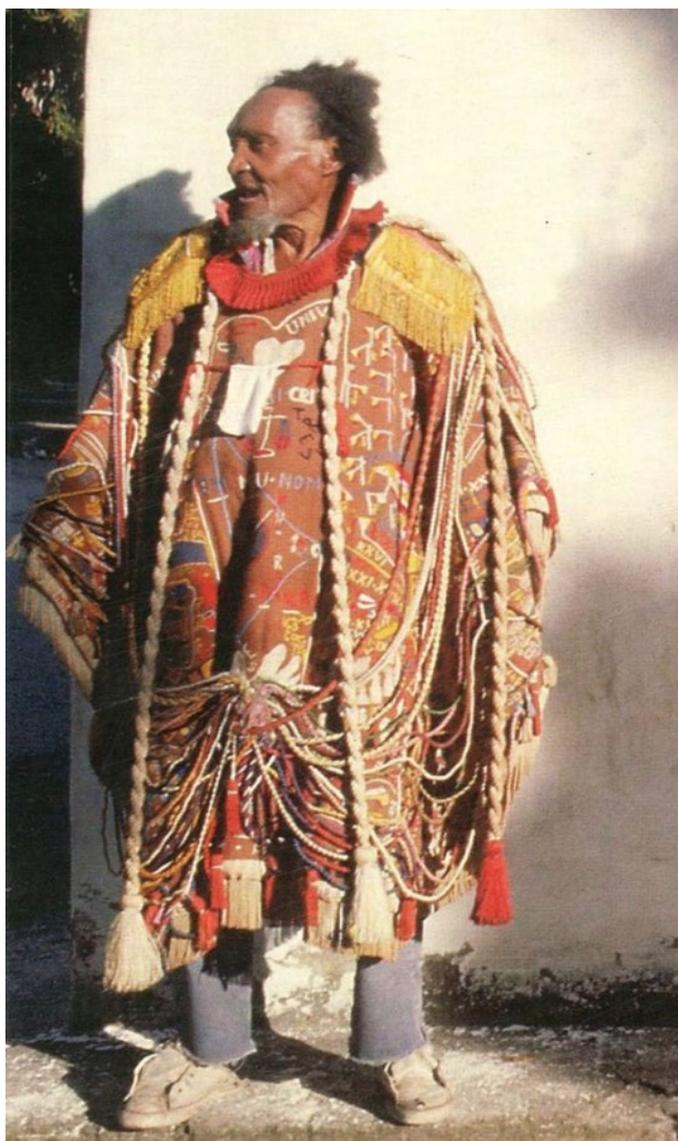
Fonte: Catálogo 29ª Bienal de São Paulo.

Disponível em: <https://issuu.com/bienal/docs/29a-catalogo-pt>.

Ao abordar como a arte pode transformar a experiência de vida das pessoas, trouxe o artista Arthur Bispo do Rosário, que somente um dos residentes refere conhecer, através de um tio, artista visual que o utiliza como referência em uma oficina de bordado. Ao contar sua história e apresentar algumas de suas obras, realizadas na Colônia Juliano Moreira, a partir de orientações das vozes que ouvia, destaquei

também a evolução das abordagens em Saúde Mental, falando sobre o Movimento dos Ouvidores de Vozes, que reconhece e valoriza a diversidade das pessoas que ouvem vozes, têm visões ou experiências sensoriais relacionadas, e seu direito de definir suas experiências ou como abordá-las (Intervoice, 2023).

*Figura 13 – Arthur Bispo do Rosário vestindo o Manto da Apresentação*



Fonte: Museu Bispo do Rosário.

Disponível em: <https://museubispodorosario.com/arthur-bispo-do-rosario/>.

Propus como exercício a formação de pequenos grupos conforme a Unidade de Saúde em que atuam, para que pensassem em uma situação ou problema de saúde em que a abordagem poderia ser através das artes, e elaborassem uma proposta para execução. Os residentes formaram pequenos grupos e discutiram por

algum tempo, depois nos reunimos e apresentaram suas propostas.

Em uma das Unidades de Saúde há um extenso espaço físico externo e as profissionais que atuam nela pensaram em explorar atividades como dança, expressão musical, e também surgiram ideias para oficinas de artesanato com material reciclável, para uso ou decoração. Outro grupo que trabalha com pessoas privadas de liberdade pensou no potencial desta abordagem para alívio da ansiedade e do estresse desta situação, em que o artesanato, literatura, escrita, música, dança, teatro, jardinagem ou mesmo esportes poderiam ser utilizados, e uma possível renda advinda do artesanato poderia financiar as outras atividades. Um último grupo apresentou a ideia da “Oficina de Artesanato Entre as Gerações”, que reuniria idosos e adolescentes em situação de vulnerabilidade para realização de bordado com tema livre. Discutimos o que formularam e sugeri que mapeassem os equipamentos culturais e as atividades que já ocorrem em seu território de atuação.

Questionei se tiveram este assunto abordado em algum momento de sua formação em saúde, e somente uma profissional da odontologia referiu algo que julgou se aproximar, que foi uma disciplina de fotografia odontológica na graduação, que entendo ser uma disciplina com enfoque na elaboração de imagens para formulação de portfólios profissionais, com ênfase nos resultados estéticos dos tratamentos odontológicos. Segui questionando se julgavam relevante esta presença, ao que responderam positivamente, e finalizei perguntando sobre como então isto poderia ocorrer. Não houve consenso sobre como incluir o assunto, uma residente falou em obrigatoriedade e outro contrapôs com a frase “A obrigação de produzir aliena a paixão de criar”, interrogando se a obrigatoriedade não tornaria a experiência desagradável, algo que então seria rechaçado pelas pessoas.

Sáímos com alguns encaminhamentos decididos pelo grupo: manifestação de interesse e acordo de realizar novos encontros como este bimestralmente, sempre em espaços de arte diferentes, para que conhecessem mais possibilidades na cidade; foi sugerido o Café Mentaleiro, no GerAção POA, para conhecer a oficina e a proposta de geração de renda; e um último encaminhamento surgiu da possibilidade oferecida pela coordenadora do Atelier, de fazermos juntos uma oficina de aquarela ou cerâmica no próximo semestre.

## 6 CATEGORIAS EMERGENTES DA DISCUSSÃO

Na busca por um modelo de organização dos assuntos emergentes, dispus as ideias surgidas nos encontros em um diagrama, em que fui traçando possíveis ligações, e então se desenha uma trama a partir das conexões estabelecidas, restando a impressão de que outras ligações ainda poderiam ser exploradas. Comento, a seguir, as dimensões que acredito fornecerem pistas para esta inclusão das artes no cuidado e na educação em saúde.

### 6.1 INTERSETORIALIDADE

Levando-se em conta as manifestações dos entrevistados, podemos pensar a institucionalização da intersectorialidade como uma alternativa para a manutenção de parcerias já realizadas, porém conduzidas por indivíduos em situações específicas, e de seu uso com o objetivo de preencher lacunas do serviço público, mas também como possibilidade de multiplicação e fortalecimento de propostas inovadoras em saúde, e na ampliação das relações entre diferentes setores para abordagem de questões complexas, como inclusão e promoção de saúde.

Iniciativas como as conduzidas pelo CE, o contato do CAPS com o Ponto de Cultura do Quilombo do Sopapo, as relações que o GerAção POA estabeleceu ao longo dos anos com a Escola Municipal Porto Alegre, Atelier Livre Xico Stockinger, Biblioteca Pública Municipal Josué Guimarães, Cinemateca Capitólio e Fórum Municipal de Economia Popular Solidária de Porto Alegre, ações como a chamada “O CMET vai à Comunidade” e na parceria do CMET com o Ministério Público, e mesmo a busca do Atelier Livre pela relação com uma escola, denotam o interesse e mesmo a necessidade de ações intersectoriais.

Percebo pelo relato das iniciativas que ao trabalhar há mais tempo nesta lógica, o GerAção POA estabeleceu mais relações e alguns projetos duradouros, e então poderíamos inferir que a permanência do estímulo à articulação entre os setores multiplicaria e fortaleceria tais relações. A revisão realizada corrobora também que este fomento deve provir da institucionalização da intersectorialidade como estratégia de gestão pública (Wanderley; Martinelli; Paz, 2020).



O CE e sua ideia ampla de educação, que transcende as paredes da escola para permear toda a cidade e educar para a cidadania (Associação Internacional de Cidades Educadoras, 2020), permitiria a interlocução entre os diversos atores sociais da cidade e setores da PMPA, porém, no contato realizado com profissionais de outras secretarias nos locais percorridos, que seriam estratégicos para a execução de ações, evidenciou-se o pouco conhecimento sobre o projeto conduzido pela SMTC. O direcionamento de recursos humanos para o CE poderia promover a amplificação de sua discussão em mais espaços das secretarias, onde também estariam os servidores que o operacionalizariam, alcançando não somente os gestores, mas os possíveis executores das ações.

A realização do mapeamento inicialmente planejado nos objetivos serviu como exercício para observação dessas relações, porém ao longo da pesquisa tive contato com várias iniciativas de georreferenciamento de dispositivos culturais, e penso que talvez não seja necessário criar um novo mapeamento e sim utilizar os já existentes, pois não seria somente a divulgação da existência e localização destes equipamentos o principal fator promotor da relação entre estes e os serviços de saúde e educação, e sim ações e políticas voltadas ao fomento da intersectorialidade.

As iniciativas de mapeamento como o Mapa da Cultura, que reúne informações do antigo Registro Aberto da Cultura, da Rede Cultura Viva, do Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas e do Cadastro Nacional de Museus (Mapa da Cultura, 2023), a Plataforma da Rede Cultura Viva, que é a plataforma do Cadastro Nacional de Pontos e Pontões de Cultura (Cultura Viva, 2023), o CulturaEduca, que é um mapeamento colaborativo de equipamentos educativos e culturais (Cultura Educa, 2023), e a construção de portfólios como o Portfólio de Práticas Inspiradoras em Atenção Psicossocial da Escola Politécnica Joaquim Venâncio da Fiocruz (Portfólio de Práticas Inspiradoras em Atenção Psicossocial, 2023), são válidas, aliadas às políticas de incentivo e financiamento, especialmente quando descentralizam a inclusão de informações, não ficando condicionadas à classificação de um organizador ou grupo, e conseqüentemente aos seus conceitos e definições de saúde, arte e educação, conceitos estes sempre em discussão e disputa.

## 6.2 EDUCAÇÃO AO LONGO DA VIDA E EDUCAÇÃO POPULAR

Durante as entrevistas surgiram as ideias ou conceitos de educação ampla, ao

longo da vida e popular. Podemos abordar este assunto a partir do anseio percebido nos entrevistados, de pensar educação de forma ampliada, não somente escolar, promotora de saúde e cidadania, de que o acesso à educação possibilite o desenvolvimento de outros interesses, e que se desenvolva outra lógica nas relações de cuidado e educação em saúde.

Uma das menções à promoção de educação de forma ampliada surge ligada ao CE, em que todas as estruturas da cidade podem ter um papel educativo para qualificar sua relação com os cidadãos, e conseqüentemente estes desenvolverem sua cidadania (Gadotti, 2006). Penso que esta relação de apropriação e pertencimento permite o fruir da cidade e promove qualidade de vida.

Para Dantas, Paro e Cruz (2020), “as práticas de Educação Popular em Saúde não se dão tão somente em torno de conteúdos preestabelecidos, mas de uma metodologia própria a partir da qual os temas são gerados e determinados pelos educandos”, e em consonância com esta ideia, o processo de trabalho que observamos no CAPS e na oficina GerAção POA carrega esta lógica da Educação Popular nas relações de cuidado e educação em saúde, na elaboração de projetos, ou mesmo o planejamento de abordagens construídas com o público para o qual estão direcionadas. Ainda em conformidade com estes autores, para os quais “a arte é uma das melhores formas de convidar as pessoas a expressar esse sentir, pensar e agir, justamente porque consegue mobilizá-las de um modo acolhedor, convidativo e criativo”, estas equipes lançam mão de linguagens artísticas para esta aproximação com seus usuários eicineiros (Dantas; Paro; Cruz, 2020).

Como aponta Gadotti (2015), na Educação ao Longo da Vida, a aprendizagem se confunde com a própria vida, indo além dos espaços formais, nos obrigando a ter uma visão mais holística da educação. O acesso a outros conhecimentos a qualquer tempo, a exemplo dos cursos oferecidos pelo CMET ou nas oficinas do Atelier Livre, possibilitam o desenvolvimento de outros interesses, novas experiências e mesmo a possibilidade de socialização e troca de saberes, oportunizando agregar diferentes pensamentos e educando para a diversidade dos modos de vida.

### 6.3 A PRESENÇA DAS ARTES NA FORMAÇÃO DOS PROFISSIONAIS DE SAÚDE

A importância desta presença é apontada não somente pelos profissionais de saúde entrevistados, que relatam outrora ter convivido com profissionais das Artes

Visuais através de programas de Residência em Saúde, mas por outros entrevistados, que falam de sua importância para a sensibilização destes profissionais para qualificação do cuidado.

Como afirmou o profissional entrevistado no CAPS, a inclusão da arte na rotina de cuidado aos usuários é um exercício que demanda esforço, para sair de um conceito mais estrito de saúde. Relaciono esta dificuldade à ausência destes conceitos na formação atual, e retomo a recomendação de Padilla, Pinto e Nunes (2018), de “ampliar o escopo da formação em saúde, para se agregar a sociologia, a antropologia, as letras, as artes, a cultura”, visando a formação de profissionais conscientes da necessidade de constante análise e mudança de seu exercício profissional.

Quanto ao relato dos entrevistados sobre a presença de Artistas Visuais na Residência Multiprofissional em Saúde Mental da Escola de Saúde Pública do Rio Grande do Sul e no Programa de Residência Integrada Multiprofissional em Saúde Mental Coletiva do EducaSaúde, vejo como essencial a presença das artes na formação dos profissionais em saúde no nível de pós-graduação, com a retomada ou mesmo a inclusão do núcleo de Educação Artística nas residências multiprofissionais em saúde mental e até em outros programas de residência, o que tornaria premente também a discussão da inserção deste profissional na composição das equipes de saúde.

Anterior a estes níveis de formação e um possível alicerce para valorização deste campo de conhecimento, está o reposicionamento da disciplina de artes que, sem um caráter de exceção (Kaprow, 2009), pode estar presente com o mesmo peso na distribuição das disciplinas do Ensino Fundamental, a exemplo do que ocorre no CMET. Também é necessário um movimento por parte do campo das artes, para a promoção do acesso à sua produção, o que pode incrementar a formação de seu público, além da importância da criação e manutenção de espaços públicos e acessíveis para a formação em artes, como o Atelier Livre Xico Stockinger, que instrumentalizam a utilização das linguagens artísticas.

#### 6.4 AS ARTES PARA MELHORIA NO AMBIENTE E NOS PROCESSOS DE TRABALHO

Durante as entrevistas surgiram relatos de experiências positivas

proporcionadas pelo contato com as artes no ambiente de trabalho, e pela utilização de linguagens artísticas nos processos de trabalho, podendo estar relacionadas com a presença na formação dos profissionais, tratada no tópico anterior, e como é possível perceber nas conexões que se formaram no diagrama.

Os profissionais da escola e dos serviços de saúde visitados destacam em seus relatos que a possibilidade de trabalhar com linguagens artísticas em seus projetos, ou mesmo a presença nos ambientes, torna o trabalho mais agradável e mesmo gratificante. Então veem na arte uma função de manutenção do bem-estar da equipe e seus reflexos no ambiente de trabalho e, portanto, um possível impacto positivo na saúde dos trabalhadores destes locais.

Porém, acredito que pensar na presença das artes somente com a função de tornar os ambientes de trabalho mais agradáveis seria uma limitação de seu potencial, pois indo além e permeando as atividades e processos de trabalho, pode resignificá-los e direcioná-los à reconstrução como prática humanizada (Sato; Ayres, 2015), gerando para trabalhadores e usuários “um cuidar de si, não para construir um jeito protocolar de viver, mas para construir seu modo original de viver” (Ceccim; Merhy, 2009).

Por fim, além de benéficas para os trabalhadores, a reprodutibilidade de algumas técnicas artísticas permite a manufatura de produtos e geração de renda, como no caso do GerAção POA, num desdobramento capaz de promover inclusão e cidadania para os usuários do serviço e mesmo uma outra percepção sobre estes pela população da cidade.

## 6.5 POLÍTICAS PARA INCLUSÃO DAS ARTES NO CUIDADO E NA EDUCAÇÃO EM SAÚDE

Na pesquisa proposta, o projeto CE foi lembrado como abordagem intersetorial de educação na cidade, capaz de incluir as artes em suas ações e proporcionar acesso a elas pelos cidadãos. Além do CE, outras políticas públicas, como os Centros de Convivência e Cultura e os Pontos de Cultura foram relatadas pelos entrevistados como possíveis promotoras desta inclusão.

O CE, em sua Carta das Cidades Educadoras, apresenta como um de seus princípios o acesso à cultura, através da promoção do direito à cultura e à participação de todas as pessoas, sobretudo dos grupos em situação de maior vulnerabilidade, na

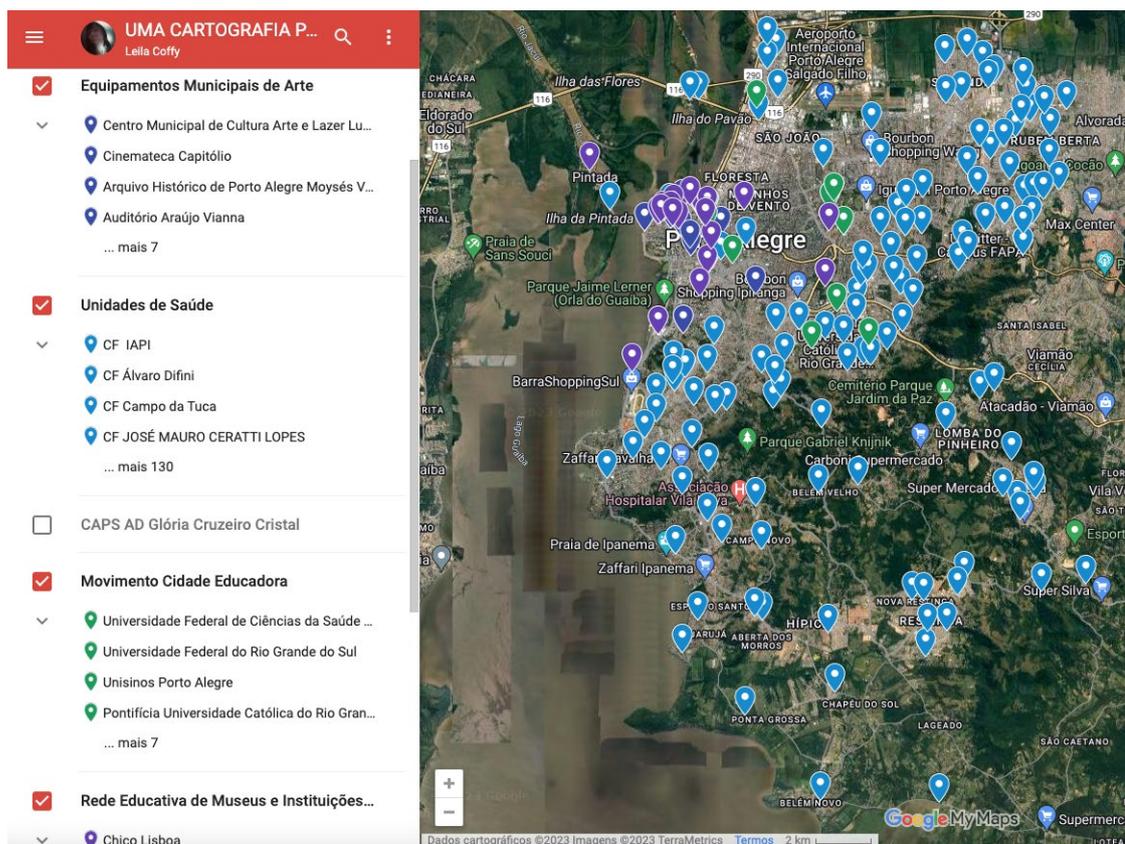
vida cultural da cidade como forma de inclusão, promovendo o sentimento de pertença e de boa coexistência (Associação Internacional de Cidades Educadoras, 2020).

Ainda com relação a este acesso, uma cidade educadora estimula a educação artística, a criatividade e a inovação, promovendo e apoiando iniciativas culturais, tanto de vanguarda, como de cultura popular, como meio de desenvolvimento pessoal, social, cultural e econômico (Associação Internacional de Cidades Educadoras, 2020).

Portanto, se adequadamente estruturada e financiada, esta política pode articular iniciativas culturais que por sua vez podem se relacionar com os serviços de saúde, além do impacto de modo mais amplo de seus outros princípios na qualidade de vida dos cidadãos.

Os Pontos de Cultura, citados pelo entrevistado do CAPS, fazem parte da política pública Cultura Viva, voltada para o reconhecimento e apoio às atividades e processos culturais já desenvolvidos, como os do Quilombo do Sopapo, estimulando a participação social, a colaboração e a gestão compartilhada de políticas no campo da cultura (Cultura Viva, 2023). Acredito que a descentralização das atividades culturais e a valorização das manifestações locais e periféricas, como neste caso, amplia o acesso às artes e estimula o sentimento de pertencimento, tanto deste local quanto de toda cidade. Ao desenvolverem e articularem atividades culturais em suas comunidades e se relacionarem com o entorno, os Pontos de Cultura tem potencial para estabelecer vínculos e uma relação inventiva com as estruturas de saúde e educação.

Figura 15 – Mapeamento dos Pontos de Cultura



Fonte: Elaborado pela autora.

Observando o mapeamento com os equipamentos municipais de arte (em azul escuro), complementado pelas instituições culturais presentes na REMIC (em roxo) e instituições envolvidas com o CE (em verde), é perceptível a concentração destas nas áreas centrais da cidade. Pode-se utilizar como referência do tamanho do município e de sua ocupação, as unidades de saúde (em azul claro), que estão espalhadas pela cidade. A partir desta observação, podemos inferir que para os moradores das regiões mais periféricas da cidade, o acesso a estas estruturas será impactado por questões logísticas e econômicas, portanto além de estimular e oportunizar a sua frequência, o fomento aos Pontos de Cultura poderia incrementar e descentralizar os equipamentos culturais.

Os Centros de Convivência e Cultura, lembrados pela entrevistada da oficina GerAção POA, são dispositivos públicos que compõem a rede de atenção substitutiva em saúde mental, e oferecem às pessoas com transtornos mentais espaços de sociabilidade, produção cultural e intervenção na cidade através de oficinas e atividades coletivas (Ministério da Saúde, 2005), o que os aproxima do trabalho

realizado por esta oficina.

A articulação com outras estruturas de atenção à saúde, dispositivos da rede de assistência social, dos campos do trabalho, da cultura e da educação estão no eixo de trabalho dos Centros de Convivência e Cultura, e sendo concebidos fundamentalmente, no campo da cultura, como espaços de articulação com a vida cotidiana e a cultura (Ministério da Saúde, 2005), são promotores da inclusão das artes em sua essência.

Entendendo a importância de uma política que inclua as artes em suas premissas e estratégias, para a abordagem de questões relacionadas à saúde e educação, poderia se aprofundar a discussão para o fortalecimento tanto do CE quanto dos Centros de Convivência e Cultura no município, mas destaco a necessidade de direcionamento de recursos humanos e financeiros para o sucesso da implementação e manutenção de seus projetos.

## 7 IMPACTOS ACADÊMICOS E SOCIAIS DO PROJETO

A seguir descrevo a elaboração dos produtos técnicos originados a partir desta pesquisa.

### 7.1 PRODUTO EDITORIAL

Livro digital (*e-book*): com o material elaborado a partir da investigação, com o objetivo de possibilitar a conexão entre os profissionais interessados na proposta de interligar as áreas tratadas na pesquisa, para fomento de ações intersetoriais:

Descrição do produto	Livro digital ( <i>e-book</i> )
Finalidade	Possibilitar a conexão entre os profissionais interessados na proposta de interligar as áreas tratadas na pesquisa, relatando os resultados da pesquisa e sugerindo possibilidades de atuação
Público de interesse	Profissionais das áreas da saúde, educação e cultura
Natureza do produto	Documento eletrônico
Divulgação do produto	<a href="https://read.bookcreator.com/E028aUNF1xhcfYA5xfEI64AUSy2/YQvUsmy-QNOUtWMY9vCOfA">https://read.bookcreator.com/E028aUNF1xhcfYA5xfEI64AUSy2/YQvUsmy-QNOUtWMY9vCOfA</a>
Projeto de pesquisa vinculado	Uma cartografia para a inclusão das artes no cuidado e na Educação em Saúde
Linha de pesquisa vinculada	Educação em Saúde e Políticas Públicas
Classificação Capes	Produto de Comunicação

## 7.2 PRODUTO DE COMUNICAÇÃO

*Site* com informações georreferenciadas sobre as ações transversais pesquisadas e estruturadas para ações potenciais.

Descrição do produto	Site com ações mapeadas georreferenciadas
Finalidade do produto	Possibilitar a conexão entre os profissionais interessados na proposta de interligar as áreas tratadas na pesquisa, divulgando os locais que realizam ações ou que poderiam ser utilizados para desenvolvê-las
Público de interesse	Profissionais das áreas da saúde, educação e cultura
Natureza do produto	<i>Site</i> da internet
Divulgação do produto	<a href="https://www.google.com/maps/d/viewer?mid=17F17_Z6_68cfrdAeBMt6jkSD1kDfobsK&amp;ll=-30.088842894386506%2C-51.14377396228867&amp;z=12">https://www.google.com/maps/d/viewer?mid=17F17_Z6_68cfrdAeBMt6jkSD1kDfobsK&amp;ll=-30.088842894386506%2C-51.14377396228867&amp;z=12</a>
Projeto de pesquisa vinculado	Uma cartografia para a inclusão das artes no cuidado e na Educação em Saúde
Linha de pesquisa vinculada	Educação em Saúde e Políticas Públicas
Discente autora	Leila Coffy
Docente autor	Rafael Arenhaltdt
Fonte de financiamento	Recursos próprios
Classificação Capes	Produto de Comunicação

### 7.3 PRODUTO DE FORMAÇÃO PROFISSIONAL

Ação de formação sobre arte no cuidado e na educação em saúde para os residentes dos programas Multiprofissional em Atenção Primária à Saúde e em Medicina de Família e Comunidade da Secretaria Municipal de Saúde de Porto Alegre.

Descrição do produto	Ação de formação para os residentes da Atenção Primária à Saúde
Objetivo	Sensibilizar os residentes para a relação benéfica entre arte e saúde
Público de interesse	Residentes dos programas Multiprofissional em Atenção Primária à Saúde e em Medicina de Família e Comunidade
Temáticas	A relação do conceito de arte com a nossa cultura O papel das artes na vida das pessoas A ampliação do conceito de arte Como a arte pode transformar a experiência de vida das pessoas A presença do tema na formação em saúde
Projeto de pesquisa vinculado	Uma cartografia para a inclusão das artes no cuidado e na Educação em Saúde
Linha de pesquisa vinculada	Educação em Saúde e Políticas Públicas
Discente autora	Leila Coffy
Docente autor	Rafael Arenhaldt
Fonte de financiamento	Recursos próprios
Classificação Capes	Curso de Formação Profissional

## 8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Um movimento que penso ser válido nestas considerações finais é a retomada dos objetivos da pesquisa e a análise do que pôde ser alcançado.

A forma mais simples de carta geográfica não é a que hoje se nos mostra como a mais natural, isto é, o mapa que representa a superfície do solo vista por um observador extraterrestre. A primeira necessidade de fixar os lugares na carta está ligada à viagem: é o lembrete da sucessão das etapas, o traçado de um percurso [...] (Calvino apud Careri, 2015, p. 137).

Como objetivo geral, pretendi cartografar ações que transversalizam arte, saúde e educação, existentes no âmbito das Secretarias Municipais de Saúde, Educação, Cultura e de Transparência e Controladoria de Porto Alegre, identificando ações potenciais, e apesar de uma primeira intenção ter sido utilizar o georreferenciamento disponível para localizar os dispositivos culturais e de saúde da cidade como este “observador extraterrestre”, o método cartográfico me permitiu descrever aqui algo do percurso que fiz para entender estas ações.

Meu percurso de pesquisa começou com aproximação do tema através de material encontrado em *sites* institucionais e bibliotecas virtuais de publicação científica, movimento que seguiu ocorrendo durante toda a pesquisa, até a interpretação dos dados. As entrevistas foram o passo seguinte, e além de permitirem a percepção do tema em outros ângulos, a força destes encontros trouxe outro significado às informações, mesmo às já conhecidas. E como última fase desta aproximação, foi realizada a proposta de formação com os residentes, pensada como parte do método e também um produto, em um hibridismo possibilitado pela metodologia escolhida, e que completou minha experiência de pesquisa.

O objetivo de investigar o conhecimento de profissionais, que atuam nestas secretarias do município, sobre a relação entre arte, saúde e educação aparece dissipado durante o relato das entrevistas, ocasião em que encontrei interlocutores conhecedores e interessados pelo assunto, e não tendo determinado como exatamente seria avaliado este conhecimento, posso afirmar somente que todos o conhecem em alguma medida, e acreditam que esta relação possa trazer benefícios aos usuários que frequentam os serviços onde atuam.

Quanto ao mapeamento das ações transversais e intersetoriais existentes, e novas possibilidades de ações que estabeleçam esta relação observadas, pude

depreender que atualmente ocorrem em maior parte pelo engajamento dos profissionais, porém é necessário sedimentá-las nas instituições através de políticas públicas, para que sejam perenes. Neste sentido, espero que os produtos técnicos desenvolvidos contribuam para esta discussão.

O desejo de pesquisar sobre as áreas da saúde e arte é anterior ao ingresso no programa de pós-graduação e da elaboração desse projeto, e induziu a construção da pesquisa, que conciliaria as duas áreas de interesse. A receptividade do programa ao projeto proposto sinaliza o desejo de aproximação com outras áreas de conhecimento e novas possibilidades de atuação dos especialistas, que mesmo incipiente se opõe ao ocorrido nas residências em saúde, em que se observou uma perda de espaço das artes.

Resgato a ideia que trouxe no início deste trabalho, de que a minha experiência, mesmo da vida cotidiana, se modificou após a intensificação do contato com as artes e da descoberta de possibilidades para produção de projetos artísticos, e que esta constatação trouxe a crença de que este acesso seria promotor de qualidade de vida para todos, podendo potencializar ações de saúde. As imagens de Paulo Bruscky, na ação em que caminhava pelas ruas com uma placa com as perguntas: “O que é arte? Para que serve?” (Portfólio Galeria Nara Roesler, 2023) foram uma provocação que sempre me acompanhou, amplificando a sensação de que justamente por seu potencial, as artes devem ser acessíveis a todos.

Retomo parte da fala de uma entrevistada que afirmou que nossa mente seria o único espaço em que temos “completa autonomia” e da importância de cultivar esse repertório para nossa resiliência diante dos desafios da vida, pois o contato com os entrevistados reforçou a ideia da função das artes de fortalecerem essa subjetividade necessária ao indivíduo. No momento em que se resgata a discussão sobre os Centros de Convivência e Cultura, pesquisas nesse sentido são necessárias para a sedimentação desses espaços.

Por fim, retorno a ideia que me despertou o interesse por esta pesquisa, de que as artes façam parte do cotidiano, e espero contribuir com este pequeno ponto no mapa, para que estejam próximas, acessíveis, e que portanto dialoguem com a realidade dos sujeitos. Neste percurso aprendi sobre o assunto e sobre como pesquisar, do prazer na surpresa de um desfecho não imaginado inicialmente, e com isso entender a efetividade do processo da pesquisa. Entendi um pouco mais minhas limitações e me interessei ainda mais sobre o assunto. A sensação é a de abrir

levemente os olhos e vislumbrar um pouco de luz, é possível ampliar muito mais o conhecimento sobre o assunto, ainda sem a pretensão de ampliar seus horizontes, somente os meus.

## REFERÊNCIAS

- ALL-PARTY PARLIAMENTARY GROUP ON ARTS, HEALTH AND WELLBEING. **Creative health: the arts for health and wellbeing**. Londres: APPG, 2017. Disponível em: [https://www.culturehealthandwellbeing.org.uk/appg-inquiry/Publications/Creative Health Inquiry Report 2017 - Second Edition.pdf](https://www.culturehealthandwellbeing.org.uk/appg-inquiry/Publications/Creative_Health_Inquiry_Report_2017_-_Second_Edition.pdf). Acesso em: 5 set. 2022.
- ALVAREZ, A. P. E.; SILVA, J. O. Centro de Convivência e Cultura: diálogos sobre autonomia e convivência. **ECOS - Estudos Contemporâneos da Subjetividade**, v. 6, n. 1, p. 5-19, 2016. Disponível em: <http://www.periodicoshumanas.uff.br/ecos/article/view/1859/1282>. Acesso em: 12 jul. 2023.
- ALVAREZ, J.; PASSOS, E. Cartografar é habitar um território existencial. *In*: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. (org.). **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2009.
- ARTE FORA DO MUSEU. **Portal**. (online). 2023. Disponível em: <http://www.arteforadomuseu.com.br/>. Acesso em: 23 jul. 2023.
- ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL DE CIDADES EDUCADORAS. **Carta das Cidades Educadoras**. Barcelona: AICE, 2020. Disponível em: [https://www.edcities.org/wp-content/uploads/2020/11/PT\\_Carta.pdf](https://www.edcities.org/wp-content/uploads/2020/11/PT_Carta.pdf). Acesso em: 5 set. 2022.
- ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL DE CIDADES EDUCADORAS. **Quem somos**. (online). 2023. Disponível em: <https://www.edcities.org/pt/quem-somos/>. Acesso em: 23 jul. 2023.
- BIENAL DE SÃO PAULO. **A rua fluxus**. (online). 2023. Disponível em: <https://bienal.org.br/a-rua-fluxus/>. Acesso em: 23 jul. 2023.
- BOTTON, A. de; ARMSTRONG, J. **Art is therapy**. Amsterdam: Rijksmuseum, 2014a.
- BOTTON, A. de; ARMSTRONG, J. **Arte como terapia**. Tradução: Denise Bottmann. 1. ed. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2014b.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. DAPE. Coordenação Geral de Saúde Mental. Reforma psiquiátrica e política de saúde mental no Brasil. **Conferência Regional de Reforma dos Serviços de Saúde Mental: 15 anos depois de Caracas**. OPAS. Brasília: Ministério da Saúde, 2005. Disponível em: [https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/Relatorio15\\_anos\\_Caracas.pdf](https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/Relatorio15_anos_Caracas.pdf). Acesso em: 12 jul. 2023.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria-Executiva. Secretaria de Atenção à Saúde. **Glossário temático: práticas integrativas e complementares em saúde**. Brasília: Ministério da Saúde, 2018. Disponível em: [https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/glossario\\_tematico\\_praticas\\_integrativas](https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/glossario_tematico_praticas_integrativas)

[complementares.pdf](#). Acesso em: 12 jul. 2023.

CANDA, C. N. Teatro-fórum: propósitos e procedimentos. **Revista Urdimento**, Florianópolis, n. 18, p. 119-128, 2012. Disponível em: <https://revistas.udesc.br/index.php/urdimento/article/view/1414573101182012119/2349>. Acesso em: 5 set. 2022.

CARERI, F. **Walkscapes**: o caminhar como prática estética. Tradução: Frederico Bonaldo. São Paulo: Editora G. Gili, 2013.

CASTRO, E. D.; LIMA, E. M. F. A. Resistência, inovação e clínica no pensar e no agir de Nise da Silveira. **Interface - Comunic, Saúde, Educ**, v. 11, n. 22, p. 365-376, maio/ago. 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/icse/a/Cv5FYpFCjDLL9gRTBqBCRDg/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 12 jul. 2023.

CECCIM, R. B.; MERHY, E. E. Um agir micropolítico e pedagógico intenso: a humanização entre laços e perspectivas. **Interface - Comunic., Saude, Educ.**, v. 13, supl.1, p. 531-542, 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/icse/a/DZvqBvW5mYGqKZ5YMxnQhdf/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 12 jul. 2023.

CECCIN, R. B. *et al.* Residência Integrada Multiprofissional em Saúde Mental Coletiva: Educação Pós-Graduada em Área Profissional da Saúde realizada em serviço, sob orientação docente-assistencial. *In*: FAJARDO, A. P.; ROCHA, C. M. F.; PASINI, V. L. (org.). **Residências em saúde**: fazeres & saberes na formação em saúde. Porto Alegre: Hospital Nossa Senhora da Conceição, 2010.

CMET PAULO FREIRE. **Portal**. (online). 2023. Disponível em: <https://websmed.portoalegre.rs.gov.br/escolas/cmet/twocolumn1.html>. Acesso em: 23 jul. 2023.

CULTURA EDUCA. **Portal**. (online). 2023. Disponível em: <http://www.culturaeduca.cc/>. Acesso em: 23 jul. 2023.

CULTURA VIVA. **Portal**. (online). 2023. Disponível em: <http://culturaviva.gov.br/busca/##> Acesso em: 23 jul. 2023.

DANTAS, V. L. A.; PARO, C. A.; CRUZ, P. J. S. C. Educação popular em saúde, arte e múltiplas linguagens. **Rev. Ed. Popular**, Uberlândia, Edição Especial, p. 298-311, jul. 2020. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/reveducpop/article/download/56011/29353/234232> Acesso em: 12 jul. 2023.

DIÁRIO OFICIAL DE PORTO ALEGRE. **Portal**. (online). 2023. Disponível em: [https://dopaonlineupload.procempa.com.br/dopaonlineupload/4216\\_ce\\_346125\\_1.pdf](https://dopaonlineupload.procempa.com.br/dopaonlineupload/4216_ce_346125_1.pdf) Acesso em: 23 jul. 2023.

FANCOURT, D.; FINN, S. **Health evidence network synthesis report** - What is the evidence on the role of the arts in improving health and well-being? A scoping review. Copenhagen: World Health Organization, 2019. Disponível em: <https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/329834/9789289054553-eng.pdf>.

Acesso em: 5 set. 2022.

FERIGATO, S. H.; CARVALHO, S. R.; TEIXEIRA R. R. Cartografia dos Centros de Convivência: a produção de encontros e de redes. **Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo**, São Paulo, v. 27, n. 1, p. 12-20, jan./abr. 2016. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rto/article/view/98240/114552>. Acesso em: 12 jul. 2023.

GOMBRICH, E. H. **A história da Arte**. Tradução: Álvaro Cabral. 16. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2012.

INSTITUTO DE PSICOLOGIA, SERVIÇO SOCIAL, SAÚDE E COMUNICAÇÃO HUMANA. **Portal**. (online). 2023. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/ipssch/mentalcoletiva/>. Acesso em: 23 jul. 2023.

INSTITUTO TIM. **Portal**. (online). 2023. Disponível em: <https://institutotim.org.br/projetos/mapas-culturais/>. Acesso em: 23 jul. 2023.

INTERVOICE. **Portal**. (online). 2023. Disponível em: <https://www.intervoiceonline.org/#content>. Acesso em: 23 jul. 2023.

KAPROW, A. A educação do an-artista II. Tradução: Ricardo Basbawn. **Revista Concinnitas**, Rio de Janeiro, 2004. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/concinnitas/article/view/44493/30260>. Acesso em: 5 set. 2022.

KAPROW, A. A Educação do Não-Artista, Parte I (1971). Tradução: Carlos Klimick. **Revista Concinnitas**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 4, 2003. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/concinnitas/article/view/42641/29501>. Acesso em: 5 set. 2022.

KAPROW, A. Sucessos e fracassos quando a arte muda. Tradução: Inês de Araújo. **Revista Arte & Ensaios**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 18, p. 149-155, 2009. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/ae/article/view/52104/28388>. Acesso em: 5 set. 2022.

KASTRUP, V. *et al.* Acompanhando processos na pesquisa, uma conversa. *In*: MENDES, R.; AZEVEDO, A. B.; FRUTUOSO, M. F. P. **Pesquisar com os pés - Deslocamentos no cuidado e na saúde**. São Paulo: HUCITEC, 2019.

KASTRUP, V.; BARROS, R. B. Movimentos-funções do dispositivo na prática da cartografia. *In*: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. (org.). **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

LIMA, E. A. *et al.* Interface, arte, saúde e cultura: um campo transversal de saberes e práticas. **Interface**, Botucatu, v. 19, n. 55, p. 1019-1022, 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/icse/a/Ynm4wjGRnzZXjJ6m7yPsybm/?lang=pt>. Acesso em: 5 set. 2022.

MAPA DA CULTURA. **Portal**. (online). 2023. Disponível em: <https://mapas.cultura.gov.br/>. Acesso em: 23 jul. 2023.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Centros de Atenção Psicossocial**. (online). 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/acesso-a-informacao/acoes-e-programas/caps>. Acesso em: 23 jul. 2023.

NEVES, C. A. B. *et al.* Memória como cartografia e dispositivo de formação-intervenção no contexto dos cursos da Política Nacional de Humanização. *In*: BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Cadernos Humaniza SUS**. Vol. 1. Formação e Intervenção. Brasília: Ministério da Saúde, 2010. Disponível em: [https://bvsmis.saude.gov.br/bvs/publicacoes/cadernos\\_humanizaSUS.pdf](https://bvsmis.saude.gov.br/bvs/publicacoes/cadernos_humanizaSUS.pdf). Acesso em: 5 set. 2022.

PASSOS, E.; BARROS, R. B. A cartografia como método de pesquisa-intervenção. *In*: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. (org.). **Pistas do método da cartografia**: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2009.

PORTFÓLIO DE PRÁTICAS INSPIRADORAS EM ATENÇÃO PSICOSSOCIAL. **GerAção POA**. (online). 2023. Disponível em: <https://portfoliodepraticas.epsiv.fiocruz.br/pratica/geracaopoa>. Acesso em: 23 jul. 2023.

PRADO, N. M. B. L. *et al.* Revisitando definições e naturezas da intersectorialidade: um ensaio teórico. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 27, n. 2, p. 593-602, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/BcgPsrHzCP7SnTgqxcTBSWw/>. Acesso em: 5 set. 2022.

PREFEITURA MUNICIPAL DE PORTO ALEGRE. **Coordenação de Artes Plásticas**. (online). 2023. Disponível em: [http://www2.portoalegre.rs.gov.br/smc/default.php?p\\_secao=309](http://www2.portoalegre.rs.gov.br/smc/default.php?p_secao=309). Acesso em: 23 jul. 2023.

PREFEITURA MUNICIPAL DE PORTO ALEGRE. **Transparência e Controladoria**. (online). 2023. Disponível em: [http://www2.portoalegre.rs.gov.br/smtc/default.php?p\\_secao=1339](http://www2.portoalegre.rs.gov.br/smtc/default.php?p_secao=1339). Acesso em: 23 jul. 2023.

SATO, M.; AYRES, J. R. C. M. Arte e humanização das práticas de saúde em uma Unidade Básica. **Interface**, Botucatu, v. 19, n. 55, p. 1027-1038, 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/icse/a/yFb7cdbmY6KM8SQrx9hDjgG/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 5 set. 2022.

SILVA, A.; NASCIMENTO, I. L. C. Geração POA, experiências entre saúde e trabalho. *In*: MELICIO, T. B. L.; ALVAREZ, A. P. E. **Centro de convivência**: arte, cultura e trabalho potencializando a vida. Rio de Janeiro: Conselho Regional de Psicologia do Rio de Janeiro, 2021. Disponível em: [http://www.crprj.org.br/site/wp-content/uploads/2021/12/centros\\_convivencia.pdf](http://www.crprj.org.br/site/wp-content/uploads/2021/12/centros_convivencia.pdf). Acesso em: 12 jul. 2023.

TURINO, C. Ponto de cultura: a construção de uma política pública. **Cadernos Cenpec - Pesquisa e ação educacional**, v. 5, n. 7, p. 20-31, 2010. Disponível em: <https://cadernos.cenpec.org.br/cadernos/index.php/cadernos/article/view/61/76>.

Acesso em: 12 jul. 2023.

UNITED NATIONS. **Transforming our world**: the 2030 Agenda for Sustainable Development. Geneva: United Nations, 2015. Disponível em: <https://documents-dds-ny.un.org/doc/UNDOC/GEN/N15/291/89/PDF/N1529189.pdf?OpenElement>.

Acesso em: 12 jul. 2023.

ZANCHET, L.; PALOMBINI, A. de L.; YASUI, S. Receituário mais que especial: uma intervenção urbana para pensar arte e pesquisa no contexto da Reforma Psiquiátrica. **Interface**, Botucatu, v. 19, n. 55, p. 1039-1050, 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/icse/a/nvWNTD5xhyxYwbHhkgZwWHj/abstract/?lang=pt>.

Acesso em: 5 set. 2022.

## APÊNDICE A – TERMO DE ANUÊNCIA INSTITUCIONAL



**Prefeitura de Porto Alegre**  
**Secretaria Municipal de Saúde**  
**Comitê de Ética em Pesquisa**

### **TERMO DE ANUÊNCIA INSTITUCIONAL PMPA**

(preencha e salve uma cópia em PDF)

<p>Título da pesquisa: <a href="#">Clique ou toque aqui para inserir o texto.</a></p> <p>Pesquisador responsável: <a href="#">Clique ou toque aqui para inserir o texto.</a></p> <p>Instituição: <a href="#">Clique ou toque aqui para inserir o texto.</a></p> <p>A pesquisa proposta envolve:</p> <p><input type="checkbox"/> utilização de dados de usuários e/ou dos serviços PMPA</p> <p><input type="checkbox"/> participação de trabalhadores e/ou gestores da PMPA</p> <p><input type="checkbox"/> atividade em espaço físico da PMPA</p> <p><input type="checkbox"/> realização de exames e/ou serviços de assistência à saúde com custos para o SUS ou PMPA</p> <p><input type="checkbox"/> outras atividades: <a href="#">Clique ou toque aqui para inserir o texto.</a></p>
---

Breve relato das atividades de pesquisa que envolvem este serviço da PMPA neste projeto. (até 200 palavras)

Eu [nome completo](#), matrícula [número de matrícula municipal](#), gestor responsável por [nome da diretoria/coordenadoria onde o serviço municipal está vinculado](#) ao qual o serviço [nome do serviço onde será realizada a pesquisa](#) está vinculado.

Estou ciente dos termos desta pesquisa e autorizo, após o parecer de aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da Secretaria Municipal de Saúde de Porto Alegre, a sua realização.

Porto Alegre, [Clique ou toque aqui para inserir uma data.](#)

Assinatura e carimbo  
 Coordenação com atribuição delegada para essa autorização,  
 conforme Art. 1, inciso XV da Resolução CNS no. 580/2018

*Obs.: Este documento não autoriza o início da pesquisa, sendo apenas um requisito exigido pelo Comitê de Ética da SMSPA para análise do projeto de pesquisa. Sua finalidade é atestar que a Coordenação da área tem ciência e autoriza a realização do projeto de pesquisa, quando forem cumpridas as instâncias de avaliação ética.*

### **TERMO DE ANUÊNCIA INSTITUCIONAL PMPA**

Comitê de Ética em Pesquisa da Secretaria Municipal de Saúde de Porto Alegre – CEP SMSPA  
 Rua Capitão Montanha, 27 - 6º andar – CEP 90.010-040  
[cep\\_sms@hotmail.com](mailto:cep_sms@hotmail.com)

## APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – ENTREVISTA PRESENCIAL

Gostaria de convidá-lo(a) a participar da pesquisa **UMA CARTOGRAFIA PARA A INCLUSÃO DAS ARTES NO CUIDADO E NA EDUCAÇÃO EM SAÚDE**, do Programa de Pós-Graduação em Ensino na Saúde da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Nesta pesquisa, a saúde é definida como “um estado de completo bem-estar físico, mental e social e não apenas a ausência de doença ou enfermidade”, e o engajamento com as artes é proposto em cinco grandes categorias:

1. Artes cênicas: música, dança, teatro, canto e cinema;
2. Artes visuais, design e artesanato: artesanato, design, pintura, fotografia, escultura e têxteis;
3. Literatura: escrever, ler e participar de festivais literários;
4. Cultura: ir a museus, galerias, exposições de arte, concertos, teatro, eventos comunitários, festivais e feiras culturais e;
5. Artes on-line, digitais e eletrônicas: animações, cinema e computação gráfica.

A pesquisa tem por objetivo cartografar ações que transversalizam arte, saúde e educação, existentes no âmbito das Secretarias Municipais de Saúde, Educação, Cultura e de Transparência e Controladoria de Porto Alegre, e identificar ações potenciais.

A identificação destas ações gerará um livro digital com o material elaborado a partir da investigação, com o objetivo de possibilitar a conexão entre os profissionais interessados na proposta de interligar as áreas tratadas e fomentar ações intersetoriais, e um *site* com informações georreferenciadas sobre as ações transversais pesquisadas e estruturas para ações potenciais.

Você não terá nenhum tipo de despesa para participar, bem como nada será pago por sua participação, entretanto, esperamos que este estudo traga informações importantes sobre ações que transversalizam arte, saúde e educação, existentes e potenciais, no município, de forma que o conhecimento que será construído a partir desta pesquisa possa fomentar esta relação benéfica, e sobre a qual a pesquisadora se compromete a divulgar os resultados obtidos.

A sua participação será por meio de entrevista presencial, com roteiro semiestruturado, ou seja, com perguntas abertas e fechadas, onde você terá a possibilidade de discorrer sobre o tema proposto, e que questionará:

- O que você pensa ou conhece sobre a relação entre arte, saúde e educação;
- A existência de atividade ou projeto que estabeleça a relação entre arte, saúde e educação em sua secretaria órgão ou estrutura municipal e;
- Se você vê outras possibilidades de uso e novas conexões entre o local em que está e outras estruturas da prefeitura ou mesmo que não sejam municipais.

A duração prevista para a entrevista é de 30 minutos, em seu local de trabalho ou outro local que julgar adequado, e poderá ser gravada em áudio, com seu consentimento, e sem prejuízo das suas atividades funcionais. O arquivo de gravação da entrevista será utilizado como memória, juntamente com o diário de campo da pesquisadora, e será deletado após o término da elaboração dos produtos da pesquisa. Eventualmente algumas falas poderão ser transcritas na apresentação e discussão dos dados coletados, porém sem lhe identificar. Todas as informações coletadas neste estudo são estritamente confidenciais, e somente a pesquisadora assistente e seu orientador terão conhecimento dos dados, que

serão utilizados especificamente nesta pesquisa.

Toda pesquisa com seres humanos envolve risco em tipos e gradações variadas. Neste estudo, o tempo de realização da entrevista e o tema tratado poderão causar algum incômodo ou constrangimento e você tem liberdade de se recusar a participar ou mesmo interromper a qualquer tempo a entrevista, sem prejuízo algum, além de solicitar que tanto a gravação quanto as anotações sejam descartadas. As informações coletadas em gravação e anotações são de uso estrito da pesquisadora e seu orientador visando minimizar o risco de identificação dos participantes.

Se tiver alguma dúvida, poderá dirimi-la a qualquer momento com os responsáveis pela pesquisa. Se você concorda em participar da pesquisa, basta preencher os seus dados e assinar este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra é dos pesquisadores.

Este projeto foi avaliado pelos Comitês de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - CEP-UFRGS, e da Secretaria Municipal de Saúde de Porto Alegre - CEP-SMSPA, órgãos colegiados, de caráter consultivo, deliberativos e educativos, cuja finalidade é avaliar, emitir pareceres e acompanhar os projetos de pesquisa envolvendo seres humanos, em seus aspectos éticos e metodológicos, realizados no âmbito destas instituições.

## CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Tendo em vista os itens acima apresentados, eu, \_\_\_\_\_, de forma livre e esclarecida, manifesto meu consentimento em participar da pesquisa. Declaro que recebi cópia deste termo de consentimento, e autorizo a realização da pesquisa e a divulgação dos dados obtidos neste estudo, e que obtive todas as informações necessárias, bem como todos os eventuais esclarecimentos quanto às dúvidas por mim apresentadas.

\_\_\_\_\_, Participante da Pesquisa

Leila Coffy, Pesquisadora Assistente

Termo elaborado a partir das Resoluções nº 466, de 12 de dezembro de 2012, e nº 510, de 07 de abril de 2016, dispõem sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais.

**Pesquisadora assistente:** Mestranda Leila Coffy, +55 51 98213 8003, [leilacoffy@gmail.com](mailto:leilacoffy@gmail.com)

**Orientador:** Prof. Dr. Rafael Arenhaldt, [a renhaldt@gmail.com](mailto:renhaldt@gmail.com)

**Comissão de Pesquisa da Faculdade de Medicina FAMED - UFRGS:** [compesq-famed@ufrgs.br](mailto:compesq-famed@ufrgs.br) **Comitê de Ética em Pesquisa da UFRGS:** Avenida Paulo Gama, 110, sala 311, Prédio Anexo I da Reitoria, Campus Centro, Bairro Farroupilha, Porto Alegre-RS, CEP 90040-060, telefone: +55 51 3308 3787, e-mail: [etica@propesq.ufrgs.br](mailto:etica@propesq.ufrgs.br), horário de funcionamento: segunda a sexta, das 08:00 às 12:00 e das 13:30 às 17:30h.

**Comitê de Ética em Pesquisa da Prefeitura Municipal de Porto Alegre:** Rua Capitão Montanha, 27, Centro de Saúde Santa Marta, 6º andar, Bairro Centro Histórico, Porto Alegre-RS, CEP 90010-040, e-mail: [cep\\_sms@hotmail.com](mailto:cep_sms@hotmail.com), reuniões do colegiado: segundas e quartas terças-feiras de cada mês.

## APÊNDICE C – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – AÇÃO DE FORMAÇÃO

Gostaria de convidá-lo(a) a participar da pesquisa **UMA CARTOGRAFIA PARA A INCLUSÃO DAS ARTES NO CUIDADO E NA EDUCAÇÃO EM SAÚDE**, do Programa de Pós-Graduação em Ensino na Saúde da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Nesta pesquisa, a saúde é definida como “um estado de completo bem-estar físico, mental e social e não apenas a ausência de doença ou enfermidade”, e o engajamento com as artes é proposto em cinco grandes categorias:

1. Artes cênicas: música, dança, teatro, canto e cinema;
2. Artes visuais, design e artesanato: artesanato, design, pintura, fotografia, escultura e têxteis;
3. Literatura: escrever, ler e participar de festivais literários;
4. Cultura: ir a museus, galerias, exposições de arte, concertos, teatro, eventos comunitários, festivais e feiras culturais e;
5. Artes on-line, digitais e eletrônicas: animações, cinema e computação gráfica.

A pesquisa tem por objetivo cartografar ações que transversalizam arte, saúde e educação, existentes no âmbito das Secretarias Municipais de Saúde, Educação, Cultura e de Transparência e Controladoria de Porto Alegre, e identificar ações potenciais.

A identificação destas ações gerará um livro digital com o material elaborado a partir da investigação, com o objetivo de possibilitar a conexão entre os profissionais interessados na proposta de interligar as áreas tratadas e fomentar ações intersetoriais, e um *site* com informações georreferenciadas sobre as ações transversais pesquisadas e estruturas para ações potenciais.

Você não terá nenhum tipo de despesa para participar, bem como nada será pago por sua participação, entretanto, esperamos que este estudo traga informações importantes sobre ações que transversalizam arte, saúde e educação, existentes e potenciais, no município, de forma que o conhecimento que será construído a partir desta pesquisa possa fomentar esta relação benéfica, e sobre a qual a pesquisadora se compromete a divulgar os resultados obtidos.

A sua participação se dará na "ação de formação para os residentes da Atenção Primária à Saúde", com roteiro previamente enviado juntamente com o convite para a participação espontânea.

A duração prevista para a ação é de 2 horas, e a produção advinda de sua participação poderá ser utilizada com seu consentimento. Eventualmente algumas falas poderão ser transcritas na apresentação e discussão dos dados coletados, porém sem lhe identificar. Todas as informações coletadas neste estudo são estritamente confidenciais, e somente a pesquisadora assistente e seu orientador terão conhecimento dos dados, que serão utilizados especificamente nesta pesquisa.

Toda pesquisa com seres humanos envolve risco em tipos e gradações variadas. Neste estudo, o tempo de realização da ação e o tema tratado poderão causar algum incômodo ou constrangimento e você tem liberdade de se recusar a participar ou mesmo interromper a qualquer tempo sua participação na ação sem prejuízo algum, além de solicitar que as anotações sobre sua participação sejam descartadas. As anotações são de uso estrito da pesquisadora e seu orientador visando minimizar o risco de identificação dos participantes.

Se tiver alguma dúvida, poderá dirimi-la a qualquer momento com os responsáveis pela pesquisa. Se você concorda em participar da pesquisa, basta preencher os seus dados e assinar este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra é dos pesquisadores.

Este projeto foi avaliado pelos Comitês de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - CEP-UFRGS, e da Secretaria Municipal de Saúde de Porto Alegre - CEP-SMSPA, órgãos colegiados, de caráter consultivo, deliberativos e educativos, cuja finalidade é avaliar, emitir pareceres e acompanhar os projetos de pesquisa envolvendo seres humanos, em seus aspectos éticos e metodológicos, realizados no âmbito destas instituições.

### CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Tendo em vista os itens acima apresentados, eu, \_\_\_\_\_, de forma livre e esclarecida, manifesto meu consentimento em participar da pesquisa. Declaro que recebi cópia deste termo de consentimento, e autorizo a realização da pesquisa e a divulgação dos dados obtidos neste estudo, e que obtive todas as informações necessárias, bem como todos os eventuais esclarecimentos quanto às dúvidas por mim apresentadas.

\_\_\_\_\_, Participante da Pesquisa

Leila Coffy, Pesquisadora Assistente

Termo elaborado a partir das Resoluções nº 466, de 12 de dezembro de 2012, e nº 510, de 07 de abril de 2016, dispõem sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais.

**Pesquisadora assistente:** Mestranda Leila Coffy, +55 51 98213 8003, [leilacoffy@gmail.com](mailto:leilacoffy@gmail.com)

**Orientador:** Prof. Dr. Rafael Arenhaldt, a [renhaldt@gmail.com](mailto:renhaldt@gmail.com)

**Comissão de Pesquisa da Faculdade de Medicina FAMED - UFRGS:** [compesq-famed@ufrgs.br](mailto:compesq-famed@ufrgs.br) **Comitê de Ética em Pesquisa da UFRGS:** Avenida Paulo Gama, 110, sala 311, Prédio Anexo I da Reitoria, Campus Centro, Bairro Farroupilha, Porto Alegre-RS, CEP 90040-060, telefone: +55 51 3308 3787, e-mail: [etica@propesq.ufrgs.br](mailto:etica@propesq.ufrgs.br), horário de funcionamento: segunda a sexta, das 08:00 às 12:00 e das 13:30 às 17:30h.

**Comitê de Ética em Pesquisa da Prefeitura Municipal de Porto Alegre:** Rua Capitão Montanha, 27, Centro de Saúde Santa Marta, 6º andar, Bairro Centro Histórico, Porto Alegre-RS, CEP 90010-040, e-mail: [cep\\_sms@hotmail.com](mailto:cep_sms@hotmail.com), reuniões do colegiado: segundas e quartas terças-feiras de cada mês.

## APÊNDICE D – ROTEIRO DE ENTREVISTA

### Entrevistado

Cargo que ocupa:

Local de atuação:

E-mail para contato:

### Roteiro

Proposição de exercício com mapa do local impresso: assinalar no mapa com quais outros locais se relaciona e quais são os possíveis trajetos que seu público faz.

Nesta secretaria, órgão ou estrutura municipal existe alguma atividade ou projeto que estabeleça esta relação?

Se sim: Qual público a utiliza?

Que potencialidades ou benefícios você vê nesta experiência?

Que setores estão envolvidos nesta experiência?

Se não: Você já pensou em desenvolver alguma atividade ou projeto que estabeleça esta relação?

Se chegou a propor, qual foi o obstáculo para a execução?

Você vê ou mesmo imagina outras possibilidades de uso e novas conexões entre o local em que está e outras estruturas da prefeitura, nas áreas da saúde, ensino e arte?

Pela sua observação, quais outros equipamentos em secretarias, órgãos ou estruturas municipais poderiam estabelecer esta relação?

Você conhece alguma estrutura que não seja municipal mas que poderia estabelecer esta relação?

O que você pensa ou conhece sobre a relação entre arte, cuidado e ensino na saúde?

## APÊNDICE E – AÇÃO DE FORMAÇÃO SOBRE ARTE NO CUIDADO E NA EDUCAÇÃO EM SAÚDE

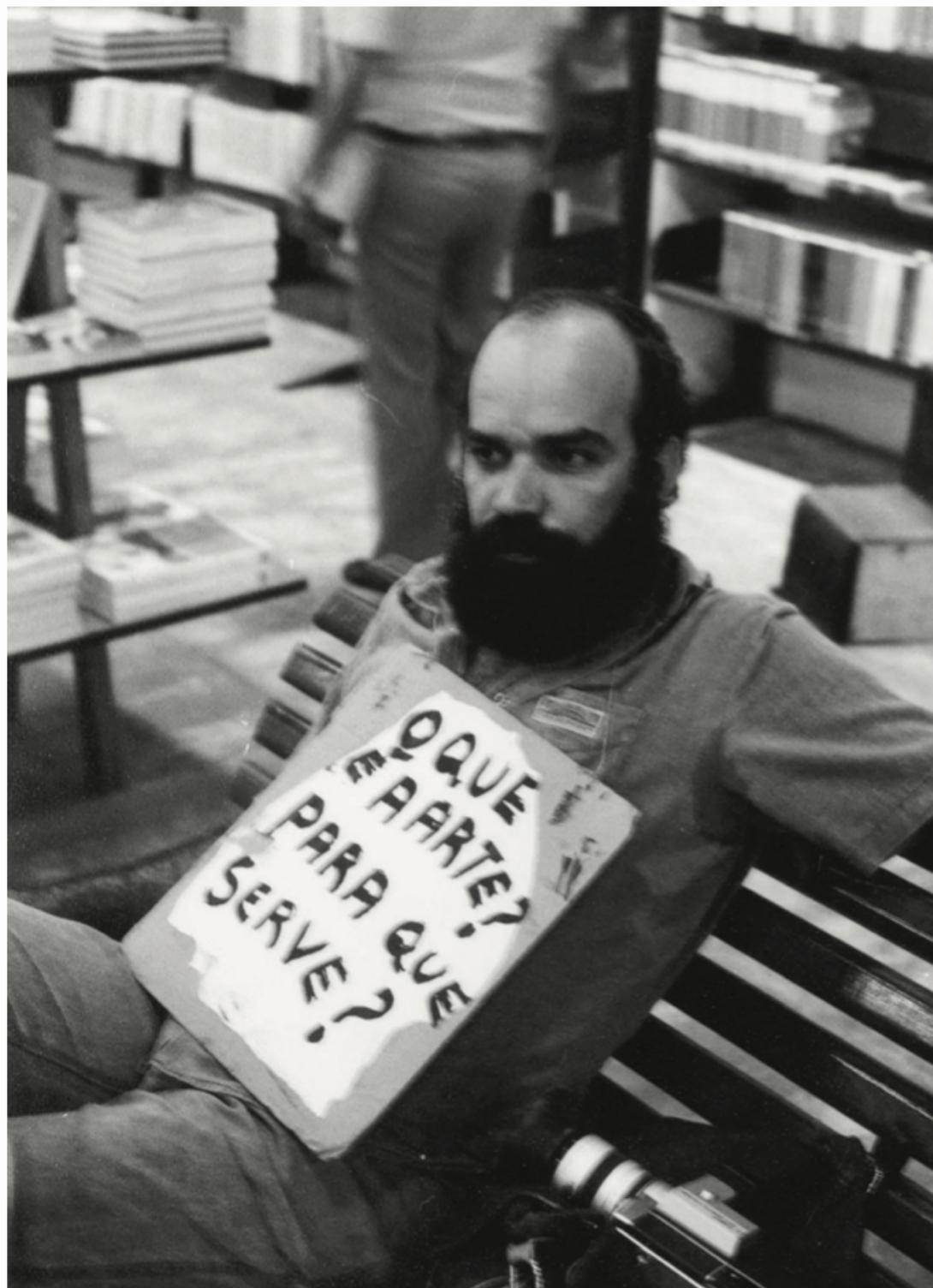


### **A INCLUSÃO DAS ARTES NO CUIDADO E NA EDUCAÇÃO EM SAÚDE**

AÇÃO DE FORMAÇÃO PARA RESIDENTES DA  
ATENÇÃO PRIMÁRIA -  
MESTRANDA LEILA COFFY



Uýra (1991, Santarém, Pará) é uma entidade híbrida, o entrelaçar dos conhecimentos científicos da biologia às sabedorias ancestrais indígenas. Chama as plantas por seus nomes populares e em latim, e assim evoca suas propriedades medicinais, seus gostos, seus cheiros, seus poderes. O resultado é uma compreensão complexa e intrincada da mata, um emaranhado de conhecimentos e buscas. Uýra se apresenta como “uma árvore que anda”. Nasceu em 2016, durante o processo de impeachment de Dilma Rousseff, quando a bióloga decidiu expandir sua pesquisa acadêmica e buscar formas de levar o debate sobre a conservação ambiental e os direitos indígenas e LGBT+ às comunidades de Manaus e seus arredores. Em aulas de arte e biologia, ou performances fotográficas, em maquiagens e camuflagens, em textos e instalações, o que Uýra faz é falar desde a floresta e com ela.



## O QUE É ARTE PARA QUE SERVE?

Em 1978, Paulo Bruscky caminha com uma placa pendurada no pescoço pelas ruas de Recife. À maneira dos homens-sanduíche, que emprestam seu corpo para anúncios diversos, é o próprio artista quem suporta em seu corpo o peso da dúvida existencial: O que é arte? Na vitrine da Livraria Moderna, coloca-se como sujeito e objeto do questionamento que formula. Sua presença irônica sugere a seguinte constatação: a dúvida é o locus privilegiado da arte contemporânea.

Portfolio de Paulo Bruscky, galeria Nara Roesler

Segundo Fancourt e Finn (2019), em relação à pesquisa em saúde, o engajamento com as artes é proposto em cinco grandes categorias:

0 1 Artes cênicas: música, dança, teatro, canto e cinema;

0 2 Artes visuais, design e artesanato: artesanato, design, pintura, fotografia, escultura e têxteis;

0 3 Literatura: escrever, ler e participar de festivais literários;

0 4 Cultura: ir a museus, galerias, exposições de arte, concertos, teatro, eventos comunitários, festivais e feiras culturais e;

0 5 Artes on-line, digitais e eletrônicas: animações, cinema e computação gráfica.

# QUAIS SÃO AS EVIDÊNCIAS SOBRE O PAPEL DAS ARTES NA MELHORIA DA SAÚDE E DO BEM-ESTAR?



- Mapeia evidências sobre o papel das artes na melhoria da saúde e do bem-estar;
- Resultados dos estudos descritos identificaram um papel importante para as artes na prevenção de doenças, promoção da saúde e gerenciamento e tratamento de doenças ao longo da vida;
- Prevenção e promoção: podem afetar os determinantes sociais da saúde, auxiliar o desenvolvimento infantil, encorajar comportamentos de promoção da saúde, ajudar a prevenir doenças e apoiar cuidadores;
- Gestão e tratamento: podem ajudar pessoas com doenças mentais, auxiliar no cuidado de pessoas com condições agudas, ajudar a apoiar as pessoas com transtornos de desenvolvimento e distúrbios neurológicos, auxiliar no manejo de doenças não transmissíveis e apoiar cuidados paliativos.

# QUAIS SÃO AS EVIDÊNCIAS SOBRE O PAPEL DAS ARTES NA MELHORIA DA SAÚDE E DO BEM-ESTAR?



Indica estratégias para o fortalecimento do aspecto intersetorial do campo das artes e da saúde, e das estruturas e mecanismos de colaboração entre os setores da cultura, da assistência social e da saúde:

- Introdução de programas financiados por diversos orçamentos;
- Introdução ou incremento das artes em linhas de cuidado de programas de saúde e assistência social;
- Inclusão da educação em artes e humanidades no treinamento de profissionais de saúde para melhorar suas habilidades clínicas, pessoais e de comunicação.

## PRIMEIROS ACHADOS NAS ENTREVISTAS:

### **Mapeamento:**

Já existem muitas iniciativas de mapeamento mas precisam ser acessíveis: permitirem cadastros por quem consulta, serem atrativas, receberem apoio para consolidação;

### **Conhecimento dos profissionais:**

Viés das entrevistas com interessados no assunto, desafio de estabelecer a conexão entre eles, utilização de propostas como o Cidade Educadora;

### **Formação dos profissionais:**

Presença do assunto na formação pode sensibilizá-los.

## Pixação SP, 29ª Bienal de São Paulo

Grafite, pichação e pixação: mudança no entendimento do que é arte e absorção da linguagem pelas instituições:

2008, na 28ª Bienal de São Paulo: "Grupo de pichadores ataca prédio da Bienal em SP"

2010, na 29ª Bienal de São Paulo: "Após invasão em 2008, pichadores são convidados a voltar à Bienal"

Desdobramentos: Pixação e o circuito artístico brasileiro: ambiguidades e convergências



## Pixação SP, 29ª Bienal de São Paulo

A Pixação em São Paulo (grafada aqui com "x" para diferenciá-la, como fazem seus praticantes, da pichação política também presente na cidade) é uma manifestação visual que traz, embutida nas práticas e imagens criadas sobre muros e edifícios, uma visão de mundo que não cabe nos acordos que regem e limitam a vida urbana. A pixação fala de algo que de outro modo não seria visto e que, não fosse justamente por meio da grafia aparentemente cifrada, dificilmente seria dito.





# ARTHUR BISPO DO ROSÁRIO

JAPARATUBA, 1909-1911 – RIO DE JANEIRO, 1989

Arthur Bispo do Rosário, que carregava todos os estigmas de marginalização social ainda vigentes em nossa sociedade – negro, pobre, louco, asilado em um manicômio – consegue, na sua genialidade, subverter a lógica excludente propondo, a partir da sua obra, a ressignificação do universo, para ser reunido e apresentado no dia do juízo final. Sua missão chegou ao fim aos 80 anos, no dia 5 julho de 1989, dia da sua morte.

[Museu Bispo do Rosário](#)

Manto da Apresentação



## ARTHUR BISPO DO ROSÁRIO

Na Colônia Juliano Moreira, após um período de confinamento, relata que “ouviu vozes que lhe diziam que chegara a hora de representar todas as coisas existentes na Terra para a apresentação no dia do juízo final”. Decide, por sua conta, trancar-se por sete anos numa das celas para, com agulha e linha, bordar a escrita de seus estandartes e fragmentos de tecido. As linhas azuis, desfiava dos velhos uniformes dos internos, e objetos tais como canecas, pedaços de madeiras, arame, vassoura, papelão, fios de varal, garrafas e materiais diversos que ele obtinha em refugos na Colônia.

Bispo não aceitava se separar de sua obra e não se considerava artista. Para ele, tudo era fruto de uma missão que um dia seria revelada no dia do juízo final.

Portfólio de Práticas Inspiradoras em Atenção Psicossocial: Grupo de Ouvidores de Vozes: do ouvir ao escutar; Hearing Voices Movement



## EXERCÍCIO:

Pensar em uma situação ou problema de saúde em que a abordagem poderia ser através das artes e elaborar uma proposta para execução.

## REFLEXÃO SOBRE ARTE:

- O contato com as artes pode ser benéfico para os indivíduos?
- Em que momento da minha formação em saúde este contato poderia ter sido importante?

## APÊNDICE F – E-BOOK “UMA CARTOGRAFIA PARA A INCLUSÃO DAS ARTES NO CUIDADO E NA EDUCAÇÃO EM SAÚDE”

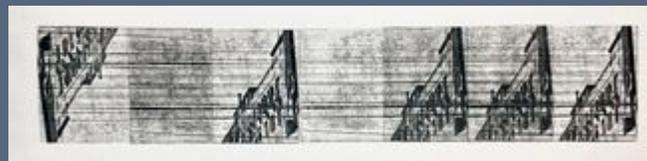
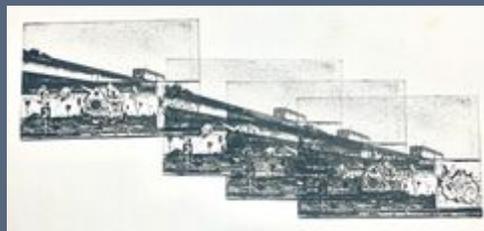


# Conteúdo

Porque incluir as artes no cuidado e na educação em saúde?	03
Como incluir as artes?	04
Conhecendo o território	05
Buscando possíveis parceiros	06
Utilizando ferramentas de georreferenciamento	08
Admirando algumas experiências	09



Capa,  
Colagem,  
"de guias  
antigos da  
cidade".



Páginas 4, 7 e 12,  
Fotogravuras,  
"de paisagens urbanas".

# Porque incluir as artes no cuidado e na educação em saúde?

As artes podem desempenhar um papel importante na prevenção de doenças, promoção da saúde e gerenciamento e tratamento de doenças ao longo da vida.

Quando falamos em arte aqui, podemos pensar em **cinco grandes categorias**:

1 - Artes cênicas: música, dança, teatro, canto e cinema;

2 - Artes visuais, design e artesanato: artesanato, design, pintura, fotografia, escultura e têxteis;

3 - Literatura: escrever, ler e participar de festivais literários;

4 - Cultura: ir a museus, galerias, exposições de arte, concertos, teatro, eventos comunitários, festivais e feiras culturais e;

5 - Artes on-line, digitais e eletrônicas: animações, cinema e computação gráfica.

**Evidências mostram** que na **prevenção e promoção da saúde** podem afetar os determinantes sociais da saúde, auxiliar o desenvolvimento infantil, encorajar comportamentos de promoção da saúde, ajudar a prevenir doenças e apoiar cuidadores. Na gestão e tratamento podem ajudar pessoas com doenças mentais, auxiliar no cuidado de pessoas com condições agudas, ajudar a apoiar as pessoas com transtornos de desenvolvimento e distúrbios neurológicos, auxiliar no manejo de doenças não transmissíveis e apoiar cuidados paliativos.

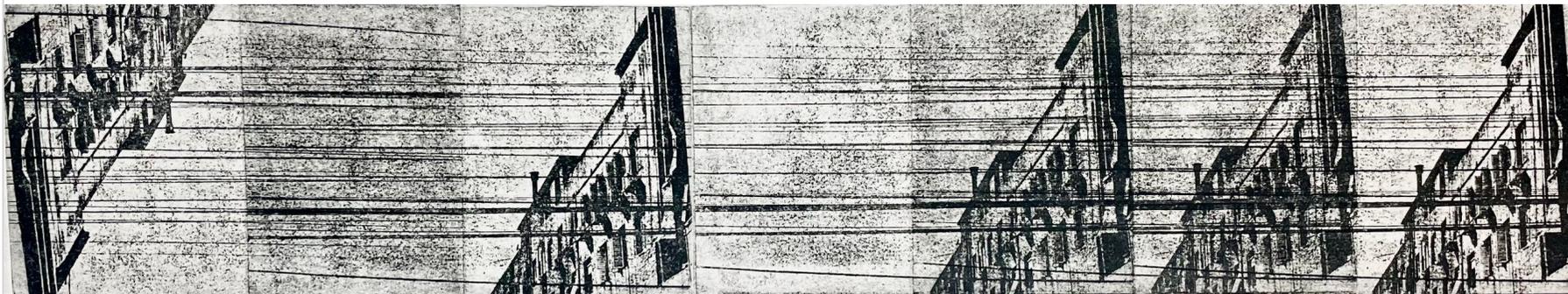
# Como incluir as artes?

As artes podem ressignificar os processos de trabalho em saúde, na direção de sua reconstrução como prática humanizada.

A vivência artística não somente dos usuários, mas também das equipes de saúde pode impregnar sua realidade com outros significados criados a partir da elaboração de memórias, sentimentos e reflexões suscitados pela arte.

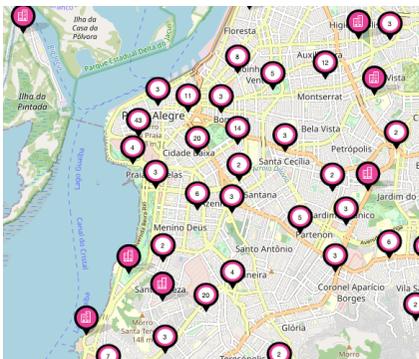
Neste sentido alguns movimentos são possíveis:

- **Conhecer o território** onde o serviço de saúde está localizado e mapeando seus equipamentos culturais;
- **Buscar possíveis parceiros** atuantes no município e através das ferramentas de georreferenciamento disponíveis;
- **Utilizar ferramentas de georreferenciamento** para organizar e compartilhar informações;
- **Observar outras experiências** na cidade.



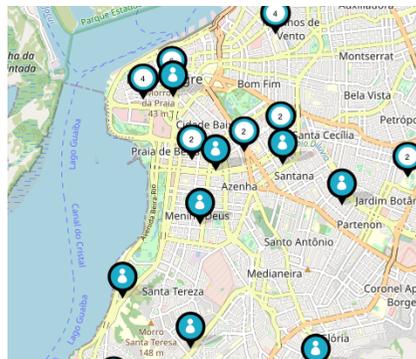


# Buscando possíveis parceiros



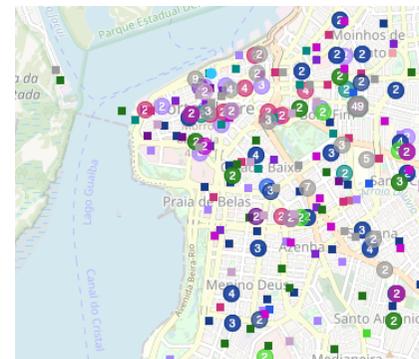
## Mapa da Cultura

Espaço que integra e dá visibilidade a projetos, artistas, espaços, eventos culturais e seus produtores, e é a principal base de informações e indicadores do Ministério da Cultura, reunindo informações do antigo Registro Aberto da Cultura, da Rede Cultura Viva, do Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas e do Cadastro Nacional de Museus.



## Rede Cultura Viva

Plataforma do Cadastro Nacional de Pontos e Pontões de Cultura, instituído pela Lei Cultura Viva, para incentivar e disseminar iniciativas culturais. Permite a autodeclaração por parte das entidades e coletivos culturais, e o reconhecimento por parte do Estado, estabelecendo uma relação direta entre os Pontos de Cultura, o Ministério da Cidadania, e entes federados parceiros.



## CulturaEduca

Abrange equipamentos educativos e culturais, com a possibilidade de sobrepor camadas de informação como dados de órgãos oficiais coletados por meio de pesquisas como os Censos Demográfico e Escolar, à dados levantados por cidadãos a partir de suas observações e vivências cotidianas.

---

## Buscando possíveis parceiros

---



### [Movimento Porto Alegre Cidade Educadora](#)

Em uma cidade educadora "a educação transcende as paredes da escola para impregnar toda a cidade. Uma educação para a cidadania, na qual todas as administrações assumem a sua responsabilidade na educação e na transformação da cidade num espaço de respeito pela vida e pela diversidade."

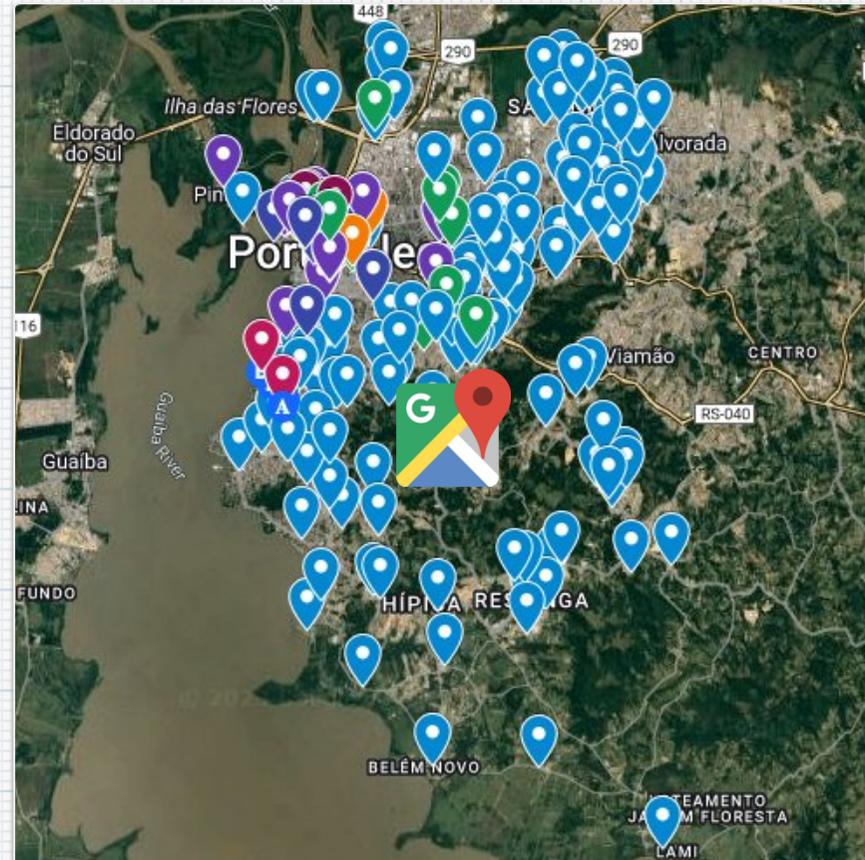
Em dezembro de 2021 Porto Alegre promulgou uma lei que dispõe sobre a autorização para a adesão à [Carta das Cidades Educadoras](#) e sobre o reingresso na [Associação Internacional das Cidades Educadoras](#). No município, o movimento Cidade Educadora é composto pelo Poder Executivo Municipal, instituições de ensino como a UFCPA, UFRGS, Unisinos, PUC - RS e os colégios Monteiro Lobato, Marista Rosário e Farroupilha. Também fazem parte o Pacto Alegre, Instituto Caldeira, Galpão Cultural, Ong Misturaí, Ong Espalhe Amor, APAC Porto Alegre, Poa Inquieta e Prefeito das Praças.

---

---

# Utilizando ferramentas de georreferenciamento

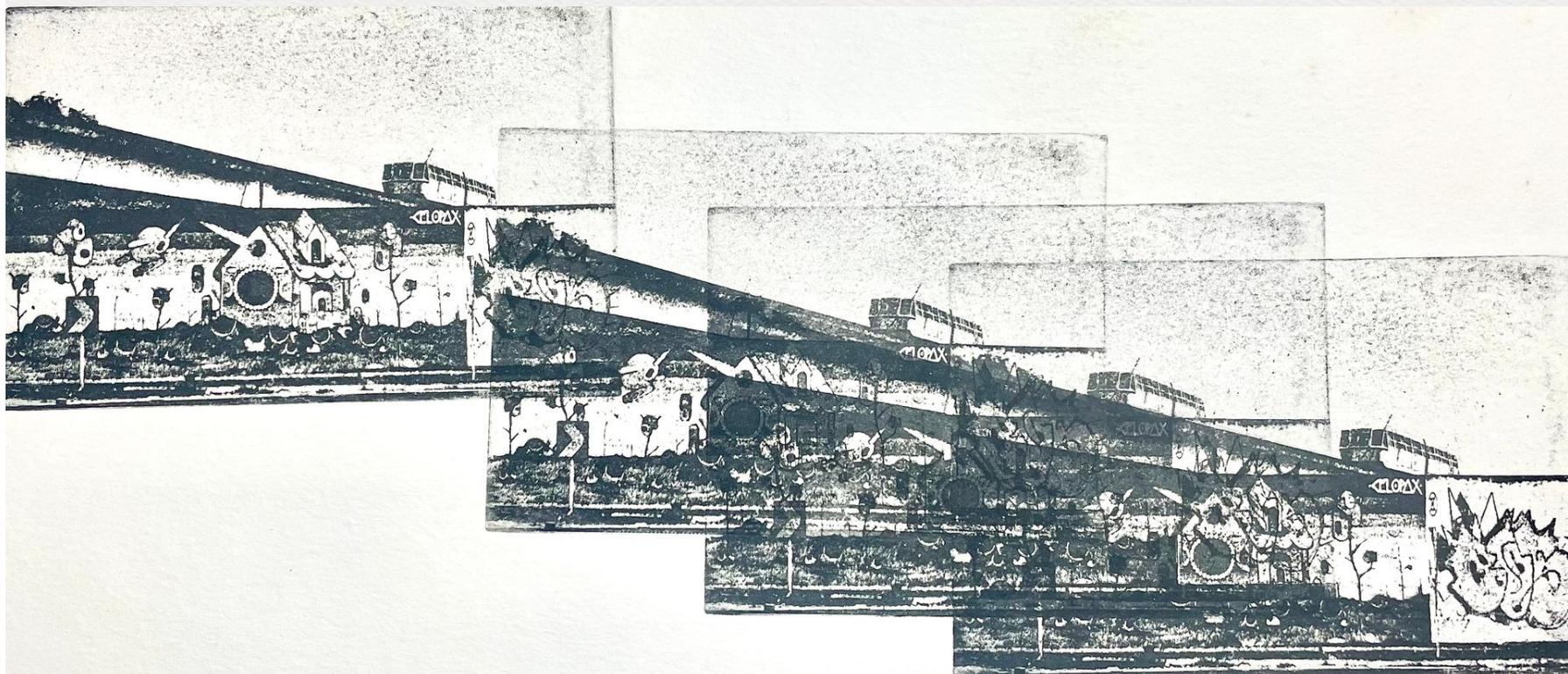
Ferramentas de georreferenciamento podem auxiliar a organizar e compartilhar informações, como o *Google Maps*, utilizado nesta pesquisa.



UMA CARTOGRAFIA PARA INCLUSÃO DAS ARTES NO CUIDADO E NA E...

# Admirando algumas experiências na cidade

Alguns lugares visitados para esta pesquisa têm as artes em sua essência, no ensino e no cuidado em saúde e podem inspirar novas ideias.

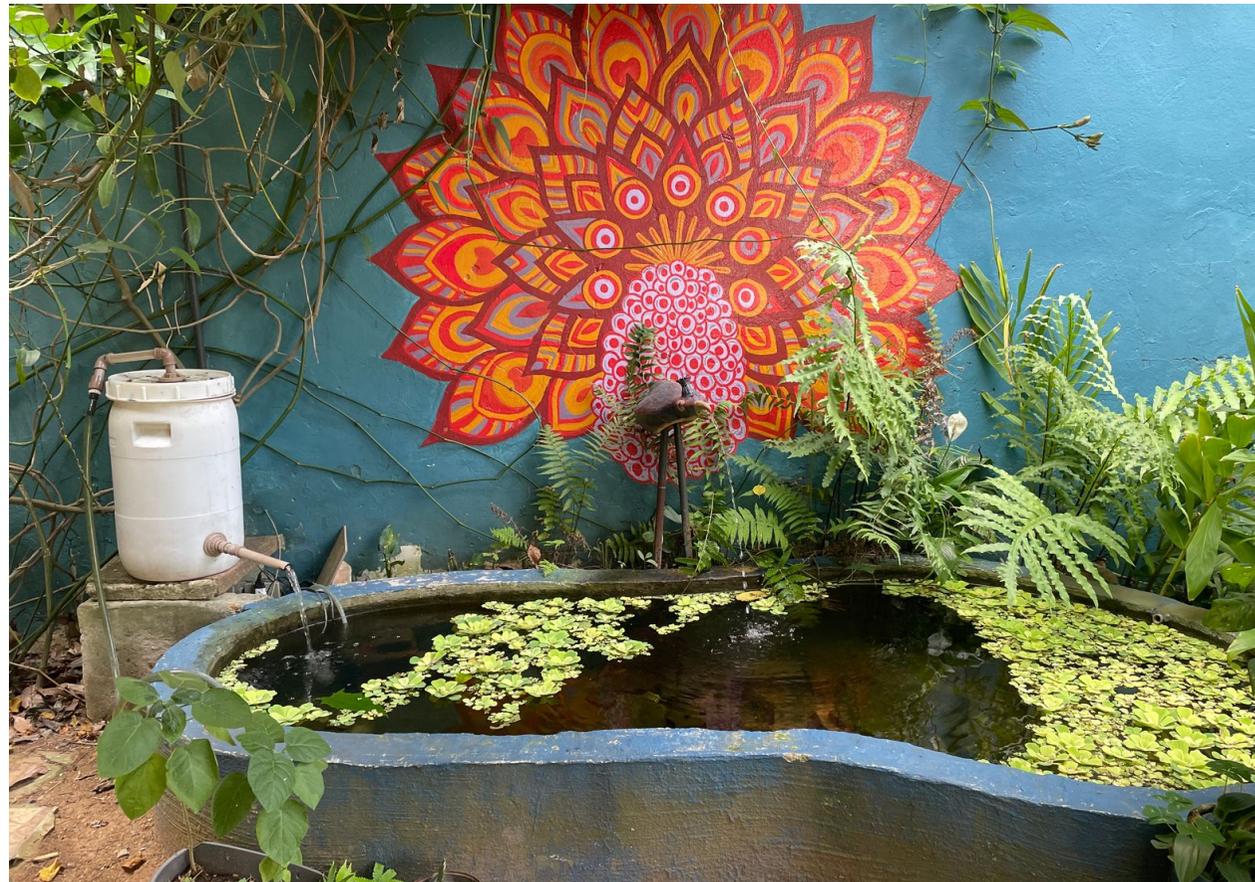




## Centro Municipal de Educação dos Trabalhadores Paulo Freire

É a única escola que se dedica exclusivamente à Educação de Jovens e Adultos no município, e funciona nos turnos manhã, tarde e noite, atendendo jovens a partir de 15 anos e adultos.

Além das disciplinas de português, matemática, ciências, história, geografia, língua estrangeira, educação física e artes (visuais, música, teatro e dança), tem uma carga horária reservada para vivências ou oficinas, nas quais os alunos podem escolher o que desejam estudar entre leitura, escrita, biodança, costura, informática básica, produção de mídias, iniciação científica, arte ancestral e educação financeira.







[Leila Coffy](#)



[Rafael Arenhaldt](#)

Este e-book é um dos produtos realizados a partir da dissertação **UMA CARTOGRAFIA PARA A INCLUSÃO DAS ARTES NO CUIDADO E NA EDUCAÇÃO EM SAÚDE**, apresentada ao [Programa de Pós Graduação em Ensino na Saúde](#), Mestrado Profissional, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Acesse por aqui: [UMA CARTOGRAFIA PARA INCLUSÃO DAS ARTES NO CUIDADO E NA EDUCAÇÃO EM SAÚDE](#)

BOOK CREATOR



UMA CARTOGRAFIA PARA A INCLUSÃO DAS ARTES NO CUIDADO E NA EDUCAÇÃO EM SAÚDE

Leila Coffy

